



FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Departamento de Química
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

ABORDAGEM DO TEMA DA SEXUALIDADE UTILIZANDO A MULTIMÉDIA

Rosa Marisa Vieira da Silva

PORTO
Julho de 2006



FC

Biblioteca
Faculdade de Ciências
Universidade do Porto



D000119416



FC

Universidade do Porto
Faculdade de Ciências



Abordagem do Tema da Sexualidade utilizando a Multimédia



UNIVERSIDADE DO PORTO
BIBLIOTECA
Sala _____
Coloc. <i>TMUP-126</i>
N.º <i>9442</i>
Depart. Química

Rosa Marisa Vieira da Silva

Dissertação do Mestrado em Educação Multimédia

Orientador: Prof. Doutor Duarte José de Vasconcelos da Costa Pereira

Co-Orientadora: Prof^a. Doutora Maria da Luz Bernardes Rodrigues Vale Dias

Porto
2006

“Veicular educação para a sexualidade, seja aos filhos, aos alunos, ou a quaisquer grupos de pessoas, deve assentar numa premissa importantíssima: a de que estamos para aprender com eles, para apontar caminhos, mas nunca impor as nossas escolhas pessoais, embora delas possamos e devamos falar”.

Jacinta e João Paiva

Resumo

Abordar a sexualidade na escola não é fácil. Devia sê-lo, mas não é.

Os jovens, actualmente, encontram-se numa sociedade em permanente mudança, onde as novas tecnologias de informação e comunicação estão inexoravelmente presentes. Encontram-se em constante exposição a mensagens (explícitas ou implícitas) alusivas ao sexo e à sexualidade e embora seja muito fácil o acesso a essa informação, por si só, ela não faz a sua Educação Sexual. Diante deste panorama torna-se clara a necessidade da intervenção da escola ao nível da Educação Sexual. Dentro do contexto educativo, os professores são os mais indicados para intervir sobre esta temática, pois ao longo da sua vida profissional e quase sem se aperceberem (quer pelas suas atitudes, linguagem e relacionamento pessoal), são de forma implícita ou explícita promotores de Educação Sexual. Mas na realidade ainda existem muitos professores que se sentem inseguros em relação a este tema. “Ensinar” Educação Sexual apresenta-se então como um desafio pedagógico para muitos professores.

Perante esta urgência de “educar” os jovens para a sexualidade e acompanhar o avanço das novas tecnologias, é imperativo encontrar novas formas de actuação e ferramentas que possam ajudar os alunos a viver a fase da adolescência com um conhecimento mais pleno do seu corpo tendo em conta os afectos e o seu relacionamento com os outros.

Esta investigação tem por objectivo averiguar se, será mais fácil para os professores abordarem o tema da sexualidade com os alunos utilizando o protótipo multimédia *“Abordar a sexualidade”*. Para a concretizar, construiu-se então um protótipo multimédia para averiguar as possibilidades da sua utilização, enquanto factor de motivação para os alunos e de criação de condições propícias à abordagem da temática da sexualidade por parte dos professores, recorrendo a um método essencialmente qualitativo realizando-se um estudo de caso.

Em termos globais, os resultados que se obtiveram revelaram-se bastante positivos. Pela observação das respostas dos questionários pudemos detectar ainda que a abordagem da sexualidade nas escolas é necessária e, como tal, esta pode ser feita pelos professores utilizando a multimédia como modo de introdução ao tema, recurso este constantemente utilizado pelos alunos e que sabemos que apela à sua motivação. Para isso é necessário que o professor também esteja actualizado sobre o tema da sexualidade, conheça as novas tecnologias e se as souber aplicar em contexto educativo irá estabelecer-se definitivamente uma relação vantajosa entre aluno-professor, o que pode contribuir para um maior dinamismo no processo ensino-aprendizagem e evitar constrangimentos na abordagem deste tema.

Abstract

To approach the sexuality in the school is not easy. It should be it, but it's not.

The young people, in these days, live in a society in permanent change, where the new technologies of information and communication are inexorably presents. They are in constant exhibition to messages (explicit or implicit) allusive to sex and sexuality and, although it's very easy the access to that information, by itself, it doesn't make their Sexual Education. Beyond this scenery it becomes clear the need of intervention of school at the level of Sexual Education. Inside of the educational context teachers are the most suitable to intervene on this theme, because along their professional life and almost without they notice (their attitudes, language and personal relationship) they are implicit or explicit promoters of Sexual Education. But in the reality, it still exist many teachers that fill insecure about this theme. To "teach" Sexual Education, it comes then as a pedagogic challenge for many teachers.

Beyond this urgency to "educate" the young people for sexuality and to accompany the progress of the new technologies, it's imperative to find new ways and tools, that can help the students to live the phase of adolescence with a fuller knowledge of their body, the affection and their relationship with the other.

This investigation has for goal to find out if, it will be easier for teachers to approach the theme of sexuality with the students using multimedia.

For to render, a prototype multimedia was built to discover the possibilities of their use, while motivation factor for the students and the creation of favourable conditions to the approach the theme of sexuality by the teachers, following a method essentially qualitative taking place a case study.

In global terms, the results obtain were quite positive. In the observation of the answers of questionnaires we could detect also, that the approach of sexuality in schools is necessary and it can be made by teachers using multimedia as a way to introduce the theme, resource constantly used by students and that we know it appeals to their motivation. For that, it's necessary that the teacher is also actualized on the theme of sexuality, know the new technologies and if he knows to apply them in educational context, he will find definitively, an advantageous relationship among student-teacher, what can contribute to a larger dynamism in the process teaching-learning and to avoid embarrassments in the approach of this theme.

Agradecimentos

Ao meu marido, Luís

Aos meus pais, António e Júlia e irmãos, Patrícia e Filipe

Aos meus sogros, José e Maria Fernanda e cunhadas, Ana e Sara

Aos meus orientadores, Prof. Doutor Duarte Costa Pereira e Prof^a.

Doutora Maria da Luz Vale Dias, pela sua paciência, ajuda e incentivo

Aos meus amigos, em especial ao Luís Monteiro por todos os seus
cinco minutos dispensados,

Aos colegas de mestrado e a todas as pessoas que directa ou
indirectamente participaram na concretização deste projecto.

Índice de Conteúdos

Capítulo I – Introdução	7
1.1 – O problema e o objectivo	7
1.2 – A organização da dissertação	9
Parte 1 – Fundamentação Teórica	10
Capítulo II – As novas tecnologias, os professores e a educação sexual	11
2.1 – As novas tecnologias e os professores	11
2.2 – As novas tecnologias e a educação sexual	13
Capítulo III – A sexualidade em meio escolar	21
3.1 - Sexualidade	21
3.1.1 Educação Sexual	23
3.1.2 - Educação Sexual em Portugal: perspectiva histórica e quadro actual	24
3.2 - A Sexualidade e o Processo de Desenvolvimento Pessoal	28
3.2.1 - Adolescência: uma etapa no processo de desenvolvimento	28
3.2.2 – O acesso à idade adulta	31
3.3 - As transformações físicas e psicossociais na adolescência	31
3.3.1 - Crescimento físico	31
3.3.2 - Desenvolvimento psicossocial	33
3.4 - Relações interpessoais na adolescência	35
3.4.1 - Relações familiares	35
3.4.2 - O grupo de companheiros/ os pares	36
3.4.3 - Relações de intimidade	37
3.5 - Os adolescentes e a sexualidade	38
3.5.1. – “A descoberta” da sexualidade	38
3.5.2. - Comportamento sexual dos adolescentes	40
3.6 - Agentes de formação / Informação sobre a sexualidade	41
3.6.1 - A Escola	41
3.6.2 - Os Professores	43
3.6.3 - A Escola e a Família	44
3.6.4 – Os meios de Comunicação Social	46
Parte 2 – Estudo de Caso	48
Capítulo IV – Descrição do protótipo de CD-ROM: “Abordar a Sexualidade”	49
4.1 – O software educativo - “Abordar a Sexualidade”	49

4.1.1 – Construção do software educativo -----	49
4.2 – O protótipo desenvolvido-----	56
Capítulo V – Análise de caso-----	68
5.1 Metodologia-----	68
5.1.1 - Amostra-----	68
5.1.2 - Instrumentos Utilizados-----	68
5.1.3 – Procedimento-----	69
5.2 - Análise de dados-----	69
5.2.1 – Análise dos conhecimentos dos professores sobre a Sexualidade -----	69
5.2.2 - Avaliação do software educativo -----	78
Capítulo VI – Considerações gerais-----	85
6.1 – Conclusões-----	85
6.2 – Sugestões para o futuro-----	88
Bibliografia -----	90
Anexo 1 -----	97
Anexo 2 -----	102
Anexo 3 -----	104
Anexo 4 -----	115
Anexo 5 -----	117

Índice de Figuras

Figura 1 – Sexualidades	14
Figura 2 – Educação Sexual – Texto Editora	15
Figura 3 – Sem Tabus – Escola E.B. 2,3 de Mondim de Basto	15
Figura 4 – Saúde e Sexualidade Juvenil – Instituto Português da Juventude	16
Figura 5 – Sexualidade/Sexualidades – Universidade de Évora	16
Figura 6 – Educação Sexual – Escola Secundária de Tondela	17
Figura 7 – Pilado – Organon, França	17
Figura 8 – RU THINKING ABOUT IT? - Teenage Pregnancy Unit, UK	17
Figura 9 – Sexual Health – Network, USA.....	18
Figura 10 - TEEN WIRE - Planned Parenthood Federation of America.....	18
Figura 11 - I WANNA KNOW - American Social Health Association	19
Figura 12 – CJASM – Centro Joven de Anticoncepción y Sexualidad de Madrid	19
Figura 13 – As dimensões da sexualidade.....	22
Figura 14 – <i>Storyboard</i> do protótipo.....	52
Figura 15 – Menu do tema “Corpo em Crescimento”	60
Figura 16 – Menu do tema “Expressões da Sexualidade”	61
Figura 17 – Menu do tema “Relações Interpessoais”	62
Figura 18 – Menu do tema “Saúde Sexual e Reprodutiva”	63
Figura 19 e 20 – Páginas iniciais dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”	64
Figuras 21 e 22 – Páginas iniciais dos sub-temas “Papéis Sexuais” e “Contraceção”	64
Figuras 23 e 24 – Páginas das Sugestões dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”	65
Figuras 25 e 26 – Páginas das Sugestões dos sub-temas “Noção de Sexualidade” e “Contraceção”	65
Figuras 27 e 28 – Páginas das Actividades dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”	66
Figuras 29 e 30 – Páginas das Actividades dos sub-temas “Noção de Sexualidade” e “Contraceção”	66
Figuras 31 e 32 – Páginas da Ajuda dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”	67
Figuras 33 e 34 – Páginas da Ajuda dos sub-temas “Noção de Sexualidade” e “Contraceção”	67
Figuras 35 e 36 – Páginas introdutórias do CD.....	105
Figura 37 – Página Inicial	105
Figura 38 – Botão para entrar.....	105

Figura 39 – Menu Principal	106
Figura 40 – Botão para voltar início do CD.....	106
Figuras 41 e 42 – Botão de “som” e botão “sem som”	107
Figura 43 – Botão para sair	107
Figura 44 – Página de saída.....	107
Figura 45 – Menu principal com o tema 1 “Corpo em Crescimento” seleccionado.....	108
Figura 46 – Menu principal com o tema 2 “Expressões da Sexualidade” seleccionado	108
Figura 47 – Menu principal com o tema 3 “Relações Interpessoais” seleccionado	108
Figura 48 – Menu principal com o tema 4 “Saúde Sexual e Reprodutiva”seleccionado.....	108
Figura 49 – Menu do tema “Corpo em Crescimento”	109
Figura 50 – Menu do tema “Expressões da Sexualidade”	109
Figura 51 – Menu do tema “Relações Interpessoais”	109
Figura 52 – Menu do tema “Saúde Sexual e Reprodutiva”	109
Figura 53 – Botão para voltar ao menu principal.....	110
Figura 54 – Página inicial do sub-tema “Mudanças na Puberdade”	110
Figura 55 – Página inicial do sub-tema “Noção de Sexualidade”	110
Figura 56 – Página inicial do sub-tema “Papéis Sexuais”	110
Figura 57 – Página inicial do sub-tema “Contracepção”	110
Figura 58 – Cabeçalho da página do sub-tema Mudanças na Puberdade	111
Figura 59 – Barra lateral da página	111
Figuras 60 e 61 – Páginas das sugestões 1 e 2 do sub-tema “Mudanças na Puberdade”	111
Figuras 62 e 63 – Páginas das sugestões 1 e 2 do sub-tema “Noção de Sexualidade”	112
Figura 64 – Página da sugestão 1 do sub-tema “Papéis Sexuais”	112
Figura 65 – Página da sugestão 1 do sub-tema “Contracepção”	112
Figuras 66 e 67 – Páginas das actividades 1 e 2 do sub-tema “Mudanças na Puberdade”	112
Figura 68 – Página da actividade 1 do sub-tema “Noção de Sexualidade”	113
Figura 69 – Página da actividade 1 do sub-tema “Papéis Sexuais”	113
Figuras 70 e 71 – Páginas das actividades 1 e 2 do sub-tema “Contracepção”	113
Figura 72 – Página da ajuda do sub-tema “Mudanças na Puberdade”	113
Figura 73 – Página da ajuda do sub-tema “Noção de Sexualidade”	113
Figura 74 – Página da ajuda do sub-tema “Papéis sexuais”	113
Figura 75 – Página da ajuda do sub-tema “Contracepção”	113
Figura 76 – Botão para voltar à página inicial do sub-tema “Mudanças na Puberdade” (p.ex.)	114
Figura 77 – Botão para voltar ao menu do tema 1 “Corpo em Crescimento” (p.ex.)	114
Figura 78 – Botão para sair	114

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Importância da abordagem do tema da Sexualidade nas Escolas -----	70
Gráfico 2 – Introdução do tema da Sexualidade no ensino básico ou secundário -----	70
Gráfico 3 – Análise do nível de conhecimentos sobre o tema da sexualidade -----	70
Gráfico 4 – Conhecimento de materiais educativos utilizados no ensino do tema -----	71
Gráfico 5 – Conhecimento de estratégias utilizadas no ensino do tema -----	71
Gráfico 6 – Avaliação do grau de interesse pelo tema da sexualidade -----	72
Gráfico 7 – Análise da naturalidade na abordagem do tema com os alunos -----	72
Gráfico 8 – Análise da quantidade de informação que possui sobre o tema -----	72
Gráfico 9 – Frequência em acções de formação relacionadas com a sexualidade -----	73
Gráfico 10 – Análise dos sub-temas do tema da sexualidade mais difíceis de abordar -----	74
Gráfico 11 – Análise dos sub- temas do tema da sexualidade mais fáceis de abordar -----	74
Gráfico 12 – Todos os professores deviam falar deste tema com os alunos -----	75
Gráfico 13 – Análise da Educação Sexual como disciplina autónoma -----	75
Gráfico 14 – Abordagem do tema da Sexualidade nas aulas com os alunos -----	76
Gráfico 15 – Motivação dos alunos aquando da abordagem do tema nas aulas -----	77
Gráfico 16 – Utilização da multimédia como factor motivador para os alunos -----	77
Gráfico 17 – Linguagem do protótipo -----	78
Gráfico 18 – Aspecto visual do protótipo -----	78
Gráfico 19 – Quantidade de informação inserida no protótipo -----	78
Gráfico 20 – Estratégias utilizadas no protótipo adequadas a cada sub-tema -----	79
Gráfico 21 – Recursos utilizados no protótipo adequados a cada sub-tema -----	79
Gráfico 22 – Qualidade dos recursos utilizados no protótipo -----	79
Gráfico 23 – Abordagem do essencial de cada um dos sub-temas da sexualidade -----	80
Gráfico 24 – Coerência na construção do protótipo -----	80
Gráfico 25 – Avaliação da utilização da multimédia na abordagem do tema -----	81
Gráfico 26 – Exploração do protótipo -----	81
Gráfico 27 – Avaliação do protótipo como ferramenta de ajuda à introdução do tema -----	82
Gráfico 28 – Avaliação da ferramenta como modo facilitador da introdução do tema -----	82
Gráfico 29 – Análise da ferramenta como possível ajuda para os professores -----	82
Gráfico 30 – Avaliação da motivação dos alunos para o tema utilizando a multimédia -----	83
Gráfico 31 – Avaliação da diferença que fará introduzir o tema através da multimédia -----	83

Índice de Quadros

Quadro 1 – Descrição dos sites “Sexualidades” e “Educação Sexual – Texto Editora” 98

Quadro 2 – Descrição dos sites “Sem Tabus” e “Saúde e Sexualidade Juvenil – IPJ” 98

Quadro 3 – Descrição dos sites “Sexualidade/Sexualidades” e “Educação Sexual ” 99

Quadro 4 – Descrição dos sites “PILADO” e “R U THINKING ABOUT IT?” 99

Quadro 5 – Descrição dos sites “SEXUAL HEALTH” e “TEEN WIRE” 100

Quadro 6 – Descrição dos sites “I WANNA KNOW” e “CJASM” 101

Quadro 7 - Caracterização da amostra 116

Capítulo I – Introdução

1.1 – O problema e o objectivo

Abordar a sexualidade na escola não é fácil. Devia sê-lo, mas não é.

Os jovens, actualmente, encontram-se numa sociedade em permanente mudança onde as tecnologias de informação e comunicação estão inexoravelmente presentes. Encontram-se em constante exposição a mensagens (explícitas ou implícitas) alusivas ao sexo e à sexualidade e embora seja muito fácil o acesso a essa informação, por si só, ela não faz a sua Educação Sexual. Estes necessitam de ajuda para aprenderem a processar essas mensagens provenientes das diferentes fontes de informação que lhes são transmitidas diariamente.

Diante deste panorama torna-se clara a necessidade da intervenção da escola ao nível da Educação Sexual. Esta terá como objectivo informar e ajudar os jovens a tomar decisões responsáveis no que respeita às relações que têm com os outros.

Dentro do contexto educativo, os professores são os mais indicados para intervir sobre esta temática, pois ao longo da sua vida profissional e quase sem se aperceberem (quer pelas suas atitudes, linguagem e relacionamento pessoal), são de forma implícita ou explícita promotores de Educação Sexual.

Mas na realidade ainda existem muitos professores que se sentem inseguros em relação a este tema. Sentem insegurança face ao que devem ou não dizer, insegurança face a possíveis reacções dos alunos ou das suas famílias, insegurança por vezes face aos próprios colegas e principalmente insegurança face ao modo como abordar esta temática com os alunos.

De acordo com esta perspectiva “ensinar” Educação Sexual apresenta-se como um desafio pedagógico para muitos professores. Estes sentem que nesta nova era de informação, é indispensável a procura de um modo facilitador e acessível para abordar esta temática com alunos e que acima de tudo contribua de forma positiva e motivadora para o seu processo de ensino-aprendizagem.

Como tal, os professores necessitam de repensar as suas práticas educativas e acompanhar este avanço tecnológico, utilizando da melhor forma as novas tecnologias para motivar e incentivar os alunos para a abordagem desta temática, sendo esta ainda considerada para muitos como um *tabu* na nossa sociedade.

No entanto, na sequência das ideias anteriores, os professores ainda se deparam com muitas questões para as quais não têm e não sabem como obter resposta. Nós, enquanto professores de Ciências Naturais, também nos deparamos com algumas dificuldades, pois esta temática encontra-se incluída no programa de 9º ano da disciplina.

Nesta faixa etária os alunos começam a despertar mais intensamente para a sua sexualidade e a ter consciência da mesma. O nosso objectivo enquanto educadores deve ser ajudá-los a viver uma sexualidade mais responsável e informada.

Perante esta urgência de “educar” os jovens para a sexualidade e acompanhar o avanço das novas tecnologias, é imperativo encontrar novas formas de actuação e ferramentas que possam ajudar os alunos a viver a fase da adolescência com um conhecimento mais pleno do seu corpo tendo em conta os afectos e o seu relacionamento com os outros. Mas como os ajudar? De novo somos assaltados por várias questões que passam por:

- Face à sexualidade, como abordar o tema com os alunos sem que ambos, alunos e professores se sintam constrangidos? Será através da multimédia?
- Quais os recursos multimédia a utilizar para abordar o tema com os alunos?
- Serão as condições das escolas favoráveis ao uso da multimédia como forma de abordagem do tema aos alunos?
- Encontrando-se os alunos já bastante familiarizados com as novas tecnologias, serão estas, um recurso motivador para os mesmos na abordagem desta temática?
- Demonstrarão os alunos mais interesse em falar deste tema, sendo este abordado com a multimédia?
- Será mais fácil também para o professor introduzir esta temática nas suas aulas através da multimédia?

Diante da constatação das dificuldades reunidas por parte dos professores sobre como abordar o tema da sexualidade com os alunos tendo em conta o avanço das novas tecnologias, foi levantada a seguinte hipótese de investigação:

Será mais fácil para os professores abordarem o tema da sexualidade com os alunos utilizando o protótipo multimédia “Abordar a sexualidade”?

Para tentar dar uma resposta a este problema projectou-se a construção um protótipo multimédia “*Abordar a sexualidade*” para averiguar as possibilidades da sua utilização, enquanto factor de motivação para os alunos e de criação de condições propícias à abordagem da temática da sexualidade por parte dos professores.

Este protótipo multimédia “*Abordar a Sexualidade*” é constituído por quatro temas gerais relacionados com as várias dimensões da sexualidade e encontra-se descrito no capítulo IV desta dissertação.

1.2 – A organização da dissertação

Esta dissertação é constituída por 6 capítulos, sendo o último designado por considerações gerais.

O capítulo I corresponde à introdução, onde figuram a formulação do problema e os objectivos deste estudo.

Os capítulos II e III dizem respeito à fundamentação teórica.

O capítulo II pretende lançar um olhar sobre a integração das Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, o papel do professor e, mais concretamente, sobre o contributo e importância desta área no âmbito da abordagem do tema da sexualidade.

O capítulo III refere-se à descrição das dimensões e características da sexualidade, assim como o seu desenvolvimento em meio escolar.

Os capítulos IV e V têm por finalidade clarificar todos os passos levados a cabo no desenrolar do estudo de caso.

No capítulo IV é apresentada a descrição do software educativo, os seus temas e actividades assim como as considerações gerais sobre a sua construção.

O capítulo V refere-se à metodologia seguida na investigação empreendida e à análise de dados.

O capítulo VI engloba as considerações finais, onde se salientam as conclusões do estudo e as sugestões para o futuro.

A dissertação termina com a bibliografia e os anexos.

Parte 1 – Fundamentação Teórica

Capítulo II – As novas tecnologias, os professores e a educação sexual

2.1 – As novas tecnologias e os professores

“A eficácia da escola depende não só do Ministério da Educação, mas também do modo com são postos em acção os seus recursos humanos. Os professores terão de compreender a necessária revolução que a escola actual exige. Socializar e instruir, através do esforço de educar, têm de ser as palavras de ordem. Então é preciso que inovem, que encontrem nova estratégia de ensino, que de facto apoiem as iniciativas dos alunos, de modo a transformá-los em verdadeiros actores da mutação que é necessária”. (Sampaio, 1999).

Com uma sociedade rica em informação a escola já não embarga o monopólio do conhecimento. Actualmente, esta instituição deve ter como principal objectivo a preparação dos jovens para o mundo onde os computadores estão presentes. Todos os alunos devem estar aptos a usar a informação tecnológica quando saírem da escola.

No mundo dos computadores, da *Internet* e do universo multimédia o professor é chamado à mudança, vendo-se obrigado a repensar a sua profissão, as estratégias que utiliza e a lutar pela melhoria das práticas educativas.

Assim, os professores têm que estar abertos à crítica, encarar com humildade a realidade de se sujeitarem a um processo contínuo de actualização, assumindo o papel de aprendizes e, desenvolver competências que lhes permitam utilizar, principalmente, o computador com criatividade. Não podem deixar de ter em conta que o aluno deve ser encarado como o centro de todas as actividades educativas e que as mesmas devem ser diversificadas, potenciando aprendizagens significativas, autonomia e auto-confiança.

Actualmente o professor tem que lidar não apenas com o facto de saber utilizar as novas tecnologias que lhe são postas ao dispor, mas também com o desafio, muito mais complexo, de as integrar adequadamente no processo de ensino-aprendizagem. Para superar este desafio o professor necessita, por um lado, ser um explorador capaz de perceber o que lhe pode interessar e de apreender por si só e, por outro, ter em conta os condicionalismos associados à disponibilidade de recursos na escola em que está inserido.

Para aproximar a sua prática pedagógica da sociedade de informação, o docente, tal como o aluno, tem que estar sempre a aprender. Deste modo, professores e alunos tornam-se parceiros do mesmo processo de construção do conhecimento.

Esta alteração no processo de ensino-aprendizagem implica uma mudança profunda na forma de agir do professor. Este deixa de ter o habitual papel de transmissor de conhecimentos para passar a ser aquele que coloca desafios, oferece suporte personalizado e orienta um aluno que aprende activamente.

Dentro deste contexto temos também de ter em atenção, que por um lado ainda se encontram professores que recusam o uso das novas tecnologias e que sentem inclusivamente desconforto ao utilizá-las, preferindo trabalhar sem elas e, por outro, encontram-se aqueles que se sentem completamente integrados no mundo da tecnologia, que seguem com entusiasmo a sua evolução e inovação.

No entanto, o esforço pode ser benéfico tanto para professores como para os alunos.

Para concretizar a situação actual da realidade da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) em Portugal por partes dos professores, vai recorrer-se ao estudo "As Tecnologias de Informação e Comunicação: utilização pelos professores", que envolveu 19937 professores de todos os graus de ensino, excepto do superior, a leccionar no ano lectivo de 2001/2002, da responsabilidade do Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento (DAPP) do Ministério da Educação e coordenado por Jacinta Paiva, no âmbito do Programa Nónio Século XXI. Dele constam alguns números que merecem particular realce e sobre os quais convém reflectir, sobretudo porque espelham tendências dos docentes portugueses.

Aqui figuram alguns dados:

- A maioria (88%) dos professores tem equipamento informático em casa;
- 91% dos professores usam o computador e 65% fazem consultas na *Internet*;
- Os professores utilizam o *e-mail* principalmente para comunicar com os amigos (44%), no entanto, usam-no pouco com alunos;
- 81% recorre ao computador para preparar aulas: 94% só para fazer fichas/testes, 54% para pesquisar na *Internet* sobre os conteúdos da sua disciplina e 20% para fazer apresentações;
- A maioria (74%) não utiliza o computador nas salas de aula;
- O que os professores mais utilizam com os alunos são o processador de texto, a *Internet* e os CD-ROM's;
- Quase todos os professores (98%) revelam vontade e necessidade de formação na área da informática, em especial sobre *software* educativo (46%);
- 94% dos professores gostariam de saber mais sobre o uso das TIC em contexto educativo;

-
- Os professores que mais usam o computador para realizar tarefas diversificadas são os que tiveram auto-formação ou frequentaram acções de formação e que são jovens;
 - 78% acham que as TIC os ajudam a encontrar mais e melhor informação para a sua prática lectiva na *Internet*;
 - 65% consideram que as TIC tornam mais fáceis as suas rotinas de leccionação;
 - Cerca de metade (51%) diz ter recebido formação em TIC e conhecem as suas potencialidades, por outro lado, 68% consideram que estas lhes exigem novas competências na sala de aula;
 - 62% reconhecem que a TIC tornam as aulas mais motivadores para os alunos, 52% que as TIC encorajam os alunos a trabalhar em colaboração e 72% que ajudam os alunos a adquirirem conhecimentos novos e efectivos;
 - 55% diz estar motivado para usar as TIC com os alunos.

Apesar dos números apresentados não serem muito animadores, efectivamente, só 26% dos professores é que utilizam o computador na escola em interacção directa com os seus alunos. Sendo evidentes os valores baixos referentes à utilização das tecnologias de informação e comunicação é imperativo aumentar a utilização do computador na sala de aula portuguesa.

Embora todos criemos expectativas e emoções diferentes perante as novas tecnologias, a escola é, sem dúvida, o lugar ideal para que as novas gerações se familiarizem com os avanços tecnológicos, sendo a sua presença neste contexto impulsionada pelos professores, pais e alunos.

2.2 – As novas tecnologias e a educação sexual

O desenvolvimento das novas tecnologias fez aparecer novas formas de organizar o trabalho e de criar/produzir e distribuir produtos.

Relativamente à sexualidade, com o desenvolvimento das novas tecnologias, uma grande quantidade de informação começou a invadir os nossos jovens. Estes são confrontados diariamente com novas informações em todos os ambientes, nomeadamente na *Internet*. Área que estes dominam na perfeição e se não forem

orientados na sua navegação podem encontrar e assimilar muita informação que, por vezes, é contraditória, podendo ficar com ideias confusas sobre a sua sexualidade.

Actualmente a *Internet* é um recurso muito importante para os nossos jovens. Utilizam-na para enviar *e-mails*, conversar, pesquisar informação para trabalhos escolares, para jogar e também, para ter acesso a certas informações explícitas sobre sexualidade e sexo. Informações que não podem ser obtidas em meio familiar ou escolar, devido talvez à vergonha ou medo de perguntar, pois a temática da sexualidade actualmente, ainda continua a ser um tabu para muitos.

Sendo então a *Internet* um recurso tão utilizado pelos jovens e actualmente considerado o nosso mundo de informação, resolvemos averiguar sobre o que realmente existe neste, sobre a sexualidade e ES e, se este pode ou não contribuir para que os nossos jovens alcancem uma sexualidade mais informada e responsável.

Estarmos a enumerar ou descrever recursos existentes na *Internet*, será darmos uma informação muito pequena e incompleta à escala daquela que circula neste mundo. No entanto, a título de exemplo, indicamos apenas alguns sites e respectivos comentários descritivos sobre os mesmos, que possam eventualmente servir de começo nesta busca interminável de recursos. Os comentários que iremos fazer sobre cada site, são apenas o nosso ponto de vista baseado na nossa experiência pessoal enquanto docentes sobre os conteúdos que abordam e a sua apresentação, relativamente à temática da sexualidade.

Uma descrição mais detalhada sobre estes sites pode ser encontrada no anexo 1 deste trabalho, exposta em quadros, abrangendo os itens relativos ao interface, ao conteúdo e metodologias encontradas nos mesmos, sobre esta temática.

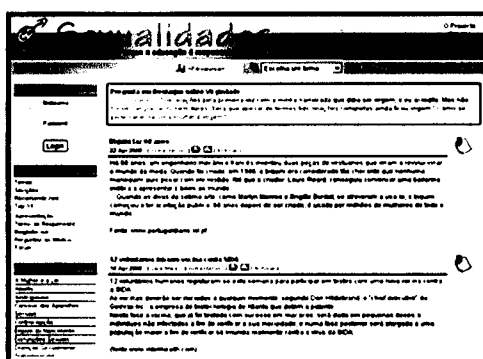


Figura 1 – Sexualidades (disponível em www.sexualidades.com)

O site apresentado na figura 1 exhibe um design simples, sóbrio e muito pouco apelativo. A informação escrita é de carácter técnico e muito variada, não sendo este

site muito adequado a um público-alvo jovem. Apresenta uma metodologia típica de pergunta/resposta e sugestões sobre esta temática.



Figura 2 – Educação Sexual – Texto Editora (disponível em www.educacao.te.pt)

Contrariamente à descrição do site anterior, este já se encontra mais adequado a um público-alvo jovem. Exibe um design apelativo e dinâmico apesar da sua navegação ser um pouco confusa. Contém informação escrita sobre temas mais adequados aos jovens, tais como comportamentos e preocupações dos adolescentes, assim como os mitos, que são usualmente considerados como verdades no seio destes. Apresenta também uma metodologia típica de pergunta/resposta sobre esta temática.

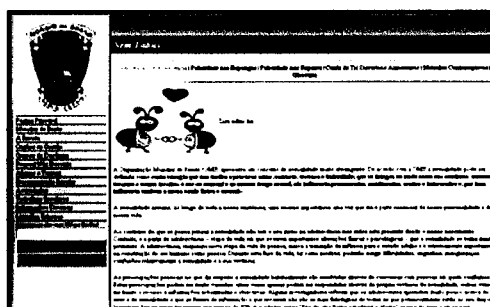


Figura 3 – Sem Tabus – Escola E.B. 2,3 de Mondim de Basto (disponível em www.eb23-mondim-basto.rcts.pt/sem-tabus.html)

O site apresentado acima, revela um design simples, pouco atractivo mas com uma navegação fácil e intuitiva. A informação escrita apresenta boa legibilidade mas a linguagem é pouco coerente. Contém conteúdos relativos aos aspectos morfo-fisiológicos da adolescência e desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Exibe também um glossário sobre esta temática.



Figura 4 – Saúde e Sexualidade Juvenil – Instituto Português da Juventude (disponível em <http://juventude.gov.pt/Portal/OutrosTemas/SaudeSexualidadeJuvenil/>)

Este site apesar de ser um recurso construído para a juventude, como o próprio nome indica, apresenta uma ausência total de imagens e um design sóbrio, pouco apelativo aos jovens mas coerente, sendo a sua navegação intuitiva.

A informação é apresentada sob a forma escrita abordando conteúdos sobre saúde sexual e comportamentos sexuais. A legibilidade dos mesmos é razoável, apresentando uma linguagem adequada.

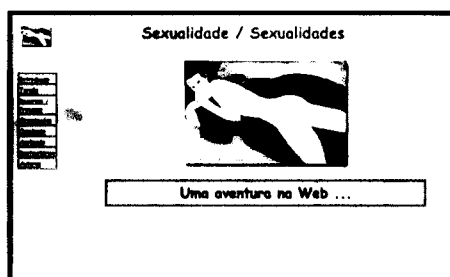


Figura 5 – Sexualidade/Sexualidades – Universidade de Évora (disponível em www.minerva.uevora.pt/aventuras/sexualidade/)

O site da figura 5 apresenta um design original, simples e sóbrio. A linguagem é adequada e apresenta boa legibilidade. Sendo um *Webquest*, remete para outros *sites*, através de orientações e *links* úteis para a realização das tarefas propostas. Apresenta ainda pesquisa orientada e *Role-playing*.

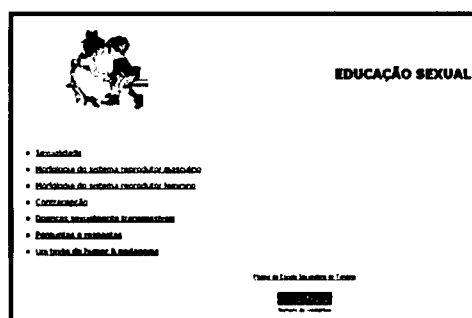


Figura 6 – Educação Sexual – Escola Secundária de Tondela (disponível em www.esectondela.rcts.pt/sexualidade/inicio.htm)

O design deste site é tipicamente feminino e pouco dinâmico mas a sua navegação é intuitiva. Exibe conteúdos sobre a morfofisiologia do sistema reprodutor, contraceção e doenças sexualmente transmissíveis, sendo a sua estrutura e linguagem pouco coerentes.

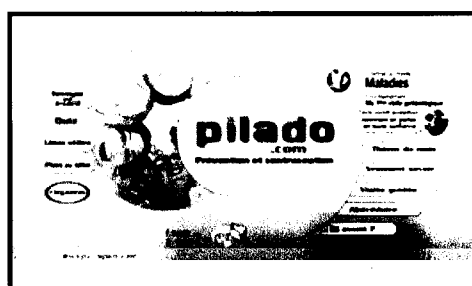


Figura 7 – Pilado – Organon, França (disponível em www.pilado.com)

A figura 7 apresenta um site adequado a um público-alvo jovem pois apresenta um design sóbrio e dinâmico, por vezes feminino, mas com uma navegação intuitiva e boa legibilidade. Exposição escrita da informação sob a forma de pergunta/resposta acerca da história da contraceção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. Apresenta também um glossário e *Quizz's*.

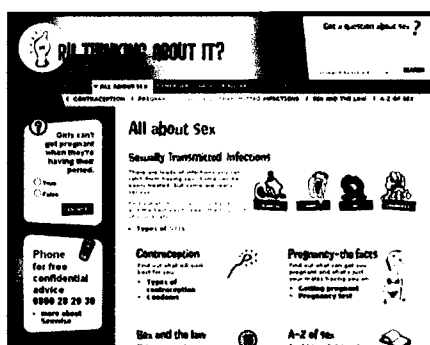


Figura 8 – RU THINKING ABOUT IT? - Teenage Pregnancy Unit, UK (disponível em www.ruthinking.co.uk)

Este site é adequado a um público-alvo jovem e apresenta boa legibilidade. Exibe um design sóbrio, dinâmico, linguagem adequada e navegação intuitiva. Apresenta conteúdos sobre contracepção e gravidez, legislação, doenças sexualmente transmissíveis, transformações físicas na adolescência e relacionamentos, sendo a sua exposição escrita. Expõe também sugestões/opiniões e a análise de casos reais.



Figura 9 – Sexual Health – Network, USA (disponível em www.sexualhealth.com)

Este site definitivamente não é um site adequado a um público-alvo adolescente, pois exibe uma informação muito técnica e pormenorizada sobre saúde sexual e comportamentos sexuais, assim como uma linguagem muito técnica. A sua navegação é um pouco confusa, sendo a informação apresentada sob a forma de pergunta/resposta.

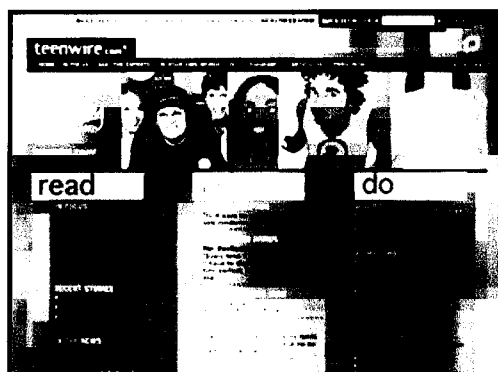
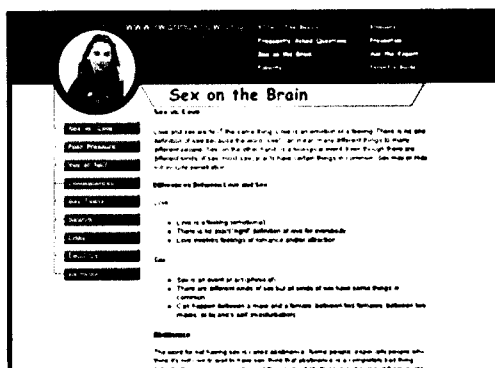


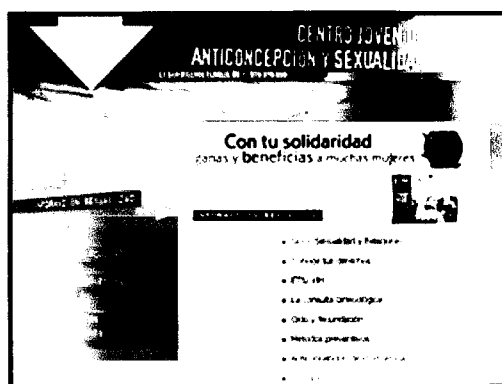
Figura 10 - TEEN WIRE - Planned Parenthood Federation of America (disponível em www.teenwire.com)

A navegação deste site é confusa, mas é adequado a um público-alvo jovem. Inclui imagens, gráficos e várias ferramentas multimédia com um design muito dinâmico, também um pouco confuso, mas de legibilidade razoável e linguagem adequada. Apresenta informação diversa na área da sexualidade, tal como, sexualidade

A metodologia é diversificada e inclui jogos interactivos, humor, filmes, glossário interactivo, rádio on-line, diário fictício de uma adolescente, *Quizz's* e debates.



O site apresentado acima (figura 11) exibe um design simples e sóbrio com uma linguagem adequada e boa legibilidade. A sua navegação é fácil e intuitiva. Apresenta conteúdos sobre sentimentos e comportamentos sexuais, doenças sexualmente transmissíveis e a puberdade. A informação é apresentada sob a forma de pergunta/resposta exibindo também um glossário e conversa on-line.



19

O último site analisado por nós (figura 12) encontra-se adequado a um público-alvo jovem pois apresenta um design dinâmico e original mas de navegação confusa.

Apresenta animações e conteúdos sobre aspectos fisiológicos da sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não desejada e contracepção, sendo a sua legibilidade, por vezes, fraca. A sua metodologia assenta em casos de pergunta/resposta, jogos (palavras cruzadas), consulta em linha, sugestões/comentários e questionários.

Na *Internet*, como já referimos anteriormente, existe um mundo de informação, mas nem toda pode ser adequada e utilizada por todas as faixas etárias. Os sites descritos anteriormente foram apenas alguns exemplos dos que existem neste mundo, relativos ao tema da sexualidade, pois existem muitos mais, mas ser-nos-ia impossível referenciar e comentar todos eles neste trabalho.

No entanto, dos sites descritos podemos inferir com base na nossa experiência pessoal enquanto docentes que, poucos são os que se encontram adequados aos jovens, que apresentam conteúdos adequados à sua faixa etária e exibem coerência e uma linguagem adequada para os mesmos.

Capítulo III – A sexualidade em meio escolar

3.1 - Sexualidade

A sexualidade é uma temática que tem merecido a atenção da nossa sociedade ao longo das últimas décadas. Tem progressivamente vindo a tornar-se numa das áreas chave para a compreensão dos diversos fenómenos que ocorrem no tecido social e das transformações que marcaram o século XX.

Muito se tem dito sobre o assunto apesar de permanecer para muitos como um tema *tabu*, por envolver aspectos do foro íntimo e pessoal. A literatura tem sido prolífera nas últimas décadas em temas de sexualidade.

Porém, antes de falar da sexualidade é preciso fazer uma distinção importante entre o que é o sexo e o que é a sexualidade, visto não serem exactamente o mesmo e por vezes serem confundidos.

O sexo é algo que nos distingue como homens ou mulheres conforme os nossos órgãos genitais sejam masculinos ou femininos, dado sabermos que o ser humano tem um corpo e esse corpo é sexuado.

A sexualidade é uma área mais abrangente e é vivida de diferentes maneiras consoante a forma de vida dos indivíduos. Seria óptimo poder dar uma definição de sexualidade que abrangesse um grande número de conceitos, vivências, culturas, sonhos, etc., mas seria uma definição incompleta. Iríamos sempre descobrir alguém que pensa de forma diferente da nossa e que acrescentaria sempre algo de novo.

A ideia de sexualidade depende da nossa situação afectiva e social, da nossa maneira de pensar, sentir e actuar. Segundo a Organização Mundial da Saúde (O.M.S., 2002), a sexualidade é definida como:

“É um aspecto central do ser humano, que acompanha toda a vida e que envolve o sexo, a identidade, papéis de género, orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução.

A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações.

Se sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem sempre todas elas são experienciadas ou expressas.

A sexualidade é influenciada pela interacção de factores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, culturais, éticos, legais, religiosos e espirituais.”

A sexualidade está enraizada na dimensão biológica e não pode ser entendida sem ela, mas outras dimensões têm que estar presentes (figura 13). Os desejos e comportamentos sexuais dependem, entre outros factores, das hormonas sexuais, da idade, do desenvolvimento físico e psíquico e da organização social e cultural em que o indivíduo se encontra inserido.

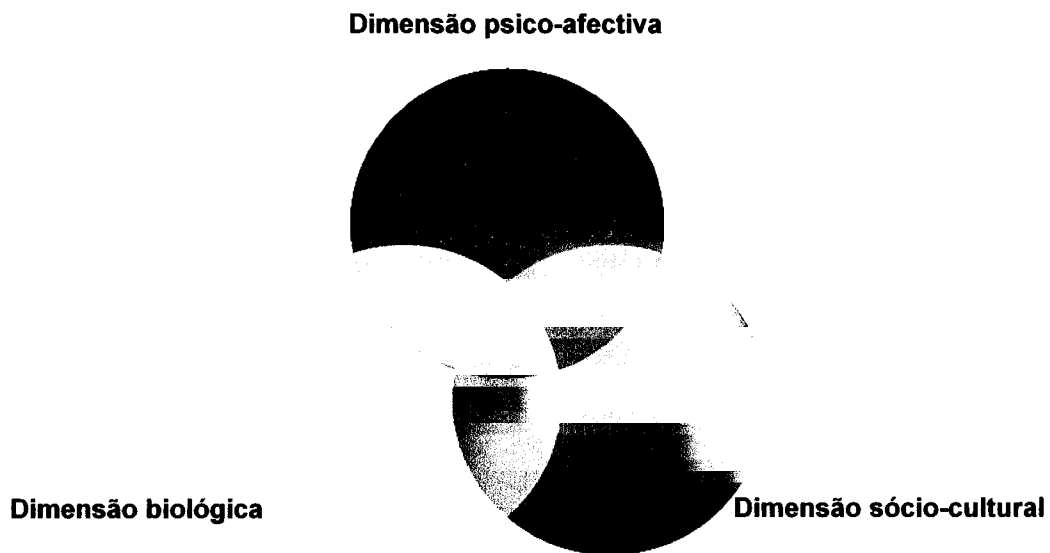


Figura 13 – As dimensões da sexualidade

Os estudos científicos na área da sexualidade operados nas últimas décadas pela medicina, biologia, antropologia, história, ciências sociais e humanas, psicologia, sociologia, ética e filosofia, permitiram a organização de um *corpus* de conhecimento extremamente rico, vasto e de grande complexidade. A sexualidade deixou, pois, de ser sinónimo de reprodução, de pecado e de impureza para passar a fazer parte integrante dos afectos, do prazer, da comunicação interpessoal, da maternidade e da paternidade responsáveis.

A vida afectiva ocupa então um lugar central no contexto da sexualidade. Não é fácil, contudo, a conquista de uma afectividade equilibrada e gratificante.

Segundo Escada (2004), *“a afectividade dá um colorido variável aos relacionamentos, faz com que os factos sejam percebidos desta ou daquela maneira e que despertem este ou aquele sentimento, o que significa que directa ou indirectamente exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo”*.

Para Paiva (2002), a afectividade *“(...) diz respeito à ressonância afectiva,*

emotiva, sentimental das pessoas, das coisas, dos acontecimentos, de si próprio no indivíduo”.

“(...) Deixar emergir afectos e sentimentos é seguir o trilho de um conhecimento melhor de nós próprios e dos outros, é promover a pessoa que somos, é viver melhor a nossa sexualidade, é melhorar as nossas relações, (...)”.

Em sinopse podemos dizer que a sexualidade está presente ao longo de toda a vida de uma pessoa e varia consoante as etapas que vai passando. Para a vivência de uma sexualidade plena, a dimensão afectiva não pode ser dissociada das outras dimensões. É através dela que nós próprios nos conhecemos melhor e também nos relacionamos melhor com as outras pessoas, permitindo assim o despertar de certas emoções, sendo estas consideradas por Goleman (1995), como *“refere-se a sentimentos e aos seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir”*.

3.1.1 Educação Sexual

De facto a educação sexual (ES) é um dos temas mais questionados na actualidade no que se refere à sexualidade. Ainda assim, permanece como objecto de controvérsia e de vários entendimentos ao nível do seu significado, dos seus conteúdos, da sua eficácia e consequências. A ES é encarada como um processo marginal à construção da identidade, como elemento essencial na alteração de costumes e como um instrumento da degenerescência dos valores morais.

A ES começa no seio familiar. Inicia-se logo desde o nascimento, na forma como os pais se relacionam com a criança e nos comportamentos que os reforçam ou inibem. É veiculada em termos sociais, nas normas existentes sobre o comportamento que é considerado apropriado para os indivíduos de acordo com o seu sexo e idade e, com o surgimento da adolescência, os jovens ficam mais expostos a mensagens (explícitas ou implícitas) alusivas ao sexo e sexualidade.

A ES não pode ser encarada como uma simples transmissão de informação visto que apenas informar não é educar, é pois necessário uma sensibilização para as relações interpessoais. Segundo Vaz (1996) *“ A informação de que dispõe tem muitas falhas e preconceitos que aumentam as dificuldades dos adolescentes na forma como vivem a sua sexualidade”*.

As mensagens sobre a sexualidade e sexo são frequentemente divulgadas aos jovens através dos seus pares, da comunicação social e da escola.

Segundo Cavalcanti, R. (1997): *“a Escola é também um dos agentes sociais de maior importância no processo de transformar a criança num membro da sociedade. É na Escola que o jovem começa a ter os primeiros contactos com figuras de autoridade, além dos pais”*.

A escola é geralmente para o adolescente um espaço imenso de práticas sociais. Nela ele tem de se habituar a sujeitar-se a outras autoridades, a conviver com colegas, a responsabilizar-se por determinadas tarefas e a ser questionado por elas; deve também aprender a resolver os seus problemas sozinho e, a criar os seus espaços, a cultivar as suas amizades e os seus grupos.

“No processo de socialização que se realiza nos diversos grupos e instituições a que o individuo pertence, a Escola nas sociedades contemporâneas desempenha um papel preponderante. Consequentemente, deve contemplar a Educação Sexual como um objectivo fundamental na formação dos jovens, considerado indispensável ao desenvolvimento global da personalidade humana” (Serpa e Costa, 1995).

Para Frade, A. et al., (1996): *“quando falamos de Educação Sexual, de programa de Educação sexual estamos a utilizar um conceito global abrangente da sexualidade que inclui a identidade sexual (masculino/feminino), o corpo, as expressões da sexualidade, os afectos, a reprodução e a promoção da saúde sexual e reprodutiva”*.

Podemos entender então a ES como uma forma de intervenção no processo educacional, de carácter preventivo, intencional e sistemático, através de informações e reflexões sobre factos expressivos ligados à sexualidade, que na escola pode ser desenvolvida sobre a forma de programas, acções ou projectos. Esta abordagem não se deve limitar apenas ao tratamento de questões biológicas e reprodutoras.

Conforme as Linhas Orientadoras da Educação Sexual em Meio Escolar (2000) a Educação Sexual constitui um *“contributo para a formação pessoal e social dos indivíduos e para a promoção da saúde sexual e reprodutiva”*.

A escola no entanto não deve substituir o papel da família, mas sim complementar o papel desempenhado por esta.

3.1.2 - Educação Sexual em Portugal: perspectiva histórica e quadro actual

Escola e sexualidade: dois universos de múltiplas interferências, dois mundos nos quais pais e educadores têm muita dificuldade em se situarem numa sociedade em constante mudança.

A ES na escola tal como actualmente é concebida, nasceu da agitação no final

dos anos 60, embora limitada a alguns círculos católicos.

Em Janeiro de 1971 é criada, por despacho do então Ministro da Educação Veiga Simão, uma Comissão para o Estudo da Educação e Sexualidade. A criação desta comissão parece algo de surpreendente se tivermos em conta a ideologia conservadora do regime político de Marcelo Caetano. Fruto dos trabalhos desta comissão pioneira (e que rapidamente foi extinta pelo regime) será aprovada a lei sobre coeducação (educação mista). A Comissão alerta ainda para a necessidade de uma abordagem total e não mutilada do corpo humano nos manuais e materiais escolares.

As transformações sociais e políticas produzidas pelo 25 de Abril de 1974 não se reflectiram imediatamente na temática da ES escolar. Embora fosse esta uma questão para discussão sempre que se abordava a necessidade de alterações nos currículos escolares, outros temas de maior prioridade social relegaram sempre a ES para um segundo plano.

Em 1978 a questão mais controversa nos debates públicos centrou-se na questão da legalização do aborto. Foi apresentada ao parlamento nessa época, a proposta de lei sobre esse tema, reflectindo assim o crescente da polémica política e ideológica sobre o aborto e a sua legalização.

Essa legalização não foi aprovada, mas foi desta forma, um pouco ao abrigo dessa discussão, que surgiu a primeira legislação sobre ES escolar, a Lei n.º 3/84 (Educação sexual e planeamento familiar), em que se reconhece no seu artigo 1.º que: *“O Estado garante o direito à educação sexual, como componente do direito fundamental à educação”*.

Embora contendo uma visão ampla da ES e obrigando o Estado a apoiar este processo, a Lei n.º 3/84, que carecia de regulamentação num prazo de seis meses, nunca veio a ser regulamentada na parte referente à ES escolar e foi, por outro lado, regulamentada na sua parte referente ao planeamento familiar (através da Portaria n.º 52/85, que, entre outras coisas, revogou qualquer norma impeditiva ou limitativa do acesso dos jovens às consultas de planeamento familiar).

No entanto, esta indefinição não se traduziu também em quaisquer restrições à existência de actividades de educação sexual, pelo que, nos anos seguintes, se assistiu a um acréscimo deste tipo de acções, com carácter ainda que pontual, em muitas escolas portuguesas, cujos protagonistas eram em geral profissionais de saúde e a APF (Associação para o Planeamento da Família).

A emergência da SIDA nos anos 80 veio impulsionar um espantoso caudal de notícias e informações nos *mass media*. A ES é vista como uma das formas fundamentais de prevenir o crescimento da epidemia e o Ministério da Educação começa

a realizar acções de formação a professores e distribui documentação de apoio para que este tema seja tratado nas aulas, fundamentalmente nas disciplinas de Biologia e de Saúde.

Neste panorama, inicia-se a Reforma do Sistema Educativo, com a reorganização curricular, a formulação de novos programas e a definição das novas áreas propostas na Lei de Bases do Sistema Educativo.

O resultado destas mudanças foi o Decreto-Lei n.º 286/89, que cria a Área-Escola, dentro da qual se integra uma nova disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, com a carga horária de uma hora semanal e em alternativa à Educação Religiosa.

No início de 1991 são apresentadas as primeiras propostas de programas de Desenvolvimento Pessoal e Social (DPS), elaboradas por equipas do instituto de Inovação Educacional, em que a ES começa por aparecer como conteúdo explícito nos três ciclos do ensino básico.

Em 1995 a APF apresenta uma proposta para o desenvolvimento de um projecto experimental de ES nas escolas. O desafio foi aceite e, entre 1995/96 e 1997/98, este projecto foi desenvolvido com êxito em diversas escolas e regiões do país e produziu o documento *"Orientações Técnicas para a Educação Sexual em Meio Escolar"*.

A realização do referendo sobre a questão da despenalização do aborto, em Junho de 1998, trouxe novamente a debate público a questão da ES, desta vez entendida como uma forma de prevenir e reduzir a ocorrência de gravidezes não desejadas e o consequente recurso ao aborto.

A partir de Junho de 1998, a ES não mais deixou de ser um tema de debate público e um motivo de acontecimentos relevantes em termos legais e políticos.

Através da Resolução do Conselho de Ministros n.º 24/98 de Outubro de 1998, foi aprovado o Relatório interministerial para a elaboração de um Plano de Acção em ES e Planeamento Familiar, que consubstancia algumas medidas concretas com vista ao cumprimento dos princípios consignados na Lei n.º 3/84, assim como a de "(...) *identificar as acções já em curso, com o objectivo de as potenciar e desenvolver, numa perspectiva de articulação e cooperação intersectorial, bem como definir todas aquelas que permitam melhor alcançar os objectivos em causa*" (Resolução do Conselho de Ministros nº 124/98, de 1 de Outubro de 1998; D.R. nº 243, de 21/10/98). Neste documento, a ES é entendida como " (...) *uma componente essencial da Educação e da promoção para a saúde* ", sendo por isso assumido como necessário reforçar a concretização e aplicação das leis vigentes, através da articulação das intervenções dos vários Ministérios.

A Lei 120/99 veio reforçar as garantias do direito à saúde reprodutiva. Lê-se no seu número 3 que *"A educação para a saúde sexual e reprodutiva deverá adequar-se aos*

diferentes níveis etários, consideradas as suas especificidades biológicas, psicológicas e sociais, e envolvendo os agentes educativos”.

Com estas leis os poderes públicos propõem pela primeira vez algo de inovador em matéria de ES, através do sistema educativo. No entanto, a implementação de um programa de ES proposto à organização escolar, coloca alguns problemas, por si só a legislação não desencadeia a mudança, torna-se assim necessário fazer a distinção entre mudança e inovação.

Em 1999/2000 a ES passou a ser uma exigência do movimento estudantil do ensino secundário.

O Decreto Legislativo Regional nº 18/2000/A de 8 de Agosto de 2000 estabelece, na Região Autónoma dos Açores, orientações específicas dirigidas à administração regional para a efectiva concretização dos objectivos de informação, formação e implementação do planeamento familiar e a educação afectivo – sexual.

No início do ano lectivo 2000/2001 o Ministério da Educação aponta a ES como uma das inovações educativas prioritárias.

Em Outubro de 2000, foi publicado o Decreto – Lei n.º 259/2000 de 17 de Outubro, que regulamenta a Lei n.º 120/99, de 11 de Agosto (reforça as garantias do direito à saúde reprodutiva) fixando condições de promoção da ES e de acesso dos jovens a cuidados de saúde no âmbito da sexualidade e do planeamento familiar. O diploma incorpora matérias referentes à organização da vida escolar, com especial relevância para a intervenção dos serviços especializados de apoio educativo às escolas, à organização curricular, favorecendo uma abordagem integrada e transversal da ES, ao envolvimento dos alunos e dos encarregados de educação e das respectivas associações e à formação dos professores.

No âmbito do Despacho nº 19 737/2005 (2ª série) foi criado um Grupo de Trabalho *“com o objectivo de estudar e propor os parâmetros gerais dos programas de educação sexual em meio escolar, na perspectiva da promoção da saúde em meio escolar”*. Este grupo de trabalho funciona na Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Em 31 de Outubro, o referido grupo apresentou um Relatório Preliminar, que esteve em discussão pública até 16 de Novembro. Agora em 2006, o Relatório continua *on-line* para consulta no site da Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

A ES pode hoje ser integrada em vários espaços educativos:

1. Em algumas disciplinas tradicionais, tais como as Ciências Naturais, a Biologia, a

Psicologia, a Saúde e, em geral, num conjunto mais vasto de disciplinas, desde que os professores estejam suficientemente motivados e formados;

2. Numa vertente interdisciplinar, aproveitando as potencialidades das três áreas curriculares não disciplinares já existentes, Área de Projecto, Formação Cívica ou Estudo Acompanhado e dos espaços extracurriculares.

Ao Estado compete promover a educação e o ensino, em consequência dos princípios constitucionais que claramente garantem a liberdade de aprender e de ensinar (Constituição da República Portuguesa, art. 43, n.º1) e a obrigação de ao Estado não se poder atribuir o direito de programar a educação e a cultura, segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas (CRP, art. 43, n.º 2).

3.2 - A Sexualidade e o Processo de Desenvolvimento Pessoal

3.2.1 - Adolescência: uma etapa no processo de desenvolvimento

De acordo com a legislação anteriormente referida, os adolescentes são considerados como grupo de intervenção prioritária, tanto ao nível da ES, como ao nível da saúde reprodutiva e da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Deste modo, torna-se pertinente ter presente o que se entende por adolescência pois só assim se compreenderão as particularidades que assume a sexualidade nesta etapa.

Ao falar em adolescência situamo-nos numa etapa da vida com contornos difíceis de precisar, razão porque entre os autores se torna diversa a conceptualização desta fase da vida. Certo é que se caracteriza por um período de mudanças ao nível físico, psicológico, familiar e social.

Etimologicamente, a palavra adolescência deriva do latim “*adolescere*” que significa “crescer”, constituindo a etapa a que se refere, apesar das centenas de anos do termo, uma realidade histórica relativamente recente.

Na realidade, não é fácil definir adolescência pois trata-se de um período da vida do indivíduo, de limites mal definidos, em que ainda não é reconhecido pela sociedade como adulto mas também já não é considerado uma criança. Até ao princípio do século XX, apenas havia referência a estas duas etapas de desenvolvimento. A transição entre ambas era quase inexistente, cingindo-se, em algumas culturas, a mera passagem após os fenómenos pubertários ou à obediência de uma série de rituais de passagem

circunscritos a umas semanas. Era desde cedo que as crianças se familiarizavam com as vivências e práticas dos adultos, passando do meio escolar para o meio do trabalho, aprendendo um ofício e assimilando os papéis sociais ligados à vida adulta (Félix, 1995).

Assim, as crianças entravam directamente no mundo do trabalho, sendo poucos os que estudavam além dos 10-12 anos. Como refere Palacios, *“não existia uma cultura adolescente, nem a adolescência era percebida como um estágio particular do desenvolvimento”* (1995).

A emergência de alguns acontecimentos sociais e culturais, como os avanços tecnológicos que acompanharam a revolução industrial, determinaram a necessidade de educação adequada e especializada, o que levou muitos jovens a continuar na escola e a prosseguir os estudos. Simultaneamente, diferentes áreas científicas reconhecem características fisiológicas particulares a este grupo etário, dotando-o de estatuto próprio, privilegiando-o como campo de estudo (Sprinthall e Collins 1994; Prazeres, 1998), ou seja, há um reconhecimento social explícito deste período como uma etapa especial situada entre a infância e a idade adulta.

A dar consistência a esta temática surgem, no início do século XX, os primeiros estudos científicos sobre a adolescência, destacando-se G. Stanley Hall, para quem a adolescência deixa de ser apenas uma passagem, ao contrário enquadra-a num período específico da evolução humana, considerando-a um importante estágio no desenvolvimento da pessoa (Sprinthall e Collins, 1994; Myers, 1999). Tal como no resto do mundo ocidental, no decorrer do século XX, a sociedade portuguesa veio gradualmente reconhecer a adolescência como uma fase específica da vida humana.

No mundo ocidental, a adolescência corresponde sensivelmente à etapa de idade cronológica situada entre os 11/12 anos e que finaliza por volta dos 20 ou 21 (Félix, 1995; Myers, 1999; Morrison, 1999). A OMS considera a adolescência como o período compreendido entre os 15 e os 24 anos, considerando “jovens” as pessoas que se situam no grupo etário dos 10 aos 24 anos (WHO, 1999).

Por conseguinte, a adolescência é habitualmente concebida como um período de transição enquadrado entre a infância e a idade adulta, no qual e à luz do pensamento actual, se distinguem dois conceitos fundamentais à sua compreensão: puberdade e adolescência. O primeiro, fortemente marcado pelo conjunto de modificações físicas, transformando o corpo infantil em corpo adulto com capacidade para a reprodução e o segundo, imbuído de um conjunto de características psicossociológicas que se prolonga por vários anos e que caracteriza a transição para a idade adulta (Palacios, 1995).

Para Sampaio, esta etapa da vida que os jovens atravessam, ainda hoje é vista como *“um período tumultuoso em que os conflitos são inevitáveis e as tensões*

constantes" (1994). Para outros autores, *"reconhecida como uma etapa de transição entre a infância e a idade adulta ou, mais recentemente, entre a infância e a juventude, a adolescência é pensada não apenas em termos de crise normativa mas também como um período de profundas mudanças físicas, psicológicas e sociais"* (Taborda-Simões, Vale Dias, Formosinho e Fonseca, 2006).

Apesar de frequentemente se caracterizar a adolescência sobretudo como um período de crise, essa é uma ideia errada. Esta ideia, influenciada por algumas interpretações psicanalíticas, instalou-se sem ter em conta opiniões contrárias e investigações empíricas que forneceram um elevado número de dados contrariando a ideia de crise (Taborda-Simões, 2002; Taborda-Simões, Vale Dias e Lima, 2006). De facto, a apresentação de inúmeras provas que contrariam a existência de um tumulto normativo durante a adolescência não foi suficiente para que se deixasse de considerar a experiência de crise como inerente ao desenvolvimento dos adolescentes (*idem*). Tal como afirmam Taborda-Simões, Vale Dias e Lima, *"os esforços empregues no sentido de promover uma visão mais positiva da adolescência, como a que decorre da ideia de mudança, não alcançaram os efeitos desejados"* (2006). Esta ideia de mudança é, no entanto, a mais profícua, uma vez que permite reconhecer o conjunto das múltiplas e profundas transformações, características da adolescência (*idem*).

Também a ideia de adolescência entendida apenas como fase de transição, é insuficiente, uma vez que não a caracteriza no seu todo e ainda porque existem dúvidas ao definir os seus limites, sobretudo o superior, já que se recorre a critérios diferentes, por exemplo, biológicos, sociais, etc. (Taborda-Simões, 2002; Taborda-Simões, Vale Dias, Formosinho e Fonseca, 2006). Este é mais um argumento para se afirmar que a adolescência deve então ser analisada como um período de mudança, de diversas transformações. Para Taborda-Simões, *"são estas transformações, destacadas pela perspectiva desenvolvimentista, que conduzem a uma autonomia crescente ao nível do pensamento, ao nível dos afectos e das relações com os outros"* (2002; Taborda-Simões e Lima, 2001, 2004).

Sintetizando, a adolescência poderá ser considerada como um período da vida em que se produz uma série de transformações biofisiológicas, cognitivas e psicossociais, que situam o indivíduo numa nova forma de se vivenciar e vivenciar tudo o que o rodeia (Martí, 1997; López, 1998; Berger e Thompson, 1998; Taborda-Simões, 2002).

3.2.2 – O acesso à idade adulta

O acesso ao estatuto de adulto implica a necessidade de adquirir um amplo conjunto de capacidades e formas de comportamento, de acordo com a herança cultural. Capacidades relacionadas com o autocuidado, independência económica, independência emocional dos pais e outros adultos, estabelecimento de relações interpessoais mais elaboradas com os iguais de ambos os sexos, aquisição de sistemas de valores que podem direccionar e regular o próprio comportamento (Martí, 1997).

3.3 - As transformações físicas e psicossociais na adolescência

Como já foi referido anteriormente, nesta fase, os jovens encontram-se numa encruzilhada de mudanças biológicas, cognitivas e psicossociais, que vão transformando meninas e meninos em pessoas maduras, tanto física como sexualmente. Não só crescem mais, como também experimentam alterações associadas com o desenvolvimento sexual, que contribui para dar nova dimensão à forma como funciona o seu corpo, à maneira de pensar sobre si mesmo e sobre os outros (Martí, 1997). Este ajuste às diferentes alterações decorrentes da adolescência, tanto pode ser turbulento, difícil, stressante e imprevisível, como também representar fonte de novos estímulos, desafios e crescimento para o próprio adolescente (Berger e Thompson, 1998).

Puberdade e adolescência são assim duas realidades intimamente ligadas, em que esta associação advém da clara repercussão que as transformações físicas podem ter no desenvolvimento da identidade, na conduta sexual e, mesmo no estabelecimento de relações com os outros (Martí, 1997).

3.3.1 – Crescimento físico

É consensual entre os diferentes autores, que a adolescência se inicia com a puberdade e esta, é caracterizada como sendo um período de crescimento físico rápido e de maturação sexual, que põe fim à infância e aproxima o jovem à estatura e potencial sexual do adulto e, torna possível aos jovens a experimentação e satisfação do seu desejo sexual e a possibilidade de procriação. Estas modificações biológicas, muitas das quais se traduzem morfológicamente, emergem da puberdade e inauguram a linha divisória entre a infância e a idade adulta. A adolescência possui assim um ponto de

partida inscrito no crescimento biológico, na multiplicidade de transformações físicas que transformam o corpo de forma a adoptar as suas características sexuais definitivas.

Existe uma série de efeitos hormonais que vão despoletar o início da puberdade, como um aumento significativo do nível de testosterona nos rapazes e de estrogénios nas raparigas. A nível físico, estas alterações hormonais reflectem-se essencialmente no aumento rápido do tamanho do corpo e na emergência das características sexuais. A nível psicológico, podem vir a influenciar directamente a componente emocional que, por sua vez, é influenciada pelos valores e expectativas aprendidas através da família, do grupo de pares e da cultura (Berger e Thompson, 1998).

A maturidade sexual que ocorre nesta fase determina diferenças corporais tanto nas características sexuais primárias (órgãos internos e externos responsáveis pela função reprodutora, ex.: útero, ovários, pénis) quanto nas secundárias (não desempenham função directa na reprodução, ex.: alteração de voz, pêlo facial e púbico).

No final da puberdade, os órgãos sexuais estão suficientemente maduros de forma a possibilitar a reprodução, e as características corporais dos rapazes e das raparigas constituem também sinais claros de maturidade e desenvolvimento sexual (Berger e Thompson, 1998).

Os acontecimentos da puberdade vão acometer o adolescente da necessidade de alterar a sua concepção mental e a sua atitude perante o seu aspecto físico, ou seja, reconstruir uma nova imagem corporal. Erikson (1986); Simmons y Blythe (1987) cit. Berger e Thompson (1998), postulam que o desenvolvimento de uma imagem corporal saudável é uma parte integrante do processo de converter-se em adulto.

Esta questão é tão importante quanto o profundo interesse que a aparência física lhes desperta, acrescida do facto de grande parte dos adolescentes acreditarem que a sua aparência é muito menos atractiva do que o é na realidade. A este respeito, não podemos esquecer a difusão feita através dos *mass media*, de um ideal corporal difícil de atingir pela maioria dos jovens. A idealização de um corpo não conseguido leva muitas vezes o adolescente a adoptar dietas rigorosas e exercícios físicos intensos, com repercussão na formação da sua auto-estima (Martí, 1997; Berger e Thompson, 1998).

O impacto da auto-apreciação física sobre a auto-estima é maior no início da adolescência. Os adolescentes que não são atractivos podem ter menos amigos que os mais atractivos, pelo que a aparência física constitui um aspecto muito importante nesta fase. Esta preocupação tende a ser esbatida pelo tempo, na medida em que, a maioria das pessoas aprende a aceitar a discrepância entre a sua verdadeira aparência e o ideal cultural (Berger e Thompson, 1998).

Contudo, a preocupação sentida pelos adolescentes deve ser levada em conta, uma vez que os sentimentos de depressão, tanto nas raparigas como nos rapazes, tem grande probabilidade de se correlacionar com uma imagem corporal negativa (Rierdan e Cols., 1998 cit. Berger e Thompson, 1998). Do mesmo modo, a procura de um ideal corporal pode levar os jovens, em particular as raparigas, a desenvolver alterações na conduta alimentar, que, por sua vez, pode conduzir a um quadro de anorexia mental. Esta circunstância assume particular relevância no período da puberdade, em que o jovem necessita de aportes nutritivos superiores (Martí, 1997).

3.3.2 - Desenvolvimento psicossocial

Alcançar a maturação sexual vai reflectir-se na formação de relações que os jovens estabelecem entre si e com os adultos, tendo também repercussão na formação da sua identidade. A adolescência marca o desenrolar deste processo psicológico e social, permitindo ao adolescente caminhar no alcance de maior autonomia e construção de uma identidade.

Mas não é só a maturação sexual a marcar o desenvolvimento do adolescente, uma vincada influência advém do processo de inculcação de valores, de conhecimentos, de comportamentos, de formas de vida que se transmitem de geração em geração, e que fazem parte do contexto sócio-cultural de referência. Compreende a capacidade que o adolescente tem de se ver a si próprio e de se relacionar com os outros (Brown e Cromer 1996).

Neste contexto, o adolescente tem de enfrentar diferentes desafios típicos do seu desenvolvimento psicológico e, assim, adquirir aquilo que lhe vai permitir integrar-se plenamente no seu grupo cultural como pessoa adulta (Brown e Cromer 1996; Papalia e Olds, 2000), ou seja:

- Desenvolver um pleno sentido de si mesmo;
- Obtenção da autonomia ou independência da família de origem;
- Aprender os papéis associados à sua identidade sexual;
- Alcançar uma auto-imagem realista e positiva;
- Adquirir uma série de valores e conhecimentos que possam guiar a sua conduta e que facilitem a sua inserção no mundo laboral.

Contudo, a formação da identidade é, segundo Erikson cit. Myers (1999) a principal tarefa da adolescência, que consiste em *“sintetizar o passado, o presente e as*

possibilidades futuras num sentimento mais nítido do eu". A esta definição profunda de quem se é, Erikson chamou de "*busca de identidade*", isto é, a crise de identidade *versus* confusão de identidade própria da adolescência é a sequência das realizações dos estádios psicossociais anteriores: confiança *versus* desconfiança, autonomia *versus* vergonha e dúvida, iniciativa *versus* culpa e realização *versus* inferioridade e, serve de base para enfrentar as crises da vida adulta.

A formação da identidade sexual é um aspecto importante no processo de desenvolvimento da identidade do adolescente. Neste sentido, é premente que o adolescente tome consciência da sua sexualidade e, isto, é ver-se a si mesmo como um ser sexual. É a adaptação ao despertar da sexualidade e a formação de ligações afectivas que irão, por sua vez, afectar profundamente o auto-conceito e os relacionamentos (Papalia e Olds, 2000).

Erikson, postula uma sequência desenvolvimental em que a identidade precede a intimidade, de facto, o investimento numa relação afectiva exige a revelação de si, o que, por sua vez, exige também uma forte consciência de si, que segundo este autor, é conseguido durante a fase de construção da sua identidade (Menezes, 1990; Sprinthall e Collins, 1994).

Outro aspecto importante desta fase é o desenvolvimento do raciocínio. Nos primeiros anos, o adolescente é possuidor de um raciocínio centrado em si mesmo, achando que as suas experiências são únicas, ou seja, incapazes de serem entendidas pelos outros, nomeadamente pelos pais. No decorrer desta etapa, a maioria atinge aquilo a que Piaget designou de operações formais, levando o adolescente a caminhar desde um raciocínio concreto a um pensamento que lhes permite deduzir e prever consequências numa lógica abstracta (Sprinthall e Collins, 1994; Myers, 1999). Com estas novas possibilidades intelectuais, o adolescente já pode diferenciar o real do possível, começando a questionar tudo o que o rodeia, como a família, a escola, o sistema social (López e Fuertes, 1998).

Também o desenvolvimento do raciocínio moral – que permite considerar e diferenciar o certo e o errado – adquire particular relevo neste período. Assim, ser uma pessoa moral é, de acordo com Myers (1999) "*pensar em termos morais e agir de acordo*". Lawrence Kohlberg cit. (Sprinthall e Collins, 1994; Myers, 1999) descreveu o raciocínio moral, numa sequência de estádios, que seguem uma escalada desde a moralidade pré-convencional, que ocorre na infância e que se centra no interesse pessoal para evitar punições ou ganhar recompensas; à moralidade convencional, que ocorre no início da adolescência e que se centra no cumprimento das leis e regras sociais; à moralidade pós-convencional, que ocorre aquando do desenvolvimento do pensamento

abstracto, desde a adolescência em diante e se centra nos princípios éticos e nos direitos das pessoas. Esta sequência de estádios fornece-nos, assim, informações acerca das características do conteúdo do juízo moral dos adolescentes, podendo ser útil para quem trabalha com este grupo de jovens.

3.4 - Relações interpessoais na adolescência

Além das transformações físicas e psicológicas que ocorrem durante a adolescência, são também intensas as transformações ao nível das relações pessoais e afectivas. Estas transformações verificam-se pelo movimento psicológico de afastamento do adolescente face aos pais e, pela procura fora do espaço familiar de novas fontes de satisfação (Braconnier e Marcelli, 2000).

3.4.1 - Relações familiares

Nos primeiros anos de vida, a família surge como o grupo de referência mais importante e quase único para a criança, constituindo o meio social onde são privilegiadas as interacções com os pais e irmãos. Um segundo meio social acontece com a entrada para a escola e com os consequentes contactos que estabelece com os companheiros e outros adultos. No período da adolescência, os espaços de interacção expandem-se significativamente, retirando lugar ao espaço familiar, do qual se vai gradualmente autonomizar e emancipar (Fierro, 1995). Neste sentido, *“nas culturas ocidentais a adolescência é geralmente um tempo de crescente influência dos colegas e decrescente influência parental”* (Myers, 1999).

A dinâmica inerente às modificações que ocorrem nesta fase tem a sua implicância no sistema familiar porque, após a puberdade, o contacto físico com os pais torna-se embaraçoso para o adolescente, verificando-se uma diminuição na expressão do afecto físico no seio da família, o que constitui uma barreira à interacção pais – filhos.

Já referimos que o desenvolvimento e a formação da identidade permitem ao jovem autonomizar-se dos pais que, por sua vez, deixam de constituir os modelos de identificação quase exclusivos, a fonte de satisfação e prazer dos seus filhos (Braconnier e Marcelli, 2000). O adolescente tem, por isso, necessidade de se afastar dos pais, ainda que este afastamento seja de algum modo simbólico, surgindo as diferenças e os conflitos. Contudo, para a maioria, o conflito entre as duas gerações pode não resultar destrutivo.

Num estudo de Stepp (1996) cit. Myers (1999) realizado no mundo inteiro em 25.000 adolescentes, mais de 80% consideram os relacionamentos familiares um "importante" princípio orientador das suas vidas e, mais de metade, dizem ser "muito importantes" e, que estes relacionamentos são mais significativos que o "relacionamento com os amigos" ou "diversões". Também Gallup (1996) cit. pelo mesmo autor, num estudo realizado nos Estados Unidos, concluiu que 97% dos adolescentes inquiridos declararam que se davam "razoavelmente" ou "muito bem" com os seus pais. De realçar, neste mesmo estudo, que a maioria refere dar-se melhor com a mãe do que com o pai.

Deduz-se, que o distanciamento geracional operado nesta fase é facilmente transponível, talvez porque as diferenças ocorram mais ao nível de opções de estilo de vida que ao nível de valores, aliás como sublinha Gallatin (1980) cit. Myers (1999) *"a maioria dos adolescentes reflecte bastante as posições sociais, políticas e religiosas de seus pais"*.

3.4.2 - O grupo de companheiros/ os pares

"O que os seus amigos são (...) é no que eles muitas vezes se tornam" (Myers, 1999).

A influência dos colegas sobre o desenvolvimento do adolescente pode mesmo superar a influência dos pais, sendo a influência dos pais menor com o decorrer dos anos, culminando com a independência em relação a estes. Esta independência é paralelamente acompanhada do estreitamento de laços com os companheiros (Myers, 1999).

As relações com os companheiros, pelo facto de assumirem um lugar prioritário, são determinantes no processo de socialização. É no grupo de iguais que o adolescente explora novas relações e formas de comportamento social e afectivo diferente, do que até então, tinha experimentado em contexto familiar. Por outro lado, o sentimento de pertença a um grupo pode facilitar o processo de separação dos pais, ajudar na formação da sua identidade e a desenvolver uma auto-estima positiva (Gispert, 1997).

Também, o estar com outros que, tal como eles, vivenciam uma realidade semelhante, particularmente no que respeita às rápidas alterações físicas que ocorrem nos seus corpos, proporciona ao adolescente algum conforto. Por tudo isto, a influência dos amigos torna-se poderosa, uma vez que representam *"uma fonte de afectos de solidariedade de compreensão; um lugar de experimentação; e um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais. É igualmente um ambiente para formar*

relacionamentos íntimos que servem como “ensaio” para a intimidade adulta (Papalia e Olds, 2000).

3.4.3 - Relações de intimidade

Ao longo da adolescência os indivíduos vão desenvolvendo relações de intimidade, inicialmente com indivíduos do mesmo sexo e posteriormente com indivíduos do sexo oposto. Sullivan, cit. Sprinthall e Collins (1994), chama a este período o “*estádio do amigo íntimo*”, precisamente pelo estabelecimento de amizades próximas com colegas do mesmo sexo.

Entretanto, surgem as pressões do desejo sexual e as necessidades de intimidade são transferidas para os colegas do sexo oposto, onde as relações acontecem. Neste contexto, os rapazes adolescentes tendem a desenvolver relações interpessoais mais tarde que as raparigas, contudo, ao contrário delas, atribuem menor significado à componente afectiva (Fierro, 1995). No desenvolvimento destas relações heterossexuais inicia-se o primeiro namoro ou a ocorrência do grande amor, que tanto pode ser de cariz romântico quanto platónico.

Quanto ao amor, Lutte (1988) cit. Menezes (1990), acentua que este é uma característica desta fase, dizendo que “*(...) o amor reflecte também as transformações cognitivas, as crescentes capacidades de se conhecer e de conhecer os outros, o processo de autonomização e de individuação que se realiza durante a adolescência (...). O amor permite assim ao adolescente emancipar-se dos pais e considerar-se igual aos adultos*”.

Em suma, a adolescência é reconhecida como período do desenvolvimento humano apenas no último século, contribuindo para isso o alargamento da escolaridade obrigatória a este grupo, o que a diferenciou dos grupos da infância e idade adulta. É, portanto, um período de transição entre o estado infantil e o estado de adulto. Esta descrição não evidencia a sua conceptualização, embora seja de consenso que na génese do conceito estejam as acções entre as modificações biológicas, sociais e cognitivas. Estas acções associam-se, segundo Sprinthall e Collins (1994), aos contextos de vivenciais, nos quais experimentam as oportunidades que afectam o seu desenvolvimento.

As mudanças biológicas implicam o crescimento corporal e a maturação sexual, constituindo o primeiro indício da puberdade. A maturação biológica condiciona, por sua vez, mudanças psicológicas e sociais, como a maturação progressiva das atitudes e comportamentos sexuais que permitem ao adolescente adquirir várias competências de forma a conquistar a independência adulta.

Erikson cit. Sprinthall e Collins (1994), teorizou que uma das principais tarefas da adolescência é consolidar o sentimento do eu, isto é, a própria identidade, sendo esta essencial para o estabelecimento da intimidade, ou seja, do relacionamento com os outros. Assim, com o emergir da maturidade sexual e o reconhecimento de uma identidade, o adolescente progressivamente autonomiza-se face às figuras parentais e este afastamento fá-los direccionar para os relacionamentos com os colegas. É nos pares que eles ancoram e encontram a satisfação perdida no relacionamento com os pais. É com os pares que eles geralmente iniciam relações de intimidade e é nesta base que conquistam o primeiro amor.

3.5 - Os adolescentes e a sexualidade

"Pouca coisa é mais fundamental para a natureza dos seres humanos que a sexualidade" (Brown e Cromer, 1996), porque *"o sexo é parte da vida"* (Myers, 1999), e quando começa a vida? perguntavam a Lennart Nilson cit. Myers (1999), ao que respondeu *"talvez... tudo começa com um beijo"*.

3.5.1. – "A descoberta" da sexualidade

Embora os factores biológicos afectem a sexualidade desde o momento da concepção, outros factores extrínsecos, oriundos da percepção familiar sobre a masculinidade e a feminilidade, as normas e expectativas da cultura vigente e da sociedade em geral, influenciam especificamente o desenvolvimento da sexualidade a partir do nascimento (Brown e Cromer, 1996).

Sprinthall e Collins (1994) salientam que *"quando um adolescente, rapaz ou rapariga, atinge a capacidade de reprodução, apenas um aspecto da sexualidade foi conseguido"* porque a sexualidade *"engloba as emoções, os comportamentos e as atitudes que estão associados não apenas ao ser capaz de procriar, mas também aos padrões sociais e pessoais que acompanham as relações físicas íntimas, durante a vida do indivíduo"*. Assim, a sexualidade compreende, além das características físicas e capacidades para comportamentos sexuais específicos, valores e processos de aprendizagem que influenciam esses comportamentos, um senso de identidade sexual, conceitos e atitudes relacionadas consigo e com os outros no contexto de uma sociedade (Brown e Cromer, 1996).

Um dos autores mais importantes na tematização da precocidade do desenvolvimento sexual foi Sigmund Freud, que no início do século XX introduziu o

conceito de sexualidade infantil e estabeleceu uma continuidade no desenvolvimento sexual, desde a infância até à idade adulta, referenciando a possibilidade de existência de componentes sexuais desde o nascimento (Yates, 1995; Braconnier e Marcelli, 2000).

Freud descreveu que na base dos problemas dos seus pacientes encontravam-se causas de ordem sexual, cuja génese poderia estar em conflitos infantis. Surge assim a teoria do desenvolvimento psicosexual infantil, que decorre numa sequência de fases ao longo da infância e, ao longo das quais, se vai estruturando a sexualidade (Nodin, 2000). Nesta perspectiva, após a fase oral e anal, a resolução do conflito de Édipo na fase fálica do desenvolvimento por volta dos cinco anos, precede o período calmo de latência na infância tardia até à puberdade, em que a sexualidade irrompe com força sob o primado da genitalidade. O irromper da genitalidade faz com que os jogos sexuais infantis adquiram outro significado, traduzido nas primeiras experiências de genitalidade adulta, assim como nas relações com pessoas de outro sexo (Fierro, 1997).

Posteriormente, na década de 30, outro autor Alfred Kinsey cit. Menezes (1990), veio corroborar a existência de actividade sexual durante a infância.

Estudos recentes têm também revelado a existência de comportamentos sexuais nas crianças, mas estes comportamentos só determinam uma essência de carácter sexual dependendo do significado que lhes é atribuído, nomeadamente pelos próprios participantes, residindo aqui a diferença entre a atribuição de comportamento sexual dado às crianças. Apesar da aprendizagem do corpo como fonte de prazer se iniciar precocemente, nomeadamente através da estimulação pelas pessoas que cuidam da criança, elas não lhe atribuem um significado de carácter sexual, esta atribuição, ocorre com a proximidade e emergência da adolescência (López e Fuertes, 1998; Menezes, 1990).

O desenvolvimento sexual inicia-se então desde cedo. Por volta dos dois anos a criança aprende a classificar-se a si mesma segundo o sexo e percebe a atribuição de determinados objectos ao sexo masculino ou feminino. O conhecimento do grupo sexual a que se pertence desenvolve-se sensivelmente até aos três anos, altura em que, a maioria das crianças consegue atribuir aos outros o sexo correctamente, embora acreditem que o seu sexo se pode modificar com o tempo se for esse o seu desejo. Por volta dos sete anos, adquirem a compreensão de que o sexo das pessoas tem um carácter permanente (Morrison, 1999). Em simultâneo, as crianças aprendem os papéis sexuais relacionados consigo mesmo e depois aplicam este conhecimento aos outros, de forma a que por volta dos três anos conseguem identificar aspectos específicos dos papéis sexuais e, com o decorrer do ensino básico, a criança vai aprendendo as condutas e os estereótipos esperados para cada papel (Morrison, 1999).

Por volta dos doze anos, implicam-se intensamente nas relações com os companheiros do mesmo sexo e, através destas relações, aprendem a possibilidade da intimidade com os outros e potencializam as condutas adequadas ao seu papel sexual.

Mas, é a puberdade que inaugura a possibilidade de acontecimentos e experiências sexuais, nomeadamente as relações sexuais plenas dirigidas a pessoas de outro ou do mesmo sexo (Fierro, 1995). Este facto, torna-se possível, com as transformações bio-fisiológicas que trazem consigo a maturação do corpo e dos órgãos genitais e, portanto, a capacidade para manter relações sexuais completas e reproduzir.

Contudo, para poder viver a sexualidade como adulto, o adolescente deverá compreender que este é um processo de construção pessoal e interpessoal, que implica a integração e o desenvolvimento de capacidades biológicas, afectivas, cognitivas e sociais. Segundo Craft e Craft (1978) cit. Félix (1995), a construção da nossa identidade e da nossa personalidade estão intrinsecamente ligadas à nossa sexualidade, ao nosso género e à aquisição de papéis que traduzem a nossa feminilidade e masculinidade.

3.5.2. - Comportamento sexual dos adolescentes

Desde a era vitoriana, por volta dos anos vinte, marcada por forte repressão dos comportamentos sexuais até aos anos sessenta e setenta que atitudes mais liberais face ao sexo foram crescentes, reflectindo-se numa maior aceitação da actividade sexual antes do casamento e no declínio do duplo padrão em que os homens tinham maior liberdade sexual do que as mulheres (Brown e Cromer, 1996).

Hoje, a sociedade tornou-se menos moralizadora e mais tolerante quanto à vivência da sexualidade, em especial a dos jovens, consequentemente os adolescentes têm vindo a iniciar as suas relações sexuais em idades mais precoces e a manifestar atitudes mais liberais face à sexualidade do que em gerações anteriores (Menezes, 1990; Félix, 1995; Braconnier e Marcelli, 2000).

Ainda assim, no que diz respeito aos rapazes, a sociedade é geralmente mais tolerante na aceitação de comportamentos sexuais, existindo ainda *“maior permissividade em relação à sexualidade dos rapazes, em contraste com uma maior repressividade em relação às raparigas”* (Pais, 1996).

Um outro aspecto que diferencia rapazes e raparigas no seu percurso sexual, diz respeito ao número de parceiros, em que os rapazes têm em média o dobro de parceiros sexuais que as raparigas, tendo também maior tendência para, em paralelo, terem mais que um parceiro sexual (Alferes, 1997; Vasconcelos, 1998; Braconnier e Marcelli, 2000).

A actividade sexual na adolescência podendo ser gratificante, pode também acarretar graves consequências na vida dos jovens. As grandes preocupações que giram em torno da actividade sexual precoce e desprotegida são essencialmente a gravidez não desejada e as doenças sexualmente transmissíveis.

3.6 - Agentes de formação / Informação sobre a sexualidade

3.6.1 - A Escola

Atendendo a que um dos objectivos da escola é suscitar a construção de competências que facilitem o pleno desenvolvimento da pessoa e, que, a ES é parte integrante desse processo de construção, as escolas tornam-se os principais veículos da ES formal, estruturada, intencional e adequada, em que o espaço escolar funciona também como propulsor de vivências ao nível afectivo-sexual (Marques e Prazeres, 2000).

Poderá a escola vincular valores na criança e no adolescente como a dignidade, a responsabilidade e o respeito por si e pelos outros, valores que nunca receberam na família?

A complexidade crescente da vida, na sociedade actual, veio trazer profundas modificações relativamente às responsabilidades da escola na educação da criança.

Hoje em dia, como a família não pode assegurar sozinha a socialização e formação da criança, vai procurar a ajuda de outras instituições, principalmente da escola, esperando que esta promova o sucesso dos seus filhos a todos os níveis. Deste modo, a escola torna-se uma instância privilegiada de socialização, de transmissão de conhecimentos, de valores e cultura da comunidade, porque a sociedade exige à escola que desenvolva nos indivíduos capacidades cognitivas, afectivas e sociais de modo a torná-los elementos activos e produtores de cultura.

“O grande objectivo da Educação Sexual é contribuir, ainda que parcialmente, para uma vivência mais informada, mais autónoma e, logo, mais responsável da sexualidade” (Orientações Técnicas sobre Educação Sexual em Meio Escolar – Contributos das equipas de Projecto APF; PES; DGS, 1999). Com base, nas contribuições apresentadas pelas equipas do Projecto: APF; PES; DGS, (1999), podemos afirmar que a ES faz parte integrante da educação que é interiorizada, pelo ser humano desde que nasce, até que morre, por isso deve contribuir para criar sentimentos, atitudes, conhecimentos e competências.

No campo dos **sentimentos e atitudes** ela deve contribuir para:

- Uma aceitação positiva e confortável do corpo sexuado, do prazer e da afectividade;
- Uma atitude não sexista;
- Uma atitude não discriminatória face às diferentes expressões e orientações sexuais;
- Uma atitude preventiva face à doença e promotora do bem-estar e da saúde.

No campo dos **conhecimentos**, a ES pode contribuir para um maior e melhor conhecimento dos factos e componentes que integram a vivência da sexualidade, nomeadamente:

- As várias dimensões da sexualidade;
- A diversidade dos comportamentos sexuais ao longo da vida e das características individuais;
- Os mecanismos da resposta sexual, da reprodução, da contracepção e da prática de sexo seguro;
- As ideias e valores com que as diversas sociedades foram encarando a sexualidade, o amor, a reprodução e as relações entre os sexos ao longo da história e nas diferentes culturas;
- Os problemas de saúde - e as formas de prevenção - ligados à expressão da sexualidade, em particular as gravidezes não desejadas, as infecções de transmissão sexual, os abusos e a violência sexuais;
- Os direitos, a legislação, os apoios e recursos disponíveis na prevenção, acompanhamento e tratamento destes problemas.

Na esfera das **competências**, deve contribuir, nomeadamente:

- No desenvolvimento das competências para tomar decisões responsáveis;
- No desenvolvimento das competências para recusar comportamentos não desejados ou que violem a dignidade e os direitos pessoais;
- No desenvolvimento das competências de comunicação;
- Na aquisição e utilização de um vocabulário adequado;
- Na utilização, quando necessário, de meios seguros e eficazes de contracepção e de prevenção do contágio de infecções de transmissão sexual;

-
- No desenvolvimento de competências para pedir ajuda e saber recorrer a apoios, quando necessário.

3.6.2 - Os Professores

O papel do professor em ES não difere substancialmente daquele que lhe é atribuído noutras áreas do conhecimento.

A figura do professor pode servir de modelo, estímulo, ponto de referência, mas também de ameaça, incerteza e certo desconforto. Mas será necessário a um professor que pretenda intervir ao nível da ES, uma reflexão sobre os seus próprios valores e atitudes face à sexualidade.

Para que possa existir a tal reflexão face à ES e à sexualidade será necessário criar espaços onde a mesma se possa desenvolver, ou seja é necessário que exista formação na área (preferencialmente ao nível da formação inicial).

Enquanto tal não acontece, pelo menos de forma plena, vão sendo organizadas algumas acções ao nível da formação contínua do pessoal docente, que pretendem ajudar os professores interessados a desenvolver um conjunto de competências adequadas a uma intervenção ao nível da ES.

Assim, o professor pode contribuir para que os seus alunos adquiram uma vivência mais informada mais autónoma e mais responsável da sexualidade.

Definir um perfil de professor de ES não é tarefa fácil, uma vez que no quadro legal actual, não estamos a falar de um professor de uma disciplina específica, mas sim de um professor de uma dada área ou dos professores em geral que abordem esta temática de uma forma transversal.

Segundo Dilys Went (1985), *"o perfil do professor que queira desenvolver acções de Educação Sexual pressupõe características como:*

- *Genuína preocupação com o bem-estar físico e psicológico dos outros;*
- *Aceitação confortável da sua sexualidade e da dos outros;*
- *Respeito pelas opiniões das outras pessoas;*
- *Atitude favorável ao envolvimento dos Pais e Encarregados de Educação e outros agentes de Educação;*
- *Compromisso de confidencialidade sobre informações pessoais que podem ser explicitadas pelos alunos;*
- *Capacidade para reconhecer as situações que requerem a intervenção de outros profissionais/técnicos para além dos professores."*

Para que o desenvolvimento de acções no âmbito da ES tenham sucesso e segundo Sanders e Swiden (1995) "o professor:

- *Deve ser tão neutro quanto possível;*
- *Não atribua previamente "certos" e "errados";*
- *Controle a emissão de juízos de valor;*
- *Proporcione a identificação de valores pessoais (criando um clima aberto e não constrangedor);*
- *Actue pedagogicamente através da partilha em vez da imposição de definições de saber;*
- *Permita que se façam escolhas;*
- *Disponibilize material de apoio;*
- *Demonstre disponibilidade e confiança;*
- *Utilize vocabulário adequado do ponto de vista técnico e pedagógico;*
- *Assente as suas informações/conhecimentos em dados científicos correctos e actualizados;*
- *Aborde conteúdos apropriados à faixa etária e nível de desenvolvimento dos alunos tendo sempre em conta os interesses destes;*
- *Procure a coerência entre as suas intervenções pedagógico – profissionais e as suas práticas como pessoa".*

3.6.3 - A Escola e a Família

Não se pode colocar de maneira nenhuma em causa a importância da família na ES dos jovens.

A sexualidade é um dos elementos do processo de desenvolvimento global da pessoa, no qual a família, como se sabe, é o primeiro e um dos principais agentes.

Muitas famílias procuram de forma consciente e intencionada aumentar e consolidar os conhecimentos dos seus filhos sobre a sexualidade, mas a família é por si só, um contexto básico e primordial de aprendizagem e de vivência da sexualidade.

A articulação entre família e Escola não é exclusiva da ES, bem pelo contrário, esta articulação é sempre justificável em todos os momentos do percurso escolar de um jovem, uma vez que ambos partilham o objectivo de contribuir para um desenvolvimento o mais pleno possível dos filhos/alunos. Sendo assim a família não deverá ser mantida

em estado de dúvida ou desconfiança relativamente às iniciativas tomadas pelos professores ou pela escola no seu todo e, também no que à ES diz respeito.

Em Portugal, é ainda recente a aceitação da ES como parte integrante da formação dos jovens, pelo que os professores mas principalmente as famílias, se situam num estado de expectativa, que para alguns pode ser sinal de receio e oposição, mas que para a maioria revela o seu interesse e curiosidade.

Na opinião de Marques e Prazeres (2000) *“Esta atenção especial dos pais e encarregados de educação funda-se, normalmente, no desconhecimento ou na dificuldade em entender, de forma clara, as finalidades e o processo de uma acção ou de um programa de Educação Sexual.*

Não tendo, maioritariamente, participado, enquanto crianças e jovens, em acções de Educação Sexual de âmbito escolar, entende-se com facilidade que muitas pessoas partilhem um conjunto de representações bastante afastadas da realidade”.

Será então importante criar espaços, momentos de discussão e análise desta temática, onde pais e professores possam trocar opiniões e conversar sobre os seus receios e dúvidas, bem como proporcionar situações em que possa haver a aquisição de conhecimentos sobre sexualidade.

Podem certamente suceder momentos de discordância e controvérsia entre pais e professores, uma vez que nem todos irão partilhar dos mesmos valores e ideologias, quer em termos culturais ou por exemplo religiosos. Mas se for dada importância ao desenvolvimento e bem – estar dos seus filhos e alunos a procura de consenso e uniformização é possível e desejável.

Dizem Marques e Prazeres (2000) *“na medida em que a Educação Sexual for integrada e assumida no quotidiano escolar, mais dificilmente se colocará o tratamento destes temas como uma opção ou motivo de polémica improdutiva”.*

Ainda segundo estes autores *“se os princípios éticos orientadores dos programas forem explícitos, assumirem a variabilidade, a responsabilidade e a liberdade individuais, mais dificilmente ocorrerão riscos de imposição de uma única perspectiva, de exclusão de alunos ou famílias com culturas e ideologias diferente”.*

Relativamente aos contactos entre a família e a Escola é sistemático no nosso sistema educativo que estes vão decrescendo à medida que o aluno vai progredindo nos vários níveis de ensino. Ou seja existe uma participação muito mais efectiva e frequente ao nível dos Jardins-de-infância e do 1º Ciclo, do que ao nível do 2º e 3º Ciclo e Ensino Secundário.

Será provavelmente de esperar um padrão semelhante no que toca a esta temática pelo que devido ao teor de alguma polémica e controvérsia que ela suscita, será

importante e recomendável que escola e família se esforcem para concretizarem uma articulação efectiva e que vise o alcançar de objectivos como:

- *“Garantir e promover a participação das famílias no processo educativo dos seus filhos e educandos;*
- *Encontrar formas de rentabilização e de continuidade das intenções educativas da Escola no âmbito da sexualidade;*
- *Valorizar as iniciativas de pais – organizados ou não em Associação – neste domínio, por exemplo, a realização de encontros, debates e cursos;*
- *Impedir ou evitar que em torno das actividades de Educação Sexual explícita, desenvolvidas na Escola, se criem entendimentos ou receios infundados acerca da finalidade e dos efeitos dessas actividades”.*

(Orientações Técnicas sobre Educação Sexual em Meio Escolar – Contributos das equipas de Projecto APF; PES; DGS, 1999).

Hoje pensa-se que os pais são muito importantes na educação dos filhos e não devem abdicar de um assunto tão sério como este. Sabemos que muitos dos problemas ligados à vivência da sexualidade têm origem na falta de informação e na ansiedade daí gerada.

Os pais, enquanto actores centrais do processo de aprendizagem e da formação dos jovens, são também eles confrontados com situações às quais não sabem, por vezes, como reagir, questionando-se frequentemente de que forma podem ajudar os filhos. Daí a promoção de acções de sensibilização.

No passado, raras vezes os adultos (pais e outros educadores) falavam de sexualidade com os jovens como sucedia com outros assuntos que eram abordados com maior facilidade. Alguns desses jovens, adultos hoje, porque não sabem ou não se sentem à vontade, muitas vezes são também incapazes de fazer essa abordagem com os filhos e educandos. No entanto, um grande número de pais estão conscientes que de uma forma explícita é sua responsabilidade dar informação e debater questões de sexualidade, preferencialmente se o fizerem em parceria com os professores e a escola.

3.6.4 – Os meios de Comunicação Social

Outra fonte de informação / formação dos adolescentes na área da sexualidade são os meios de comunicação social. A *Internet*, as canções, os filmes, a televisão, os

livros, os painéis de anúncios, em suma, quase todos os meios de comunicação social, apresentam constantemente o sexo em múltiplas formas possíveis (Sprinthall e Collins, 1994). Aqui a abordagem de assuntos relacionados com a sexualidade é feita de forma mais ou menos explícita e, muitas vezes, de forma controversa e incorrecta.

Quando falamos em incorrecta, queremos-nos referir a que nem sempre tudo o que os jovens vêem, ouvem ou lêem vai de encontro à sua perspectiva de ES enquanto adolescente.

Frequentemente a abordagem deste assunto por parte da comunicação social é feita com uma intenção deliberada de quem promove uma informação nomeadamente de carácter comercial.

Parte 2 – Estudo de Caso

Capítulo IV – Descrição do protótipo de CD-ROM: “Abordar a Sexualidade”

4.1 – O software educativo - “Abordar a Sexualidade”

Relativamente aos produtos multimédia interactivos, Lévy (1990) refere que são *“particularmente adequados aos usos educativos. Conhecem-se há muito o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno na aprendizagem. Quanto mais activamente participa na aquisição de um saber, melhor uma pessoa integra e retém aquilo que aprendeu. Ora, graças à sua dimensão reticular ou não linear, o multimédia interactivo favorece uma atitude exploratória ou mesmo lúdica, face ao material a assimilar. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia activa”*.

4.1.1 – Construção do software educativo

Foi nossa intenção construir uma ferramenta multimédia que permitisse aos professores abordarem o tema da sexualidade com os alunos mais facilmente, possibilitando em simultâneo, incrementar a motivação destes para a exploração do mesmo. Construir uma ferramenta multimédia que incluísse uma forte componente gráfica, interactiva (que envolva o aluno, através do teclado e do rato) e destinada a ser difundida em aulas de ES ou quando o tema é abordado em outras áreas curriculares como Formação Cívica ou Ciências Naturais (consultar, por favor, o CD que se encontra em anexo).

O recurso à multimédia (som, imagem e texto) surgiu na tentativa de possibilitar aos alunos o contacto com informações, sugestões e actividades ludo-educativas sobre o tema, de forma mais rica, com maior beleza estética, maior movimento e dinâmica, características que consideramos ausentes nos documentos apenas com informação textual estática.

“A gramática da multimédia conjuga a imagem, fixa ou animada, com o som e o texto, articulando-se tudo com a interactividade do sistema (...) A riqueza da interactividade vai determinar a qualidade final da obra multimédia.” Marcos (2003).

Acrescentamos ainda a estes aspectos, a actuação do professor e o seu relacionamento com os alunos, enquanto factores reguladores do sucesso de qualquer aplicativo multimédia.

Criar um protótipo multimédia envolve muitas horas de trabalho e uma grande diversidade de competências. Muito se tem debatido e estudado acerca do estabelecimento de critérios para o desenvolvimento de ferramentas multimédia, no

entanto, a nossa linha de orientação para a construção deste protótipo entendeu as seguintes fases:

1. Definição do protótipo e planeamento
2. Análise dos requisitos
3. Arquitectura da informação
4. Desenvolvimento do interface gráfico
5. Concepção do protótipo
6. Integração e teste

1. Definição do protótipo e planeamento

Para construirmos a nossa ferramenta interactiva de ensino/aprendizagem, houve necessidade de procedermos ao levantamento das questões pedagógicas e tecnológicas, indispensáveis à implementação do protótipo. Foram colocadas questões básicas como:

- Quais as competências que pretendemos trabalhar?
- Quais os conteúdos científicos a integrar?
- Quais as características do público-alvo?
- Quais as actividades a desenvolver face às competências?
- Qual a tecnologia requerida?
- Qual o nosso domínio nessas tecnologias?
- Qual a estrutura geral que o protótipo terá?
- Qual será a estrutura geral do conteúdo?
- Quanto tempo será necessário para a construção das páginas? (implica eventualmente uma planificação).

É evidente que todas estas questões se encontram em dialéctica, por exemplo, não podemos definir competências ou actividades, sem atender ao nosso público-alvo.

Como suporte tecnológico utilizamos o Macromedia Director MX 2004 e para o complemento de alguns conteúdos, o Macromedia Flash MX 2004 e o Hot Potatoes versão 6.0.

2. Análise dos requisitos

Nesta etapa do nosso trabalho procedemos à recolha dos elementos gráficos e textuais necessários. Os materiais que consideramos importantes incluir, mas que não encontrámos disponíveis nas nossas pesquisas, foram construídos de raiz, tais como os vários exercícios sobre este tema, que foram construídos com o programa Hot Potatoes.

Quanto às animações em Flash, algumas foram retiradas de um CD-ROM da *Fundação Schering Lusitana*, que incide na divulgação sobre o funcionamento dos sistemas reprodutores masculino e feminino (serve de complemento ao site disponível em www.femalelife.com), com a devida autorização da mesma (anexo 2).

3. Arquitectura da informação

Depois de delineado o que iríamos desenvolver, para cada conteúdo seleccionado, procedemos à sua esquematização e hierarquização, num *storyboard* das páginas, conforme se pode observar na figura 14. É de salientar que este foi, entretanto, sofrendo ligeiras alterações, aquando da sua construção.

4. Desenvolvimento do interface gráfico

Para o desenvolvimento do interface gráfico foram tidos em consideração os aspectos de organização/disposição da informação na página, navegação, consistência e coerência.

Foi imprescindível ponderar a faixa etária do público-alvo dos nossos alunos, e as suas “preferências”, pois, não é qualquer página que poderá ser alvo da sua atenção. Mesmo no caso de páginas que sejam dedicadas à sua faixa etária, ou com assuntos do seu interesse, podem ser por eles preteridas, em favor das que são mais atractivas, do ponto de vista gráfico.

Daí que a página inicial do protótipo, as páginas de cada tema, as sugestões e as situações de aprendizagem, foram estudadas ao pormenor nos elementos que as constituem (botões, imagens, animações), bem como os tipos de fontes empregues nos textos e títulos, a cor e a dimensão da página, procurando obter uma estrutura visual forte mas harmoniosa.

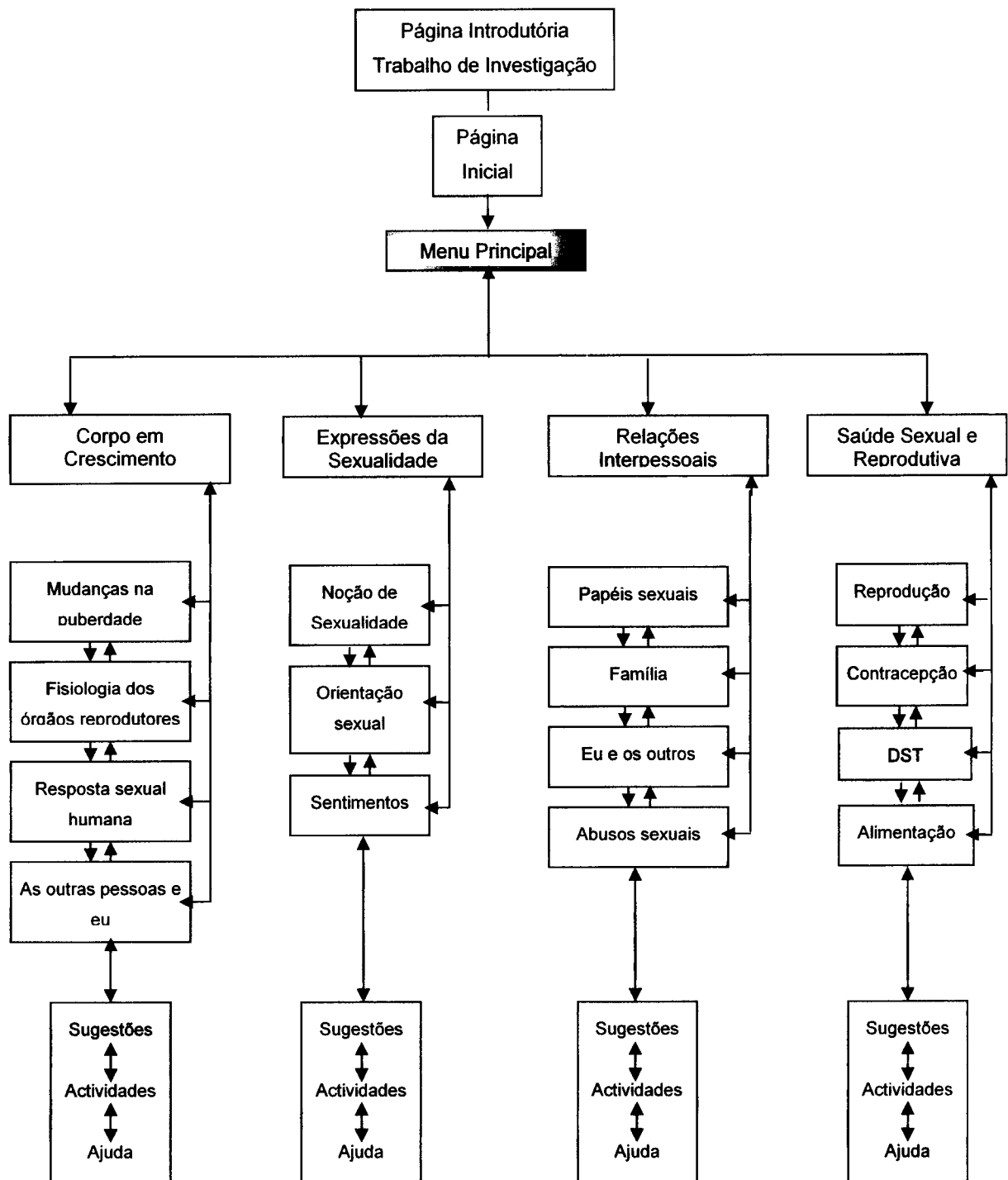


Figura 14 – Storyboard do protótipo

Assim, por exemplo, em relação à posição relativa dos elementos na página, tivemos a preocupação de os colocar de forma organizada no ecrã, sem que uns anulem os outros.

No que respeita à cor, são mais ou menos consensuais os efeitos psicológicos que lhe estão associados. Não nos interessa aqui fazer um estudo de cor, porém é importante termos em linha de conta que, ao nível gráfico, uma coisa é a cor real, outra é a cor percebida, definida em termos psicofisiológicos, isto é, em função dos seus efeitos sobre a visão e o cérebro.

Deste modo, procuramos, por um lado, criar um contraste visual, utilizando uma cor diferente para cada tema, para que o interface da página se tornasse marcante mas, em simultâneo, a sua utilização harmónica dentro da mesma e do próprio protótipo. A intenção foi atrair a atenção e cativar o aluno mas, ao mesmo tempo, propiciar a serenidade necessária, para a abordagem de cada um dos temas.

Já no que respeita à tipografia, por exemplo, escolhemos as fontes tendo em conta que os alunos dão mais atenção ao formato e não às palavras. O contraste com o fundo é também muito importante, se atendermos à legibilidade.

Foi nosso intuito criar um interface marcante, mas simples e intuitivo, com uma estrutura consistente (páginas com arranjos muito idênticos, para que o aluno não tivesse que se “adaptar” a novas regras de navegação, por exemplo) e com um conjunto de elementos multimédia.

Em sinopse, podemos dizer que o design do interface pressupõe que se conciliem os requisitos de comunicação visual e estética, com as recomendações de ordem funcional. O ideal é conseguirmos criar um protótipo com páginas simples, apelativas e legíveis e, com materiais de grande qualidade educacional.

5. Concepção do protótipo

A construção de um protótipo só termina quando os elementos estão colocados no seu respectivo lugar. Há inclusive autores que, só nesta fase de trabalho, consideram pertinente a utilização da expressão protótipo, uma vez que só agora iremos ter condições de produzir uma versão preliminar do nosso software que, anteriormente, não passava apenas de um projecto.

Procedemos então à implementação no computador do *layout* desenhado no papel.

Para a construção do protótipo de *software* educativo foi utilizado o programa Macromedia Director MX 2004.

Porquê a utilização do Director?

Uma vez que foi nossa intenção construir uma ferramenta multimédia, o mais interactiva possível e forte, sob ponto de vista gráfico, consideramos ser este o programa mais adequado.

Considerado um *standard* da indústria multimédia, o Director tem vindo a acompanhar e a integrar as inovações na área da multimédia e na *Internet*, que vão surgindo a um ritmo cada vez mais alucinante.

O Director possibilita a criação de conteúdo de alto desempenho para:

- CDs / DVDs
- Apresentações em quiosques
- A *Internet*

Oferecendo recursos completos para autoria em multimédia e utilizando o máximo em termos de *media* sofisticada, o Director salienta-se pela variedade de tipos de arquivos em multimédia que podem ser integrados e controlados e, pela facilidade de disponibilização e reprodução optimizada do conteúdo.

O Director, uma ferramenta de autoria concebida para criar conteúdo interactivo sofisticado para *media* fixa e para a *Internet*, pode incorporar imagens com qualidade fotográfica, vídeo digital, sons, animação, modelos em 3D, texto, hipertexto, bitmaps e conteúdo em Macromedia Flash.

O Director também oferece um sofisticado conjunto de ferramentas para controlar como e quando esses elementos aparecem, se movem, emitem som e se modificam, no decorrer da reprodução do filme. O Macromedia Flash é normalmente usado para criar conteúdo e, o Director, para agregar e modificar vários tipos de arquivos multimédia, produzindo uma única apresentação organizada.

Aplicações práticas do Director

Mas afinal, o que podemos nós fazer com este programa? Já sabemos que podemos utilizar e manipular texto, sons, imagens e vídeo e interligá-los. Para uma imensa variedade de aplicações. O Director permite-nos criar os seguintes tipos de produtos:

- *Software* Educativo – Principalmente destinado a crianças e jovens, de modo a facilitar o seu processo de aprendizagem.
- *Software* de Entretenimento – Normalmente distribuído na *Internet*.
- Apresentações – Do simples slide show à apresentação mais elaborada, com ou sem animação.

-
- Páginas de *Internet* – Interfaces, menus, *links*, conteúdos específicos para a *Internet*.
 - Divulgação comercial ou pessoal – divulgação de produtos comerciais assim como portefólios pessoais de maneira a promover e mostrar o seu trabalho.

Na construção do protótipo também foi utilizado o programa Macromedia Flash MX 2004, como complemento da explicação de alguns conteúdos.

Para a elaboração das actividades do protótipo foi utilizado o programa Hot Potatoes, sendo este um programa *Freeware* e pode ser utilizado por qualquer professor (pode ser adquirido em: <http://web.uvic.ca/hrd/halfbaked/>).

As actividades elaboradas correspondem a exercícios de escolha múltipla, preenchimento de espaços, de correspondência de imagens e de resposta rápida. O resultado de cada actividade é dado automaticamente ao aluno após ter terminado a sua realização.

A principal função destas actividades é permitir aos alunos testar os seus conhecimentos adquiridos sobre determinado tema, ou seja, permite uma “auto-avaliação”, estimulando assim a vontade de saber sempre mais até obter o melhor resultado, tal como acontece com um jogo.

Activou-se nestas actividades a funcionalidade de que, sempre que a actividade é realizada, muda a ordem das perguntas, evitando assim que os alunos se aborçam.

Com a ajuda destes programas, pudemos então colocar textos e imagens, botões, sons e elementos animados nos devidos lugares, implementamos a navegação das páginas e realizamos a programação das actividades e botões interactivos.

Não obstante termos já determinado a disposição dos elementos na página, na implementação do interface definido surgiram, por vezes pormenores, ditos imprevistos, como elementos ainda não arquitectados, ou imagens que ainda não dispúnhamos e que tivemos que providenciar.

Nesta fase concluímos a criação de uma versão “provisória”, ou seja, o nosso interface está pronto para os ajustes e refinamentos seguintes.

6. Integração e teste

A última das fases de construção do protótipo corresponde então à sua integração e teste.

Depois de tudo devidamente colocado, propusemos a outros colegas de profissão (cinco especialistas, um que lecciona Biologia, dois leccionam Ciências Físico-Químicas e Matemática, respectivamente, e dois que estão muito familiarizados com ambientes multimédia) que nos fizessem um teste de usabilidade do protótipo, navegando nas suas diversas páginas procurando informação e, manifestassem as suas opiniões, no sentido de nos auxiliarem na identificação de eventuais aspectos que poderiam ser refinados.

Finalmente, depois de tudo devidamente corrigido, procedemos à organização do protótipo num CD-ROM.

Convém notar, porém, que a concepção de um protótipo está longe de ser um processo hermético e acabado. Será sempre um protótipo, em busca do aperfeiçoamento e em permanente construção. É aquilo a que Brown (1992) cit. por Coutinho e Chaves, (2001) designa por "*evolutionary prototyping*" (protificação evolutiva). Para Van den Akker (1999), "*É por um processo interactivo de `aproximações sucessivas` e de `evolução do protótipo` que se rum a intervenção `ideal`*".

Na concepção do protótipo, é um dado adquirido que foi nossa aspiração desenvolver um ambiente de aprendizagem estimulante (promotor de motivação) e que facilite a construção cognitiva, o espírito crítico e reflectivo para encontrar soluções para problemas concretos na abordagem da temática da sexualidade. Trata-se, portanto, de um *software* específico que utiliza uma metodologia inovadora de propor, num futuro próximo, aos alunos a abordagem da sexualidade de uma forma diferente recorrendo à multimédia.

Contudo, consideramos que, paralelamente aos zelos inerentes à concepção de uma ferramenta tecnológica, devemos considerar que o uso adequado e sucesso dela, dependem grandemente da prática pedagógica (do bom ou mau uso), da actuação do professor e do seu relacionamento com os alunos.

4.2 – O protótipo desenvolvido

O protótipo desenvolvido foi produzido no âmbito da nossa dissertação de Mestrado.

Esta ferramenta informática, que se encontra num CD anexo ao trabalho, integra as várias dimensões da sexualidade (Corpo em Crescimento, Expressões da Sexualidade, Relações Interpessoais e Saúde Sexual e Reprodutiva), abordadas em algumas disciplinas, daí que possa vir a ser utilizado em outras áreas curriculares como as Ciências Naturais, Formação Cívica, Área de Projecto e aulas de Educação Sexual, numa perspectiva unidisciplinar ou como instrumento multidisciplinar.

Procuramos utilizar as novas tecnologias para construirmos um ambiente de ensino/aprendizagem interactivo, dotado de autonomia e colaborativo, com um interface simples e de rápida familiarização, estruturado em cinco grandes itens, referentes à estrutura do protótipo:

1. Temas referentes às várias dimensões da sexualidade
2. Sub-temas dos temas da sexualidade
3. Sugestões
4. Actividades
5. Ajuda

Não iremos descrever em pormenor a funcionalidade do protótipo, mas apenas expor uma súmula de ideias referentes às suas potencialidades e notas que achamos importantes (consultar o anexo 3, onde podemos encontrar um “Guia de Utilização do Protótipo” a partir do qual poderemos tirar mais ilações sobre o seu modo de utilização).

1. Temas referentes às várias dimensões da sexualidade

Os 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico abrangem períodos distintos de evolução da sexualidade dos jovens e do seu desenvolvimento global, caracterizados por mudanças rápidas e em ritmos muito diferenciados de jovem para jovem. As acções de educação sexual devem pois, ter em conta o facto de envolverem populações muito heterogéneas em termos de desenvolvimento, dúvidas, preocupações e respostas emocionais (Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras, 2000).

Da mesma forma, as disparidades quanto a contextos de vida familiares, económicos ou socioculturais, devem ser tomadas em consideração quando se trabalha neste domínio.

Numa perspectiva global e, tomando em consideração os valores enunciados é desejável que no decurso deste nível de ensino, os alunos tenham:

Aumentado e consolidado **conhecimentos** acerca:

- Das dimensões anátomo-fisiológica, psico-afectiva e sociocultural da expressão da sexualidade;
- Do corpo sexuado e dos seus órgãos internos e externos;

-
- Das regras de higiene corporal;
 - Da diversidade dos comportamentos sexuais ao longo da vida e das diferenças individuais;
 - Dos mecanismos da reprodução;
 - Do planeamento familiar e, em particular, dos métodos contraceptivos;
 - Das infecções de transmissão sexual, formas de prevenção e tratamento;
 - Dos mecanismos da resposta sexual humana;
 - Das ideias e valores com que as diversas sociedades foram encarando e encaram a sexualidade, o amor, a reprodução e a relação entre os sexos;
 - Dos recursos existentes para a resolução de situações relacionadas com a saúde sexual e reprodutiva;
 - Dos tipos de abuso sexual e das estratégias dos agressores.

Desenvolvido **atitudes** de:

- Aceitação das mudanças fisiológicas e emocionais próprias da sua idade;
- Aceitação da diversidade dos comportamentos sexuais ao longo da vida;
- Reflexão e de crítica face aos papéis estereotipados atribuídos socialmente a homens e mulheres;
- Reconhecimento da importância dos sentimentos e da afetividade na vivência da sexualidade;
- Aceitação dos diferentes comportamentos e orientações sexuais;
- Prevenção face a riscos para a saúde, nomeadamente na esfera sexual e reprodutiva;
- Aceitação do direito de cada pessoa a decidir sobre o seu próprio corpo.

Desenvolvido **competências** para:

- Expressar sentimentos e opiniões;
- Tomar decisões e aceitar as decisões dos outros;
- Comunicar acerca do tema da sexualidade;
- Aceitar os tipos de sentimentos que podem estar presentes nas diferentes relações entre as pessoas, incluindo os do âmbito da sexualidade;
- Adotar comportamentos informados em matérias como a contraceção e a prevenção das infecções de transmissão sexual;

-
- Adequar as várias formas de contacto físico aos diferentes contextos de sociabilidade;
 - Reconhecer situações de abuso sexual, identificar soluções e procurar ajuda;
 - Identificar e saber aplicar respostas adequadas em situações de injustiça, abuso e perigo e saber procurar apoio, quando necessário.

Tendo em conta o nível de ensino dos alunos, as competências, atitudes e conhecimentos que os jovens devem adquirir e desenvolver nesta etapa, achou-se pertinente agrupar os diferentes temas de ES.

Segundo Frade A. [et al.] (1996) e como já foi referido anteriormente, a sexualidade humana tem, entre muitas possíveis dimensões, uma dimensão ligada aos diversos aspectos relacionados com o corpo, uma dimensão ligada aos aspectos relacionais e afectivos, expressa-se em comportamentos concretos e, porque está ligada ao nosso bem estar e também a problemas diversos, tem também uma dimensão relacionada com a saúde.

Assumindo as várias dimensões da sexualidade, os diferentes temas da educação sexual que se propõe para cada ciclo de ensino, estão agrupados em 4 grandes áreas. São elas:

- Corpo em Crescimento
- Expressões da Sexualidade
- Relações Interpessoais
- Saúde Sexual e Reprodutiva

2. Sub-temas dos temas da sexualidade

Na construção do nosso protótipo e de acordo com o que foi referido no ponto anterior, os vários temas da ES foram agrupados em quatro grandes temas. Dado que cada tema é bastante abrangente, os mesmos foram divididos em vários sub-temas para podermos obter uma melhor compreensão e exploração dos mesmos. Nesse caso procedemos ao desenvolvimento, para cada tema, de uma introdução geral (que pode ser ouvida se carregarmos num botão de audição adicional) e definimos os objectivos que se pretendem alcançar com a sua exploração.

Tema 1 – Corpo em crescimento

“Adolescência significa literalmente crescer e tornar-se adulto. Abrange todas as mudanças que transformam uma criança num ser humano adulto.

Estas mudanças são físicas e sexuais, psicológicas e emocionais. A puberdade é uma época de rápido crescimento físico e de maturação sexual.

Os acontecimentos da puberdade surgem numa dada ordem mas existe uma ampla variação temporal. De modo geral as raparigas começam e terminam o seu desenvolvimento pubertário mais cedo que os rapazes.”

David Hull (Guia da Saúde do Bebê, da Criança e do Adolescente)

O tema **"Corpo em Crescimento"** apresenta como objectivo geral o aprofundamento dos conhecimentos sobre as modificações do corpo ao longo da vida e o desenvolvimento de uma atitude positiva face às mesmas.

Este tema divide-se em quatro sub-temas e pretende-se que na sua exploração sejam alcançados os seguintes objectivos (figura 15):

- Saber identificar as principais mudanças físicas que ocorrem ao longo da vida;
- Situar as mudanças pubertárias no quadro de acesso à idade adulta, aceitando como necessárias as mudanças do corpo;
- Aceitar que cada pessoa tem o seu ritmo de crescimento;
- Ser capaz de expressar sentimentos relativos ao seu crescimento.

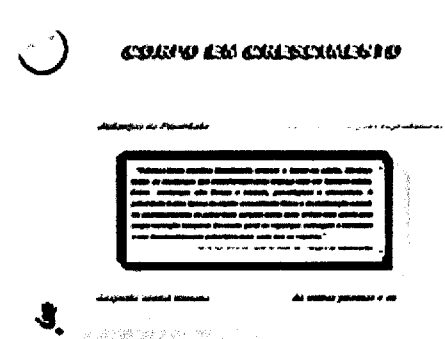


Figura 15 – Menu do tema "Corpo em Crescimento"

Tema 2 – Expressões da Sexualidade

"Nesta faixa etária, é frequente existir uma visão reducionista e padronizada da Sexualidade. Por exemplo, acontece ser associada exclusivamente aos órgãos sexuais e às relações sexuais/coito, ou a um período determinado da vida. Deste modo, é posta em causa a Sexualidade enquanto característica indissociável do ser humano.

Adquirir uma noção mais alargada, logo mais flexível e rica, possibilita, para além do aumento de conhecimentos, o desenvolvimento de atitudes de aceitação das diferentes formas de viver a Sexualidade."

Alice Frade, António Marques, Célia Alverca, Duarte Vilar (Educação Sexual na Escola)

O tema " **Expressões da Sexualidade** " apresenta como objectivo geral a compreensão de o que é a sexualidade, a diversidade e a individualidade das suas expressões.

Este tema divide-se em três sub-temas e pretende-se que na sua exploração sejam alcançados os seguintes objectivos (figura 16):

- Compreender as várias dimensões da sexualidade;
- Compreender a importância da sexualidade na existência humana;
- Conhecer as diferentes orientações sexuais;
- Aceitar a sua própria orientação sexual e a dos outros;
- Valorizar os sentimentos.

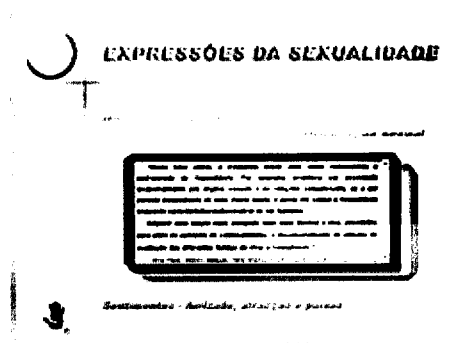


Figura 16 – Menu do tema "Expressões da Sexualidade"

Tema 3 – Relações Interpessoais

"Nesta faixa etária, os "pares" desempenham um papel fundamental nas aprendizagens, no apoio e na inserção social de rapazes e raparigas.

É através do grupo que é feita a transição das relações familiares (até aí predominantes) para sistemas de relações mais alargadas e com um peso relativo crescente.

A aquisição da capacidade de coexistir num grupo – adoptando as suas normas internas, decisões e originalidades – mantendo a individualidade, é uma das tarefas da adolescência e que tem fortes repercussões nos ciclos de vida seguintes: fazer/não fazer, gostar/não gostar, ir/não ir...

Para possibilitar essa aquisição, é imprescindível reforçar a auto-estima e criar plasticidade nas relações interpessoais."

Alice Frade, António Marques, Célia Alverca, Duarte Vilar (Educação Sexual na Escola)

O tema "**Relações Interpessoais**" apresenta como objectivo geral o aumento da capacidade de decisão pessoal e de aceitação das decisões dos outros.

Este tema divide-se em quatro sub-temas e pretende-se que na sua exploração sejam alcançados os seguintes objectivos (figura 17):

- Reconhecer a importância individual e social da família;
- Ser capaz de expressar os seus sentimentos e opiniões;
- Treinar a capacidade de decisão;
- Aceitar nos outros diferentes sentimentos, opiniões e decisões;
- Distinguir papel sexual de identidade sexual;
- Tomar consciência do que é um abuso sexual.

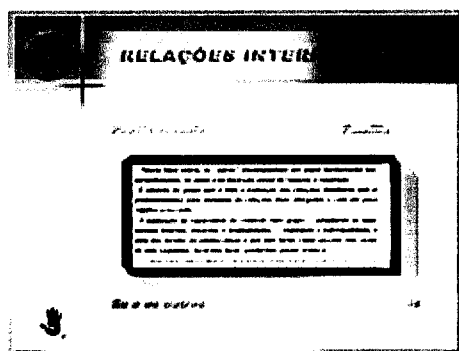


Figura 17 – Menu do tema "Relações Interpessoais"

Tema 4 – Saúde Sexual e Reprodutiva

“As gravidezes não desejadas são ainda hoje um problema que atinge um significativo número de jovens portugueses e, em particular, as raparigas.

(...) As doenças sexualmente transmissíveis são outro problema evitável. O desconhecimento dos sintomas, das formas de prevenção e tratamento e dos locais de apoio dificultam uma prevenção eficaz. Não nos referimos apenas à SIDA, mas a outras doenças que, não sendo mortais ou incuráveis, podem ser potencialmente graves.

A falta de informação sobre aspectos básicos da nossa sexualidade, estão na base de bloqueios e problemas vividos individualmente ou no relacionamento a dois.”

Alice Frade, António Marques, Célia Alverca, Duarte Vilar (Educação Sexual na Escola)

O tema " **Saúde Sexual e Reprodutiva**" apresenta como objectivo geral a adopção de comportamentos sexuais informados e responsáveis promovendo a saúde sexual e reprodutiva.

Este tema divide-se em quatro sub-temas e pretende-se que na sua exploração sejam alcançados os seguintes objectivos (figura 18):

- Conhecer os mecanismos da reprodução;
- Conhecer a métodos contraceptivos existentes;
- Compreender a importância dos métodos contraceptivos;
- Conhecer as D.S.T. mais frequentes e o seu modo de transmissão;
- Compreender a importância de uma alimentação saudável;
- Compreender a importância de uma higiene cuidada.

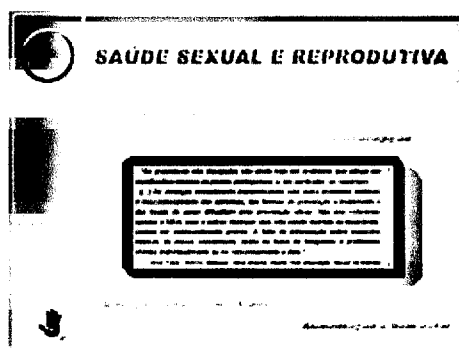
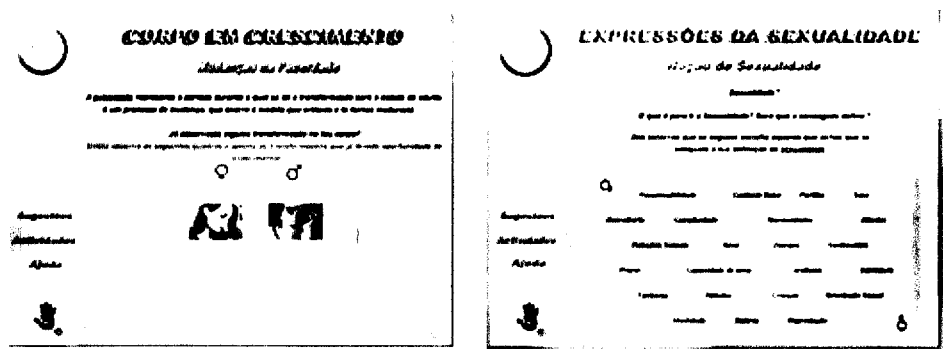


Figura 18 – Menu do tema "Saúde Sexual e Reprodutiva"

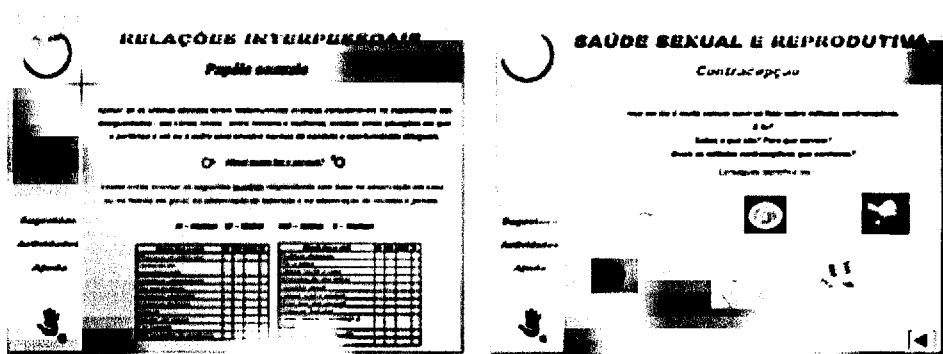
3. Sugestões

Ao explorarmos cada um dos sub-temas de qualquer tema, é-nos apresentada uma página inicial de introdução ao mesmo através de uma sugestão de abordagem (figuras 19 a 22).

As sugestões de abordagem propostas para cada tema foram adaptadas a partir do exposto para os alunos de 3º Ciclo em *Educação Sexual na Escola* de Frade A. et al., (1996).



Figuras 19 e 20 – Páginas iniciais dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”

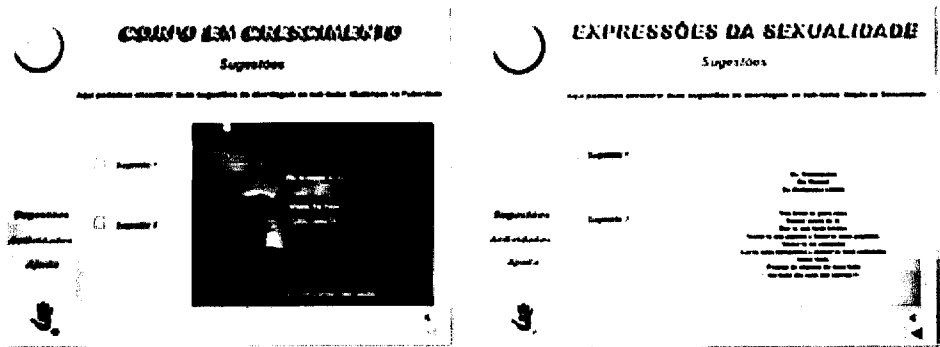


Figuras 21 e 22 – Páginas iniciais dos sub-temas “Papéis Sexuais” e “Contraceção”

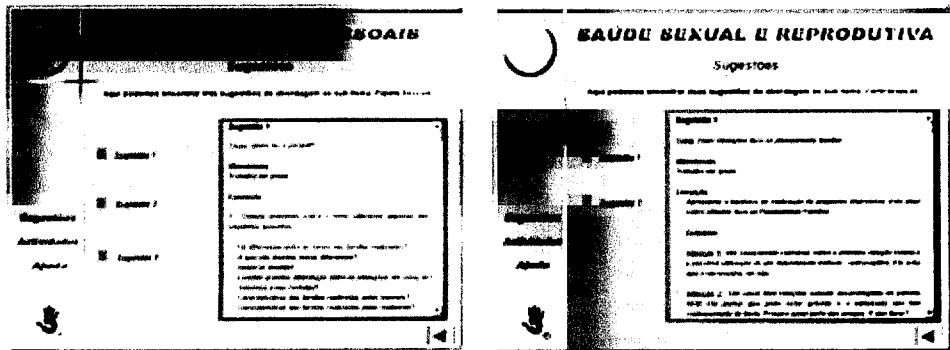
Nesta página inicial é-nos dada a oportunidade de explorarmos outras páginas tais como a das “Sugestões”, “Actividades” e da “Ajuda”.

Se explorarmos a página das “Sugestões”, encontramos uma página com outras sugestões de abordagem ao sub-tema, o que permitirá uma discussão mais alargada do

mesmo, principalmente se foram exploradas em várias aulas (figuras 23 a 26). Ao seleccionarmos cada uma das sugestões, estas irão aparecer dentro de uma moldura no lado direito da página.



Figuras 23 e 24 – Páginas das Sugestões dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”

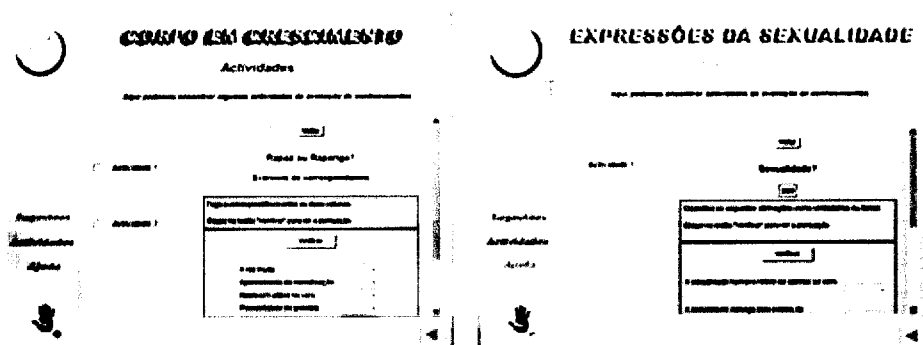


Figuras 25 e 26 – Páginas das Sugestões dos sub-temas “Noção de Sexualidade” e “Contraceção”

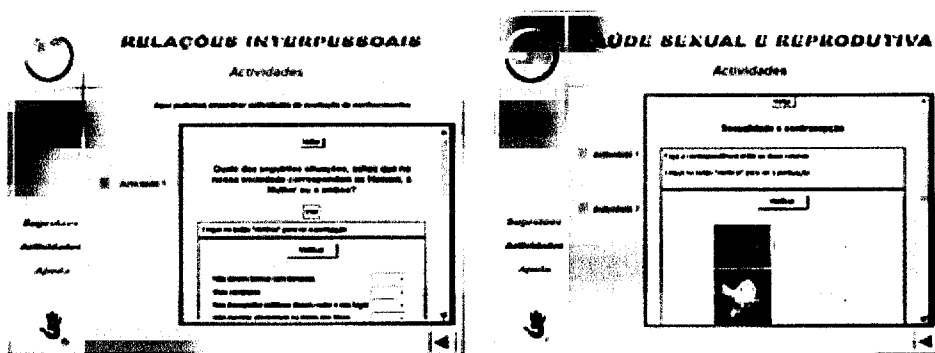
4. Actividades

Ao explorarmos a página das “Actividades”, é-nos dada a oportunidade de realizar algumas actividades onde é possível testar alguns conhecimentos adquiridos durante a abordagem de cada sub-tema (figuras 27 a 30).

São actividades que tendem a apelar à interactividade e ao desafio de testar conhecimentos sobre o que foi abordado anteriormente.



Figuras 27 e 28 – Páginas das Actividades dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”

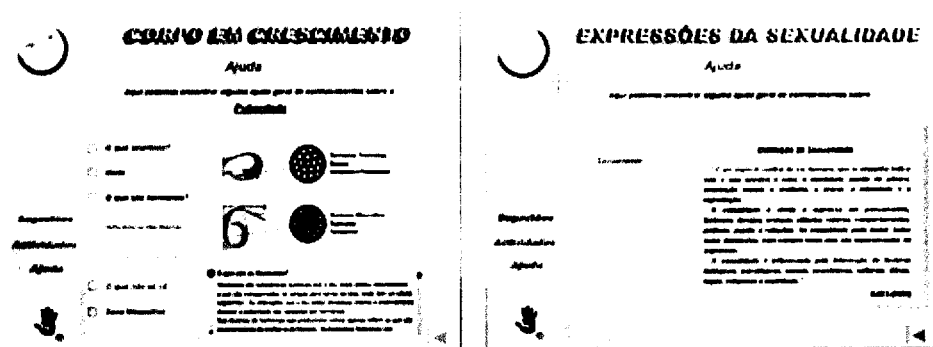


Figuras 29 e 30 – Páginas das Actividades dos sub-temas “Noção de Sexualidade” e “Contraceção”

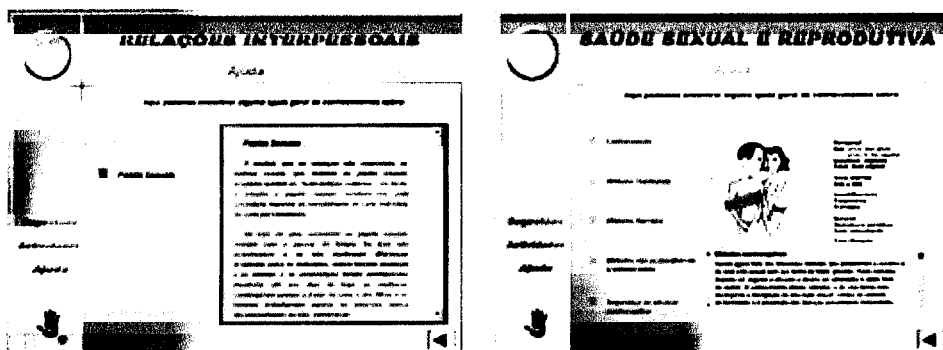
5. Ajuda

Ao explorarmos a página da “Ajuda”, é-nos dada a possibilidade de obter informações extra, no caso de surgirem dúvidas na exploração do tema ou na realização das suas actividades (figuras 31 a 34).

Na exploração destas páginas, em alguns dos sub-temas podemos encontrar informações úteis sobre os mesmos, que podem ser consultadas não apenas quando há dúvidas mas sim como curiosidade para uma compreensão mais abrangente dos conteúdos abordados nas páginas das sugestões. Daí que esta página acaba por funcionar quase como um complemento das páginas anteriormente descritas.



Figuras 31 e 32 – Páginas da Ajuda dos sub-temas “Mudanças na Puberdade” e “Noção da Sexualidade”



Figuras 33 e 34 – Páginas da Ajuda dos sub-temas “Noção de Sexualidade” e “Contraceção”

Como foi referido anteriormente, esta breve descrição da funcionalidade do protótipo, pode ser complementada com a consulta do “Guia de Utilização do Protótipo” que se encontra no anexo 3 deste trabalho.

Capítulo V – Análise de caso

5.1 Metodologia

Pretende-se com este estudo a implementação e avaliação do protótipo de CD-ROM *“Abordar a Sexualidade”* junto dos professores do 3º ciclo na área do Vale do Sousa.

Constitui-se como hipótese se é vantajoso para os professores abordarem o tema da sexualidade com os alunos utilizando o protótipo multimédia *“Abordar a sexualidade”*.

Para a investigação adoptada utilizou-se o estudo de caso, que, segundo Carmo, (1998) “... constitui uma estratégia preferida quando se quer responder a questões de *“como”* ou *“porquê”* ... o estudo focaliza-se na investigação de um fenómeno actual no seu contexto”.

5.1.1 - Amostra

Para testar o *software* educativo preparado foram seleccionados 24 professores das várias áreas disciplinares do 3º ciclo do ensino básico, que responderam a um questionário sobre o mesmo.

Não foram estabelecidos critérios restritivos quanto à idade, sexo, área geográfica, disciplinas que leccionam ou cargos que ocupam. Optámos pela selecção de professores deste nível de ensino uma vez que as faixas etárias destes alunos são prioritárias para a intervenção com ES.

Dos professores seleccionados, a maioria é do sexo feminino, licenciados do quadro de nomeação definitiva e com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos (consultar caracterização da amostra – anexo 4).

5.1.2 - Instrumentos Utilizados

Foi organizado um questionário (consultar anexo 5) com carácter anónimo e confidencial, que se dividiu em duas partes:

Parte 1 – Análise dos conhecimentos e opiniões dos Professores face ao tema da Sexualidade e a relação entre essas opiniões e o modo de abordagem do tema aos alunos.

Parte 2 – Apreciação do *software* educativo – “Protótipo de CD-ROM sobre a Sexualidade – *Abordar a Sexualidade*”.

Segundo Vaz (1996), *“os questionários são utilizados em actividades de avaliação. No entanto, os questionários podem e devem ser utilizados para aferir e partilhar conhecimentos sobre os mais diversos temas;”*.

Foi elaborado também um Protótipo de CD-ROM sobre a Sexualidade “*Abordar a Sexualidade*”.

5.1.3 – Procedimento

Numa primeira fase foi realizado o preenchimento da primeira parte do questionário (anexo 5) sobre a análise dos conhecimentos e opiniões dos Professores face ao tema da Sexualidade e a relação entre essas opiniões e o modo de abordagem do tema aos alunos.

O preenchimento foi efectuado individualmente pelo próprio e sem a intervenção dos autores, tendo sido os respondentes informados sobre a confidencialidade das respostas. Não foram notadas dificuldades no preenchimento das respostas.

Numa segunda fase, decorreu a experimentação pelos professores do protótipo multimédia produzido e perspectivas quanto à sua viabilidade de aplicação.

Posteriormente foi preenchida a segunda parte do questionário sobre a apreciação do *software* educativo – “Protótipo de CD-ROM sobre a Sexualidade – *Abordar a Sexualidade*”.

5.2 - Análise de dados

Iremos agora fazer a análise dos resultados do questionário que se realizou no âmbito desta dissertação.

5.2.1 – Análise dos conhecimentos dos professores sobre a Sexualidade

Neste ponto é apresentado um conjunto de gráficos que foram obtidos através do preenchimento da primeira parte do questionário aos professores, sobre os seus conhecimentos relativamente ao tema da sexualidade.

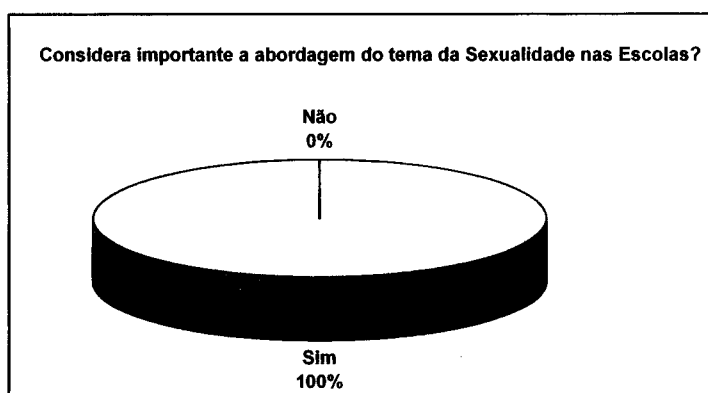


Gráfico 1 – Importância da abordagem do tema da Sexualidade nas Escolas

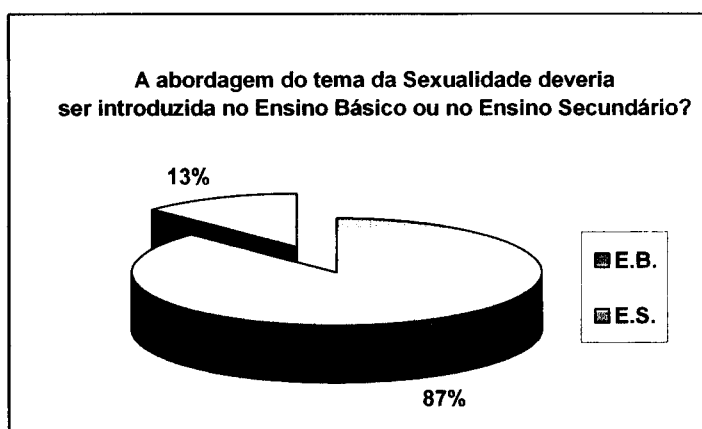


Gráfico 2 – Introdução do tema da Sexualidade no ensino básico ou secundário

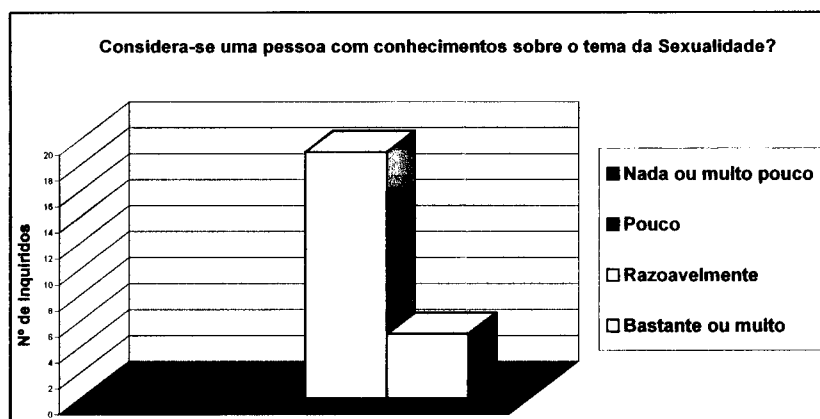


Gráfico 3 – Análise do nível de conhecimentos sobre o tema da sexualidade

Nos gráficos acima expostos podemos concluir que os professores foram unânimes em considerar que é importante a abordagem da sexualidade nas escolas. Relativamente à abordagem deste tema, 87% considera que esta deve ser introduzida no

ensino básico. Quanto ao nível de conhecimentos sobre o tema da sexualidade, a maioria dos inquiridos considera que possui conhecimentos razoáveis sobre o mesmo.

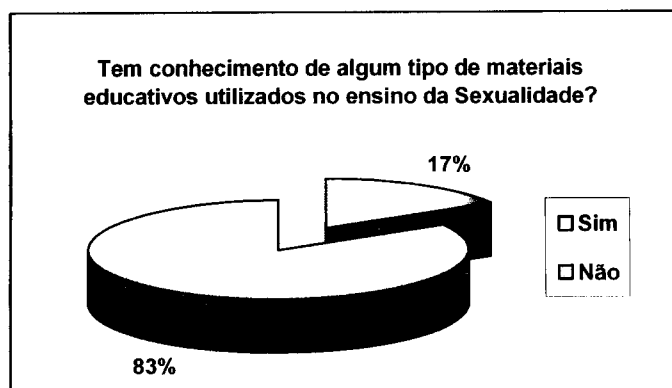


Gráfico 4 – Conhecimento de materiais educativos utilizados no ensino do tema

No gráfico 4 são visíveis os conhecimentos que os inquiridos têm sobre a utilização de materiais educativos por professores na abordagem deste tema. Dos inquiridos, 83% admitiu a falta de conhecimentos sobre os mesmos. Os restantes 17%, evidenciaram conhecimentos sobre a utilização de alguns materiais na abordagem desta temática e deram alguns exemplos tais como: diapositivos, dossiers temáticos, filmes, vídeos, folhetos informativos e alguns manuais referentes a esta temática.

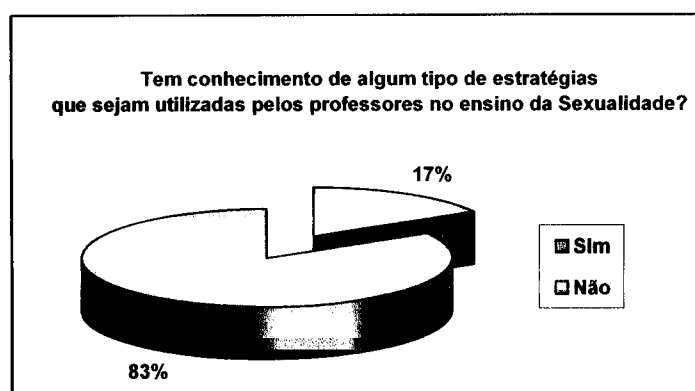


Gráfico 5 – Conhecimento de estratégias utilizadas no ensino do tema

No gráfico 5 podemos verificar que 83% dos inquiridos, revelou não ter conhecimento da utilização de estratégias pelos professores na abordagem do tema. Os restantes referiram conhecimentos sobre a existência de algumas, tais como: a utilização de meios audiovisuais, a exploração de diapositivos e de dossiers temáticos, a partilha de experiências, a transmissão de informação, o esclarecimento de dúvidas e a realização de debates e jogos.

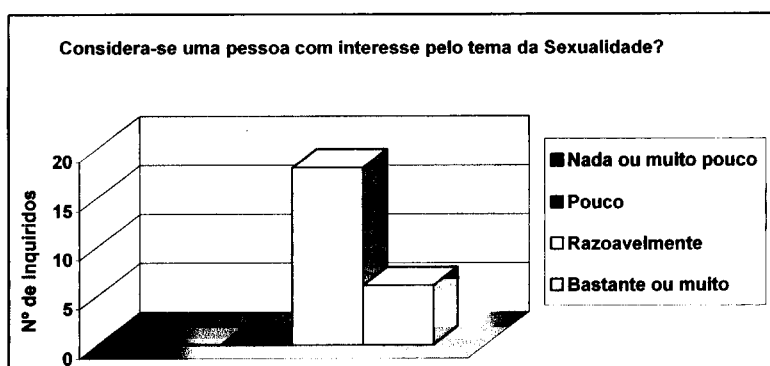


Gráfico 6 – Avaliação do grau de interesse pelo tema da sexualidade

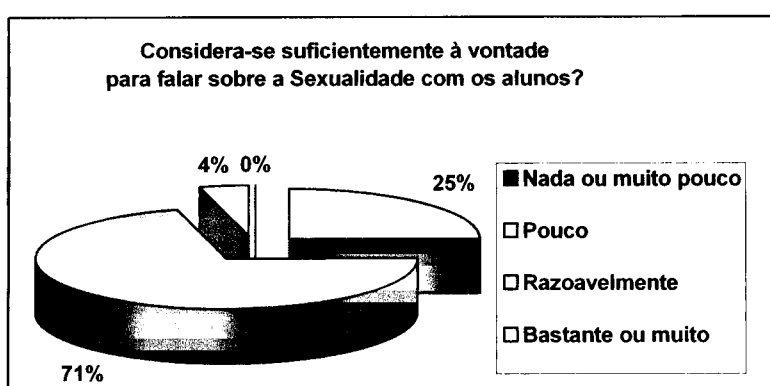


Gráfico 7 – Análise da naturalidade na abordagem do tema com os alunos

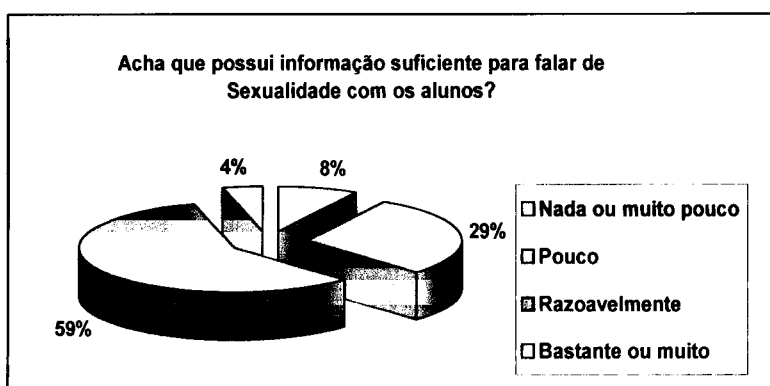


Gráfico 8 – Análise da quantidade de informação que possui sobre o tema

Da análise dos gráficos 6 a 8 acima expostos verifica-se que os professores revelam um nível de interesse considerado razoável pelo tema da sexualidade e sentem-se consideravelmente à vontade para falar do tema com os alunos.

Dado que a maioria dos inquiridos considera possuir informação suficiente para falar do tema com os alunos, é importante salientar o que os mesmos acham que é mais

importante um professor possuir para falar de sexualidade. Todos foram unânicos em considerar que um professor deve possuir alguns aspectos fundamentais que devem estar aliados à solidez dos seus conhecimentos: naturalidade suficiente para os expor, bom senso e sensibilidade na sua abordagem. Referiram ainda que um professor deverá ter um bom relacionamento com os seus alunos, o que é fundamental, mas que também deve estar seguro de si e motivado intrinsecamente para poder esclarecer as dúvidas com mais confiança.

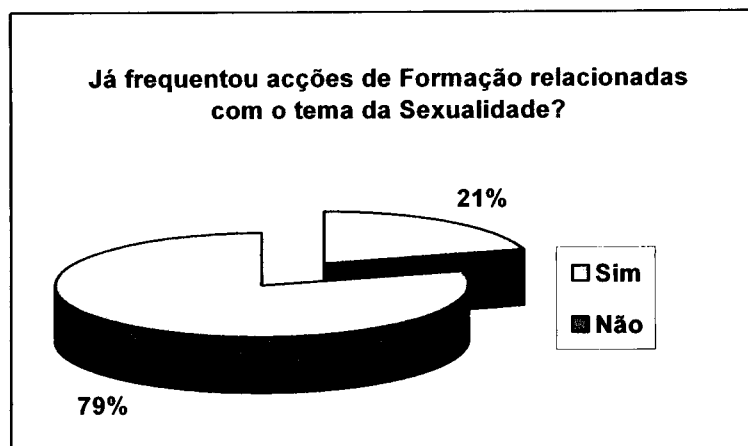


Gráfico 9 – Frequência em acções de formação relacionadas com a sexualidade

Apesar da maioria dos professores inquiridos revelarem um interesse razoável pelo tema da sexualidade, apenas 21% já frequentaram acções de formação sobre esta temática (gráfico 13). Os restantes consideram que podem obter formação sobre o tema através da leitura variada de documentos actuais, participando em acções dirigidas aos alunos, frequentando acções de formação direccionadas para o tema, em centros de saúde, através da investigação individual e da participação em conferências e seminários.

No que concerne à questão sobre o que é mais importante falar na sexualidade, é de salientar que os inquiridos consideram que se deve falar de tudo um pouco. Num universo de adolescentes que “despertam” para a sexualidade, “tudo” refere-se a todos os temas que a sexualidade engloba. O importante é esclarecer as dúvidas dos alunos e fornecer-lhes toda a informação necessária. Alertar para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, as gravidezes precoces, o planeamento, as relações com as outras pessoas, o conhecimento do próprio corpo e este encontrar-se em consonância com os afectos. Ou seja, abordar a sexualidade de uma forma geral, abarcando todos os

temas, mas principalmente encarar a sexualidade como um aspecto importante na nossa vida, mas não o único, ou o mais importante.

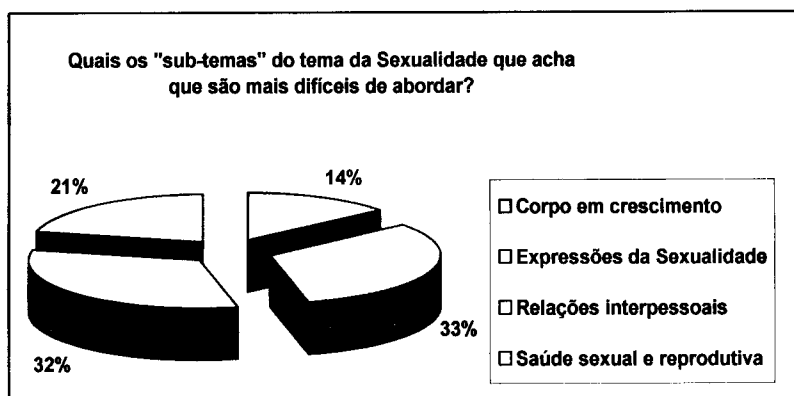


Gráfico 10 – Análise dos sub-temas do tema da sexualidade mais difíceis de abordar

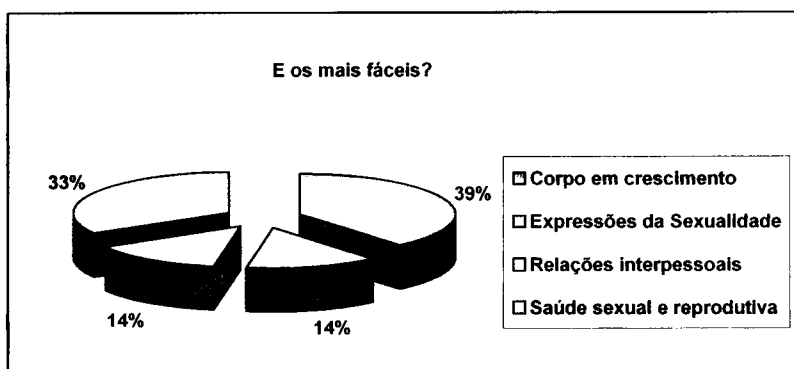


Gráfico 11 – Análise dos sub-temas do tema da sexualidade mais fáceis de abordar

Nos gráficos 10 e 11 podemos verificar que as opiniões dos professores se dividem relativamente à escolha dos sub-temas da sexualidade que consideram ser mais difíceis ou mais fáceis de abordar.

Relativamente aos mais difíceis de abordar, a maioria considerou os sub-temas “Expressões da Sexualidade” e “Relações Interpessoais”. Esta escolha foi em parte justificada pelo facto de ainda vivermos numa sociedade muito preconceituosa. Também devido ao facto destes temas serem considerados como menos científicos e objectivos e em que facilmente há a formação de juízos de valor e ideias preconceituosas. Surge também a dificuldade em os alunos, de um modo geral, falarem abertamente com os professores sobre os seus sentimentos, decisões e valores. Mas por outro lado são

assuntos que por vezes são encarados de forma leviana pelos alunos e que podem suscitar constrangimentos por parte dos professores.

Quanto aos mais fáceis de abordar, os inquiridos consideram os sub-temas "Corpo em Crescimento" e "Saúde Sexual e Reprodutiva", pois admitem que os mesmos são de conhecimento básico e que os alunos já se familiarizaram com eles, uma vez que são abordados em Ciências naturais e Formação Cívica. São considerados temas mais directos e objectivos que não dependem tanto de questões de visão e existe muita informação sobre os mesmos.

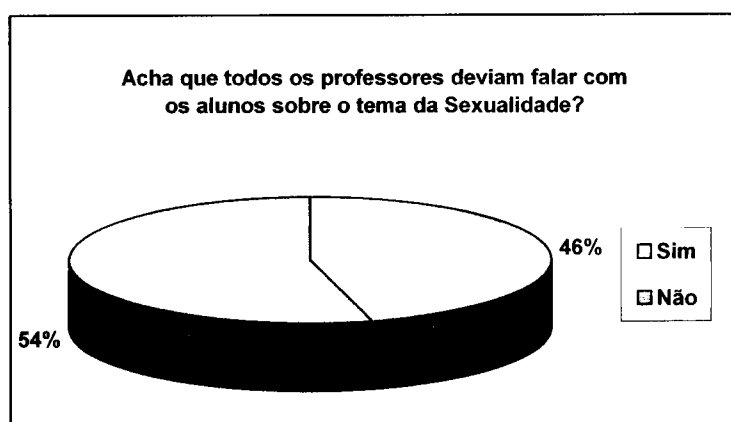


Gráfico 12 – Todos os professores deviam falar deste tema com os alunos

Através da análise deste gráfico podemos constatar que 54% dos inquiridos acha que nem todos os professores devem falar sobre este tema com os alunos. Este só devia ser abordado por professores que realmente têm alguma preparação sobre o tema, que possuem à vontade para o fazer, que mantêm uma boa relação com os alunos e que possuem informação suficiente, pois consideram que nem todos a possuem.

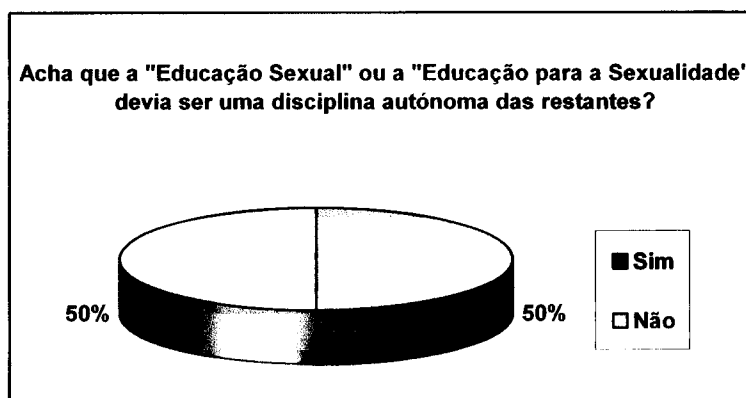


Gráfico 13 – Análise da Educação Sexual como disciplina autónoma

Na análise desta questão as opiniões dividem-se. Metade dos inquiridos considera que a ES ou Educação para a Sexualidade devia ser abordada sempre que a situação se proporcione, mas seria necessário ser uma disciplina autónoma das restantes dado que se trata de um assunto demasiado importante e fundamental para o desenvolvimento harmonioso dos alunos. Para tal deveria haver uma preparação específica do professor para leccionar esta área, visto que não se trata apenas de informar mas de educar para uma formação adequada e responsável dos alunos. Devia ser uma disciplina sem carácter de frequência obrigatória.

A outra metade dos inquiridos considera que a sexualidade é um tema transversal e como tal deve ser promovida a interdisciplinaridade entre as várias disciplinas. Deveria ser articulado com as várias áreas curriculares sendo mais aprofundado na disciplina de Ciências Naturais e ser incluído no projecto curricular de turma.

Importa também referir a questão sobre o que os professores acham que deve ser o perfil de um professor numa aula de ES. Os inquiridos consideram que o professor deve ter um perfil responsável, deve possuir conhecimentos suficientes sobre o tema e à vontade para os expor. Transmitir segurança, ser calmo e esclarecedor e também estar atento às dúvidas dos alunos. Abordar o tema com seriedade e competência e ter uma saudável vivência na área. Deve ser um orientador, um bom ouvinte e exigir abordagens respeitadas. Ter a capacidade de abordar o tema aos diferentes níveis etários adequando a informação às necessidades dos alunos. Possuir empatia com os alunos e nunca impor as suas ideias pessoais em certos temas que possam distanciar o aluno do professor, devendo apenas evitar transmitir ideias pré – concebidas que “forcem” os alunos a raciocinar da mesma maneira.

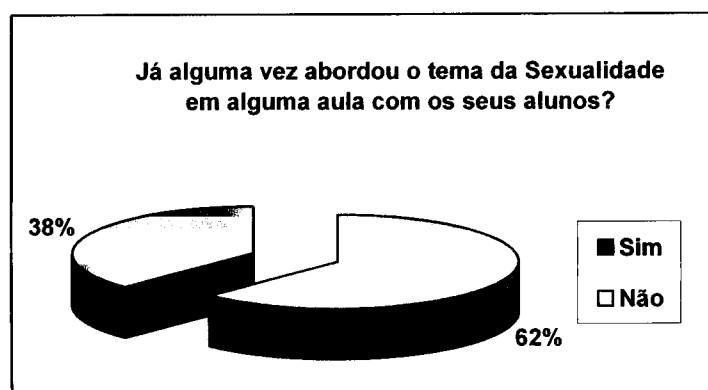


Gráfico 14 – Abordagem do tema da Sexualidade nas aulas com os alunos

Na análise do gráfico 14 podemos reparar que 62% dos professores inquiridos já abordaram o tema da sexualidade nas suas aulas. O tema foi abordado pela maioria nas aulas de Formação Cívica, também nas aulas de Ciências Naturais aquando do estudo do sistema reprodutor, nas aulas de geografia no estudo do tema: “A população – Políticas Demográficas” e nas aulas de língua portuguesa a propósito de textos em estudo. Outros abordam o tema nas suas aulas sempre que acham oportuno e pertinente.

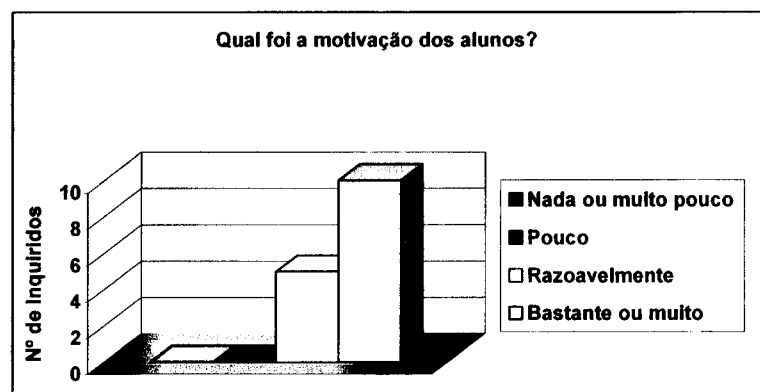


Gráfico 15 – Motivação dos alunos aquando da abordagem do tema nas aulas

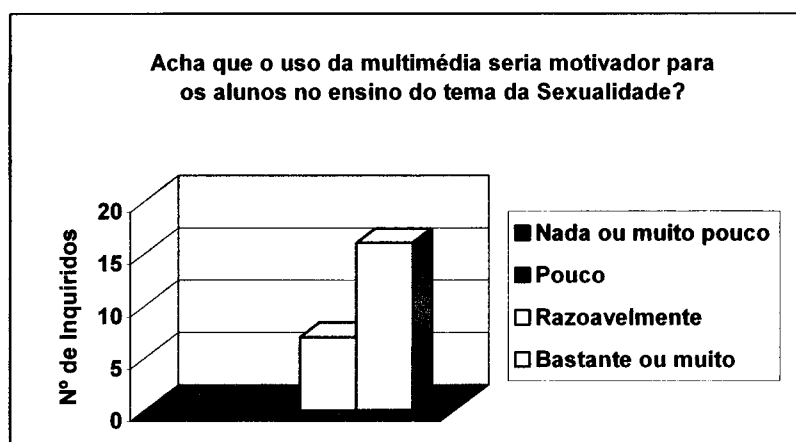


Gráfico 16 – Utilização da multimédia como factor motivador para os alunos

Aquando da abordagem deste tema nas aulas, a maioria admitiu que a motivação demonstrada pelos alunos foi boa ou muito boa (gráfico 15). Perante este facto, os professores referem que a utilização da multimédia na abordagem deste tema será bastante motivadora para os alunos (gráfico 16).

5.2.2 - Avaliação do software educativo

Neste ponto, são apresentados um conjunto de gráficos que foram obtidos através do preenchimento da segunda parte do questionário pelos professores, sobre a avaliação do protótipo multimédia produzido, após a sua experimentação, como já foi referido anteriormente.

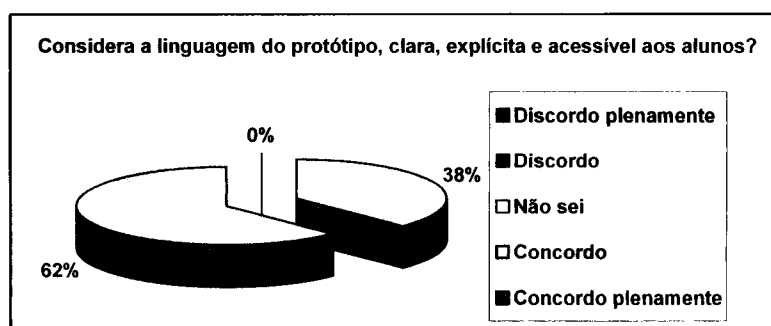


Gráfico 17 – Linguagem do protótipo

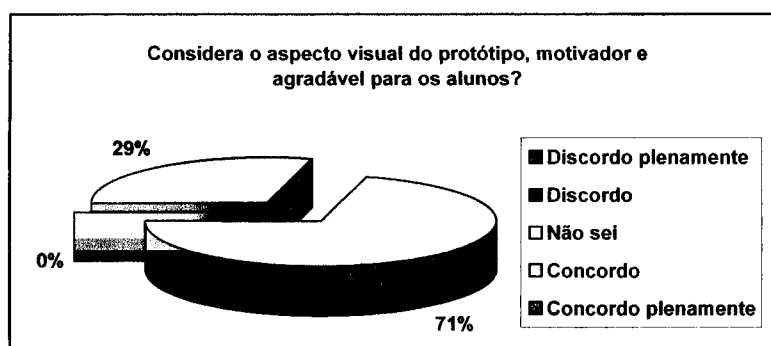


Gráfico 18 – Aspecto visual do protótipo

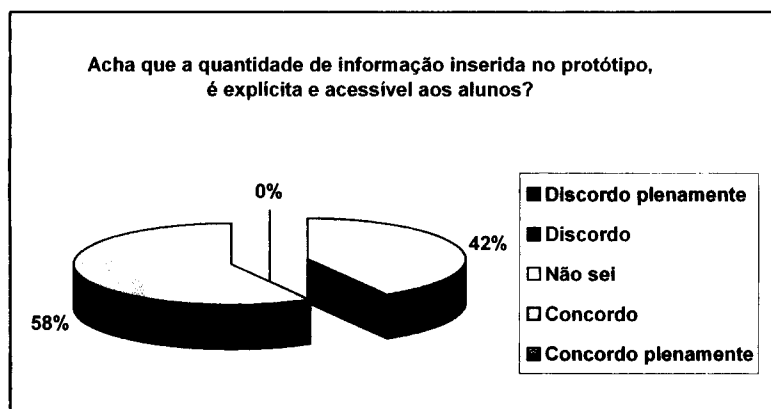


Gráfico 19 – Quantidade de informação inserida no protótipo

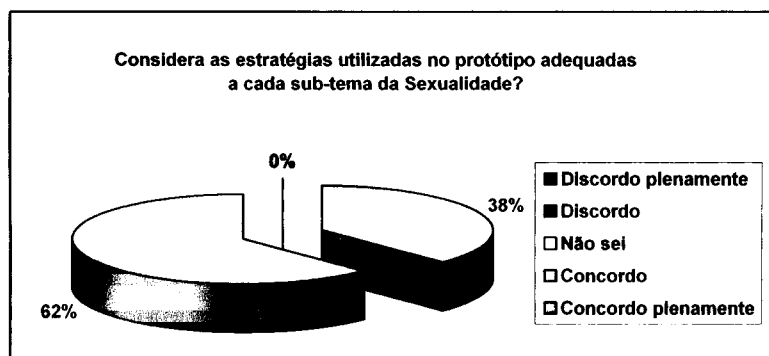


Gráfico 20 – Estratégias utilizadas no protótipo adequadas a cada sub-tema

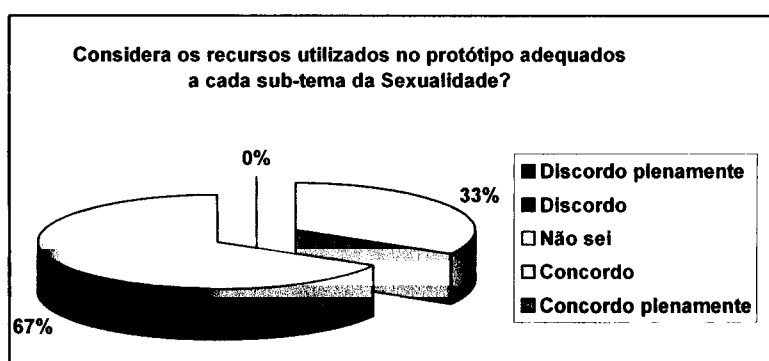


Gráfico 21 – Recursos utilizados no protótipo adequados a cada sub-tema

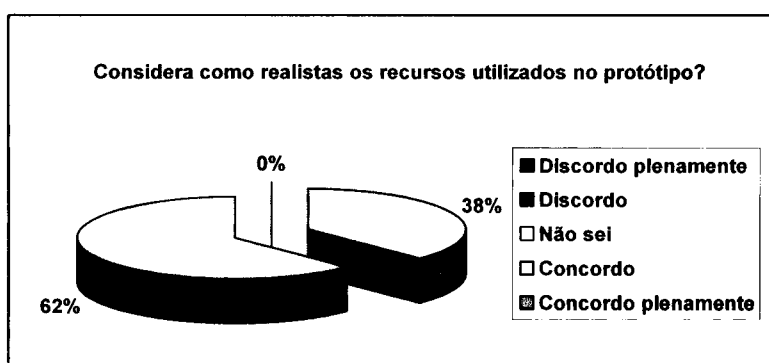


Gráfico 22 – Qualidade dos recursos utilizados no protótipo

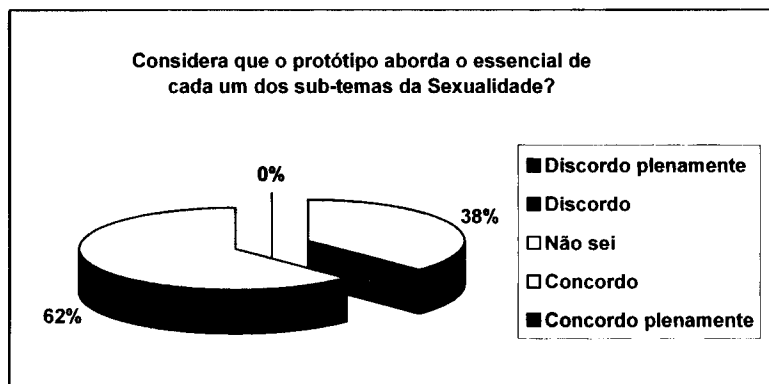


Gráfico 23 – Abordagem do essencial de cada um dos sub-temas da sexualidade

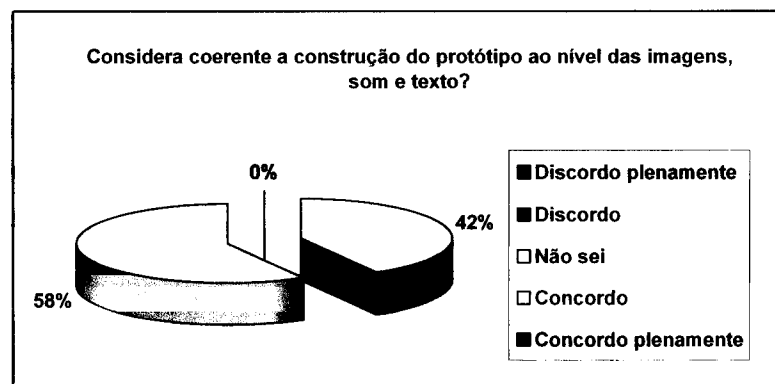


Gráfico 24 – Coerência na construção do protótipo

Na análise da gama de gráficos [17 a 24] verifica-se que relativamente à avaliação do protótipo multimédia apresentado, os inquiridos foram unânimes em considerar que este se encontra adequado para ser utilizado pelos professores como modo de abordagem ao tema da sexualidade aos alunos.

Consideram ainda que o protótipo se encontra coerente relativamente aos vários aspectos: ao nível da linguagem, sendo esta clara, explícita e acessível; o aspecto visual é motivador e agradável; a quantidade de informação inserida é explícita e acessível; as estratégias e os recursos são adequados a cada um dos sub-temas; ao nível das imagens, do som e do texto, abordando o essencial de cada um dos sub-temas. Todos estes aspectos foram considerados como adequados à faixa etária dos alunos aos quais se pretende introduzir o tema.

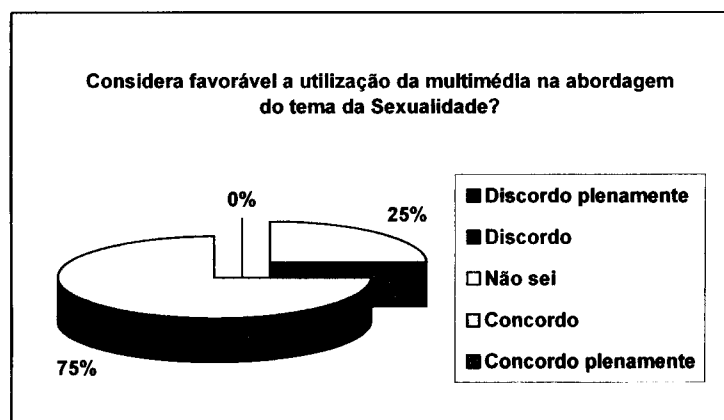


Gráfico 25 – Avaliação da utilização da multimédia na abordagem do tema

No gráfico 25 podemos reparar que todos os inquiridos consideram favorável a utilização da multimédia na abordagem do tema da sexualidade, sendo esta uma mais valia para os alunos.

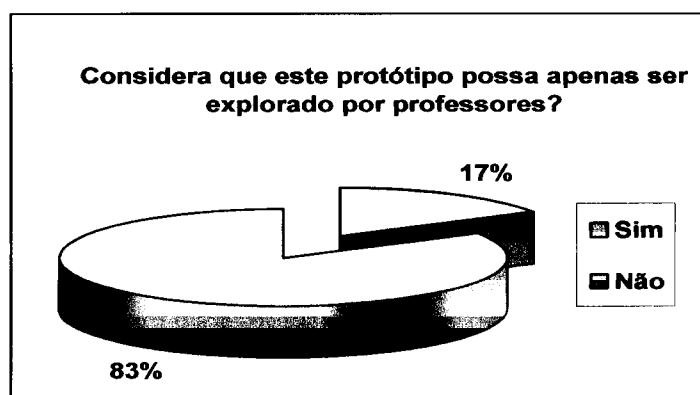


Gráfico 26 – Exploração do protótipo

É ainda relevante referir as opiniões relativas à questão sobre quem deve explorar este protótipo (gráfico 26). A maioria admitiu que este protótipo não deve ser explorado apenas por professores, pois é um material possível de ser utilizado por qualquer pessoa que o queira ou possa consultar. Os inquiridos referiram ainda que, como o protótipo se encontra bem realizado, é claro e explícito e a linguagem é acessível aos alunos, esta seria uma ferramenta essencial para ser explorada pelos mesmos como forma de motivação para o tema. Tendo também em vista que a sexualidade é uma temática que se insere na nossa formação ao longo da vida, os inquiridos referiram que este protótipo pode também ser explorado por encarregados de educação, pais, formadores, técnicos de saúde e psicólogos.

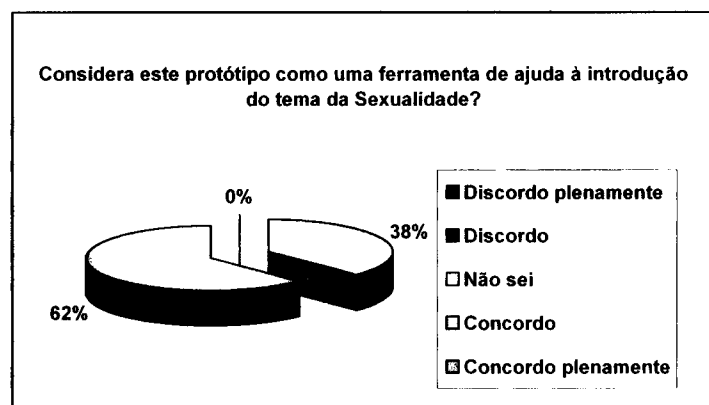


Gráfico 27 – Avaliação do protótipo como ferramenta de ajuda à introdução do tema

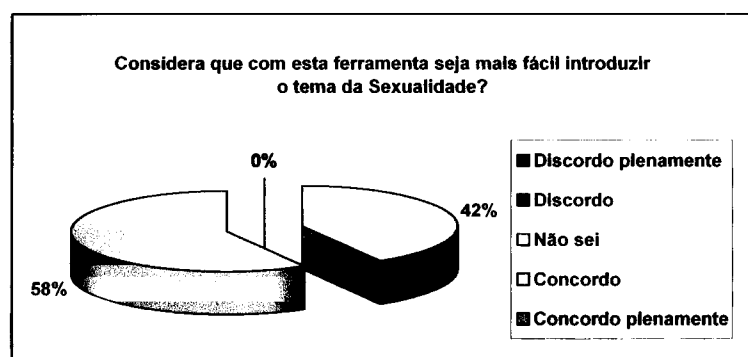


Gráfico 28 – Avaliação da ferramenta como modo facilitador da introdução do tema

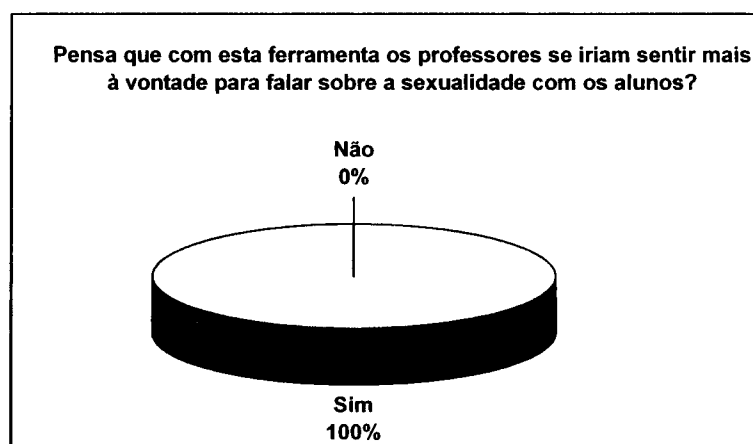


Gráfico 29 – Análise da ferramenta como possível ajuda para os professores

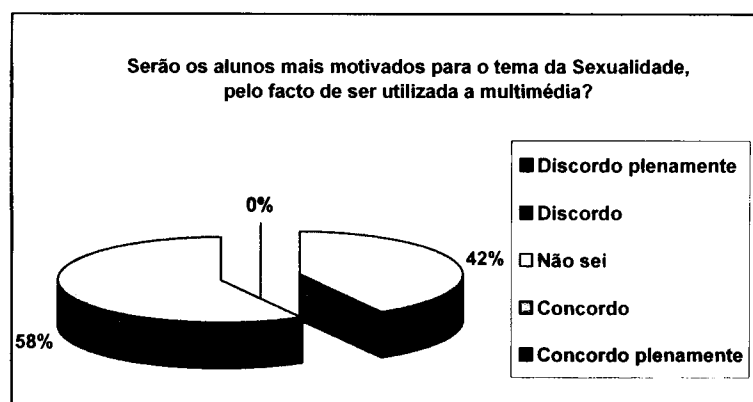


Gráfico 30 – Avaliação da motivação dos alunos para o tema utilizando a multimédia

Nos gráficos 27 a 30 acima expostos podemos reparar que todos os inquiridos consideram que com esta ferramenta será mais fácil introduzir o tema da sexualidade junto dos alunos. Referem ainda que utilizando-a como introdução à abordagem do tema, para os professores iria ser mais fácil e se iriam sentir mais à vontade para falar com os alunos, pois não teriam que ser eles próprios a lançar essa introdução, mas sim o respectivo protótipo. Deste modo seria então mais fácil motivar os alunos para debater certos assuntos que se acham ser mais difíceis de abordar, sem haver constrangimento para ambos. Logo, a maioria dos inquiridos conclui que os alunos se sentiriam mais motivados para a abordagem do tema da sexualidade pelo facto de ser utilizada a multimédia, pois este é um recurso com o qual estes se sentem à vontade para aprender e que constantemente o utilizam.



Gráfico 31 – Avaliação da diferença que fará introduzir o tema através da multimédia

Por último, do gráfico 31 podemos concluir que todos os inquiridos foram unânimes em considerar que fará diferença introduzir o tema da sexualidade aos alunos através da multimédia. Nos dias que correm as novas tecnologias são um recurso importante no sistema educativo e encontram-se em constante evolução, sendo os alunos os seus principais acompanhantes. Os professores enquanto agentes educativos também devem acompanhar esta evolução tecnológica no seu método de ensino e como tal é de considerar que de certo modo a utilização da multimédia irá cativar a atenção dos alunos para este tema que ainda é considerado tão polémico e “difícil” de abordar na nossa sociedade.

Capítulo VI – Considerações gerais

6.1 – Conclusões

Nesta altura centraremos a nossa atenção numa perspectiva global sobre as respostas dadas ao questionário.

As respostas obtidas na primeira parte do questionário que se refere aos conhecimentos que os professores possuem sobre o tema da sexualidade, permitiram-nos inferir que:

- A abordagem da sexualidade nas escolas é importante e deve ser introduzida no ensino básico.
- A maioria dos professores considera que possui conhecimentos razoáveis sobre o tema da sexualidade mas admitem a falta de conhecimentos sobre a utilização de materiais educativos e estratégias na abordagem deste tema.
- Os professores revelam um nível de interesse considerado razoável pelo tema da sexualidade e sentem-se consideravelmente à vontade para falar do tema com os alunos.
- Os inquiridos referem que um professor para abordar o tema da sexualidade deve ter um perfil bem definido que assenta sobre possuir conhecimentos suficientes, ter à vontade para os expor e ter um bom relacionamento com os seus alunos, mas também deve estar seguro de si e motivado intrinsecamente nunca impondo as suas ideias pessoais.
- A frequência em acções de formação sobre esta temática é fraca e consideram que podem obter formação sobre a mesma, através de investigação individual ou frequentando acções de formação direccionadas para o tema nas escolas.
- Os professores consideram que na sexualidade não há temas importantes, se deve falar de tudo um pouco, referindo-se o “tudo” à totalidade das dimensões que esta temática engloba.

-
- É difícil a escolha entre os sub-temas da sexualidade que se consideram ser mais difíceis ou mais fáceis de abordar com os alunos. “Expressões da Sexualidade” e “Relações Interpessoais” foram referidos como os mais difíceis devido ao facto de ainda vivermos numa sociedade muito preconceituosa e pelo facto de serem considerados como menos científicos e objectivos. “Corpo em Crescimento” e “Saúde Sexual e Reprodutiva” foram considerados os mais fáceis, pois admitem que já existe muita informação sobre os mesmos e os alunos já se encontram familiarizados com estes.
 - Os inquiridos referem que nem todos os professores devem falar sobre este tema com os alunos, devendo apenas ser abordado por aqueles que realmente já têm alguma preparação sobre o tema.
 - A ES ou Educação para a Sexualidade é considerada por alguns como mais útil aos alunos se fosse uma disciplina autónoma das restantes. Outros consideram-na como um tema transversal e como tal deveria ser incluído no projecto curricular de turma e articulado com as várias áreas curriculares.
 - A maioria dos professores já abordou o tema da sexualidade nas aulas, principalmente em Formação Cívica, ou quando acham que é pertinente. A maioria admitiu que os alunos se mostraram bastante motivados aquando desta abordagem.

As respostas obtidas na segunda parte do questionário que se refere à apreciação do protótipo multimédia produzido, permitiram-nos apurar que:

- O protótipo multimédia produzido se encontra adequado para ser utilizado pelos professores como modo de abordagem ao tema da sexualidade aos alunos.
- A construção do protótipo encontra-se coerente relativamente aos vários aspectos: da linguagem, ao aspecto visual, à quantidade de informação inserida, às estratégias e aos recursos que se encontram adequados a cada um dos sub-temas, ao nível das imagens, do som e do texto abordando o essencial de cada um dos sub-temas. Estes aspectos foram também

considerados como adequados à faixa etária dos alunos aos quais se pretende introduzir o tema.

- O protótipo não deve ser explorado apenas por professores, pois é considerado um material possível de ser utilizado por qualquer pessoa que o queira ou possa consultar. Dada a construção deste protótipo ser coerente nos seus vários aspectos seria uma ferramenta essencial para ser explorada pelos alunos como forma de motivação para o tema da sexualidade.
- É considerada favorável a utilização da multimédia na abordagem do tema da sexualidade.
- Os professores referem que é mais fácil e iriam sentir-se mais à vontade para falar com os alunos, se introduzissem o tema da sexualidade utilizando esta ferramenta, pois não teriam que ser eles próprios a lançar essa introdução, mas sim o respectivo protótipo. Deste modo seria então mais simples motivar os alunos para debater certos assuntos que se acham ser mais difíceis de abordar, evitando assim possíveis constrangimentos para ambos.
- Os professores valorizam que os alunos se iriam sentir mais motivados para a abordagem do tema da sexualidade, pelo facto de ser utilizada a multimédia, pois este é um recurso com o qual estes se sentem à vontade para aprender e que constantemente o utilizam.
- É considerado por todos os professores que fará diferença introduzir o tema da sexualidade aos alunos através da multimédia, pois as novas tecnologias encontram-se em constante evolução e os professores enquanto agentes educativos também a devem acompanhar no seu método de ensino. Como tal é referido que de certo modo a utilização da multimédia irá cativar a atenção dos alunos para este tema que na nossa sociedade ainda é considerado para alguns como um *tabu*.

Do que inferimos das respostas dadas aos questionários podemos ainda rematar que a abordagem da sexualidade nas escolas é necessária e, como tal, esta pode ser feita pelos professores utilizando a multimédia como modo de introdução ao tema, recurso este constantemente utilizado pelos alunos e que sabemos que apela à sua

motivação. Para isso é necessário que o professor também esteja actualizado sobre o tema da sexualidade, conheça as novas tecnologias e se as souber aplicar em contexto educativo irá estabelecer-se definitivamente uma relação vantajosa entre aluno-professor, o que pode contribuir para um maior dinamismo no processo ensino-aprendizagem e evitar constrangimentos na abordagem deste tema.

6.2 – Sugestões para o futuro

O desafio da investigação desenvolvida não termina aqui o seu impacto, pois procuram-se novas perspectivas no seguimento do que foi feito. A intenção de submeter o protótipo multimédia produzido à análise de especialistas no ensino da sexualidade e a sua aplicação com alunos para concluir sobre as melhorias na aprendizagem utilizando a multimédia, são dois projectos possíveis. O primeiro iria permitir desenvolver um protótipo multimédia ainda mais rico e completo, adequado às várias faixas etárias e aos vários níveis de ensino. O segundo, à semelhança de muitos outros, iria possibilitar a avaliação da utilização das novas tecnologias como modo de melhorar a aprendizagem dos alunos na abordagem deste tema.

O estudo desenvolvido levou a autora da dissertação a acreditar ainda mais nas potencialidades das novas tecnologias e, que estas aliadas ao ensino da sexualidade e aos materiais que o complementam, podem resultar numa excelente motivação para o processo-ensino aprendizagem dos alunos.

Termina-se esta dissertação sentindo que se cumpriu o seu objectivo.

Partiu-se do pressuposto que seria mais fácil para os professores abordarem o tema da sexualidade com os alunos utilizando o protótipo multimédia *“Abordar a sexualidade”*. Encontraram-se resultados positivos que confirmam a hipótese levantada.

Acrescenta-se que, paralelamente, os professores envolvidos nesta investigação revelaram bastante interesse pelo protótipo construído, mesmo os que estavam menos familiarizados com as novas tecnologias. Assim, agrada-nos a perspectiva de termos dado um pequeno contributo para a integração da multimédia no ensino, alertando professores menos conhecedores deste tipo de recursos para a sua existência e potencialidades.

Muito se aprendeu com a realização deste trabalho, quer a nível de competências técnicas na área da multimédia, quer no âmbito da sexualidade. No campo pedagógico,

salientámos a evolução enquanto docentes, estando actualmente mais atentos e preparados para os desafios futuros desta profissão.

A investigadora sente que valeu a pena desenvolver este projecto e assume que o mesmo enriqueceu em muito a sua carreira profissional.

Bibliografia

ALFERES, V. R. (1997) *Encenações e Comportamentos sexuais*. Porto: Edições Afrontamento.

BERGER, K. S.; THOMPSON, R.A. (1998). *Psicología del desarrollo: infancia y adolescencia*. Madrid. Editorial Medica Panamericana.

BRACONNIER, A.; MARCELLI, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa. Climepsi Editores.

BROWN, R. T.; CROMER, B. A. (1996). *Sexualidade do adolescente*. In: SANFILIPPO, J. S. et al. *Ginecologia pediátrica e do adolescente*. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan.

CARMO, H.; FERREIRA, M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para Auto-aprendizagem*. Universidade Aberta

CAVALCANTI, R. (1997). *Saúde Sexual & Reprodutiva, Ensinado a Ensinar*. Artgraf Editora.

COUTINHO, C. P. ; CHAVES, J. H. (2001). *Desafios à investigação em TIC na educação: as metodologias de desenvolvimento*. II Conferências Internacional Challenges 2001/Desafios 2001. In Livro de Actas.

GOLEMAN, D. (1995). *Inteligência emocional*. Temas e debates. Lisboa.

ESCADA, A. (2004) *Emoções*. Leça da Palmeira. Raridade Editora.

FÉLIX, I. (1995). *Evolução da sexualidade ao longo da infância e da adolescência*. In: FÉLIX, I., coord; MARQUES, A. M., coord. – *E nós... somos diferentes? Sexualidade e educação sexual na deficiência mental*. Lisboa. APF.

FIERRO, A. (1995). *Relaciones sociales en la adolescencia*. In: PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A.; COLL, C. *Desarrollo psicológico y educación, I psicología evolutiva*. (9ª ed.). Madrid. Alianza Editorial.

FIERRO, A. (1997). *La construcción de la identidad personal*. In: MARTÍ, E., coord.; ONRUBIA, J., coord. *Psicología del desarrollo: el mundo del adolescente*. Barcelona. ICE – Cuadernos de formación del profesorado.

FRADE, A. [et al.] (1996). *Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores*. (2ª edição). Texto Editora. Lisboa.

GISPERT, I. (1997). *La reorganización de la vida social en la adolescencia*. In: MARTÍ, E., coord.; ONRUBIA, J., coord. *Psicología del desarrollo: el mundo del adolescente*. Barcelona. ICE – Cuadernos de formación del profesorado.

HULL, D. (s/d). *Guia da Saúde do Bebê, da Criança e do Adolescente*.

LÉVY, P. (1990). *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era Informática*. Lisboa, Instituto Piaget

LÓPEZ, F.; FUERTES, A. (1998). *Para comprender la sexualidad*. (7ª ed.) Navarra. Verbo Divino.

MARCOS, L. H. (2003). *Galáxia Digital e Pedagogia da Interactividade*. Instituto Multimédia [on-line]. [consult 20-08-2005] Disponível em:
http://www.c5.cl/ieinvestiga/actas/ribie94/Dem2_31.html

MARQUES, A. M. [et al.] (Coord.) (1999). *Orientações técnicas sobre Educação Sexual em meio escolar*. PES, APF, DGS.

MARQUES, A. M. [et al.] (2000). *Educação sexual em meio escolar: Linhas orientadoras*. (1ª edição). Ministério da Educação e Ministério da Saúde. Lisboa.

MARTÍ, E. (1997). *El cuerpo cambiante del adolescente*. In: MARTÍ, E.; ONRUBIA, J., coord., et al. *Psicología del desarrollo: el mundo del adolescente*. Barcelona. ICE – Cuadernos de formación del profesorado.

MENEZES, I. (1990). *O desenvolvimento psicosexual*. In: CAMPOS, B. P., coord. *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Lisboa. Universidade Aberta.

MORGADO, L. (1998). *O lugar do hipertexto na aprendizagem: alguns princípios para a sua concepção*. [On-line]. [consult 20-09-2005] Disponível em:
<http://www.moderna.com.br/artigos/pedagogia/0019>

MORRISON, M. (1999). *Fundamentos de enfermagem em saúde mental*. Madrid. Harcourt Brace.

MYERS, D. (1999). *Introdução à psicologia geral*. (5ª edição). Rio de Janeiro. LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora.

NODIN, N. (2000). *A saúde sexual e reprodutiva: um novo enfoque sobre a sexualidade*. In: *Actas do 3º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Lisboa. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

PAIS, J. M. (1996). *Sexualidade*. In *jovens de Hoje e de Aqui: resultados do inquérito à juventude do concelho de Loures*. Loures. Câmara Municipal de Loures.

PAIVA, J.; Paiva, J. (2002) *Sexualidade e Afectos*. Plátano Editora.

PAIVA, J. (2002). *As tecnologias de informação e comunicação: utilização pelos professores*. [On-line]. [consult 05-01-2006] Disponível em:

http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/estudos/utilizacao_tic_profs.pdf

PALACIOS, J. (1995). *Que es la adolescencia?*. In: PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A.; COLL, C. *Desarrollo psicológico y educación, I psicología evolutiva*. (9ª ed.). Madrid. Alianza Editorial.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. (7ª edição). Porto Alegre. Artmed.

PRAZERES, V. (1998). *Saúde dos adolescentes: princípios orientadores*. Lisboa. Direcção Geral da Saúde.

SAMPAIO, D. (1994). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.

SAMPAIO, D. (1999). *A cinza do tempo*. Lisboa: Editorial Caminho.

SANDERS, P.; SWIDEN, L. (1995). *Para me conhecer, Para te conhecer: Estratégias de Educação Sexual para o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa. APF.

SERPA, A.; COSTA (1995). *A Educação Sexual na Escola: avaliação das necessidades de formação, por parte das instituições e grupos sociais. Revista Sexualidade e Planeamento Familiar*. Julho/Dezembro, 8-9.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. (1994). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. (2ª edição). Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

TABORDA-SIMÕES, M.C. (2002). Adolescência: transição, crise ou mudança?. *Psychologica*, 30, 407-429.

TABORDA-SIMÕES, M.C.; LIMA, L.N. (2001). Adolescência: concepções parentais e promoção da autonomia. *Psychologica*, 27, 245-274.

TABORDA-SIMÕES, M.C.; LIMA, L.N. (2004). Adolescência: concepções dos professores. *Psychologica*, extra-série, 399-416.

TABORDA-SIMÕES, M. C.; VALE DIAS, M. L.; FORMOSINHO, M. D. & FONSECA, A. C. (2006). Adolescence – Portugal. In J. J. Arnett *et al.* (Ed), *International Encyclopaedia of Adolescence*. New York: Routledge.

TABORDA-SIMÕES, M.C.; VALE DIAS, M.L.; LIMA, L.N. (2006). *Adolescence: Représentations des enseignants et réussite scolaire. Comunicação apresentada na 8e Biennale de l'éducation et de la formation*. Lyon. 11-14 Avril.

VAN DEN AKKEN, N. [et al.] (1999). (EDS) *Design Methodology and developmental research in education an training*. Netherlands: Kluwer Academic.

VASCONCELOS, P. (1998). *Práticas e discursos da conjugalidade e da sexualidade dos jovens portugueses*. In: *JOVENS Portugueses de hoje: resultados do inquérito de 1997*. Oeiras. Celta Editora (Estudos sobre juventude).

VAZ, J. (1996). *Educação Sexual nas Escolas*. Lisboa, Universidade Aberta.

WENT, D. (1985). *Sex education: some guidelines for teachers*. London. Bell & Hyman.

WHO (1999). *Programming for adolescent health and development*. Geneva. WHO.

YATES, A. (1995). *Sexualidade infantil*. In: LEWIS, M. *Tratado de psiquiatria da infância e adolescência*. Porto Alegre. Artes Médicas.

Alguma Legislação Consultada

Constituição da República Portuguesa 1976 (2ª edição, 1976).

Constituição da República Portuguesa 1976 (1ª revisão, 1982).

Constituição da República Portuguesa 1976 (5ª revisão, 2002).

Decreto-Lei nº 259/2000.

Decreto-lei nº 259/2000, de 17 de Outubro: regulamenta as medidas previstas na lei 120/99.

Despacho nº 19 737/2005 (2ª série): regulamenta a Lei n.º 120/99, de 11 de Agosto (reforça as garantias do direito à saúde reprodutiva).

Lei de Bases do Sistema Educativo.

Lei nº 3/84, de 24 de Março: Educação sexual e planeamento familiar.

Lei nº 120/99, de 11 de Agosto: Reforça as garantias do direito à saúde reprodutiva.

Alguns Sites Consultados

Associação para o Planeamento da Família – APF. [On-line]. [consult 10-01-2005]

Disponível em:

<http://www.apf.pt/>

Boletim dos professores. [On-line]. [consult 15-11-2005] Disponível em:

<http://www.professores.pt>

Declaração universal dos direitos do Homem. [On-line]. [consult 17-05-2005] Disponível em:

<http://www.amnistia-internacional.pt>

Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. [On-line]. [consult 05-11-2005]

Disponível em:

www.dgidc.min-edu.pt/

Relatório Preliminar do Grupo de Trabalho criado no âmbito do Despacho 19 737/2005

Ministério da Educação. [On-line]. [consult 12-06-2005] Disponível em:

<http://www.min.edu.pt>

Organização Mundial da Saúde – O.M.S. [On-line]. [consult 05-02-2005] Disponível em:

<http://www.onuportugal.pt>

www.bandin.com/cjas/ [consult 10-05-2005]

www.eb23-mondim-basto.rcts.pt/sem-tabus.html [consult 23-10-2005]

www.educacao.te.pt [consult 23-10-2005]

www.esectondela.rcts.pt/sexualidade/inicio.htm [consult 27-11-2005]

<http://juventude.gov.pt/Portal/OutrosTemas/SaudeSexualidadeJuvenil/> [consult 25-11-2005]

www.minerva.uevora.pt/aventuras/sexualidade/ [consult 27-11-2005]

www.pilado.com [consult 10-12-2005]

www.ruthinking.co.uk [consult 05-01-2006]

www.sexualhealth.com [consult 10-11-2005]

www.sexualidades.com [consult 23-10-2005]

www.teenwire.com [consult 05-01-2006]

www.iwannaknow.org [consult 05-01-2006]

Anexo 1

Descrição de alguns sites relativos à temática da sexualidade

Nome Endereço do Site	SEXUALIDADES (equipa multidisciplinar) www.sexualidades.com	EDUCAÇÃO SEXUAL (Texto Editora) www.educacao.te.pt
Interface	▪ Não adequado a um público-alvo jovem ▪ Design simples, sóbrio, pouco apelativo ▪ Estrutura de portal ▪ Permite pesquisa	▪ Adequado a um público-alvo jovem ▪ Design apelativo, dinâmico ▪ Legibilidade razoável ▪ Navegação um pouco confusa
Conteúdo	▪ Informação de carácter técnico muito variada	▪ Comportamentos e preocupações dos adolescentes ▪ Mitos ▪ Lista de <i>links</i> úteis
Metodologias	▪ Exposição escrita da informação ▪ Pergunta/resposta ▪ Discussão/debate ▪ Sugestões e pesquisa no próprio <i>site</i>	▪ Exposição escrita da informação ▪ Pergunta/resposta

Quadro 1 – Descrição dos sites “Sexualidades” e “Educação Sexual – Texto Editora”

Nome Endereço do Site	SEM TABUS (Escola EB 2, 3 de Mondim de Basto) www.eb23-mondim-basto.rcts.pt/sem-tabus.html	SAÚDE E SEXUALIDADE JUVENIL (Instituto Português da Juventude) http://juventude.gov.pt/Portal/OutrosTemas/SaudeSexualidadeJuvenil/
Interface	▪ Design simples, pouco atractivo ▪ Navegação fácil e intuitiva, com hipertexto ▪ Boa legibilidade ▪ Linguagem pouco coerente	▪ Ausência total de imagens ▪ Design institucional, sóbrio, coerente, pouco apelativo ▪ Linguagem adequada ▪ Navegação intuitiva ▪ Legibilidade razoável
Conteúdo	▪ Aspectos morfo-fisiológicos da ▪ Desenvolvimento psicossocial dos adolescentes	▪ Saúde sexual ▪ Comportamentos sexuais
Metodologias	▪ Exposição escrita da informação ▪ Glossário	▪ Exposição escrita da informação

Quadro 2 – Descrição dos sites “Sem Tabus” e “Saúde e Sexualidade Juvenil – IPJ”

Nome Endereço do Site	SEXUALIDADE/SEXUALIDADES (Universidade de Évora) www.minerva.uevora.pt/aventuras/sexualidade/	EDUCAÇÃO SEXUAL (Escola Secundária de Tondela) www.esectondela.rcts.pt/sexualidade/inicio.htm
Interface	▪ Design original, simples, sóbrio ▪ Boa legibilidade ▪ Navegação intuitiva ▪ Linguagem adequada	▪ Design feminino, pouco dinâmico ▪ Navegação intuitiva ▪ Estrutura e linguagem pouco coerentes
Conteúdo	▪ Orientações e <i>links</i> úteis para a realização das tarefas propostas ▪ Remete para outros <i>sites</i>	▪ Morfofisiologia do sistema reprodutor ▪ Contraceção ▪ DST's
Metodologias	▪ <i>Webquest</i> ▪ Pesquisa orientada ▪ <i>Role-playing</i>	▪ Exposição escrita da informação ▪ Pergunta/resposta

Quadro 3 – Descrição dos sites “Sexualidade/Sexualidades” e “Educação Sexual ”

Nome Endereço do Site	PILADO (Organon, França) www.pilado.com	RU THINKING ABOUT IT? (Teenage Pregnancy Unit, UK) www.ruthinking.co.uk
Interface	▪ Adequado a um público-alvo jovem ▪ Design sóbrio e dinâmico, por vezes feminino ▪ Boa legibilidade ▪ Navegação intuitiva ▪ Existe mapa do <i>site</i>	▪ Adequado a um público-alvo jovem ▪ Boa legibilidade ▪ Design sóbrio, dinâmico ▪ Linguagem adequada ▪ Permite pesquisa ▪ Navegação intuitiva
Conteúdo	▪ História da contraceção ▪ Contraceção ▪ Prevenção de DST's	▪ Contraceção, gravidez e DST's ▪ Legislação ▪ Transformações físicas na adolescência e relacionamentos
Metodologias	▪ Glossário ▪ <i>Quizz's</i> ▪ Exposição escrita da informação sob a forma de pergunta/resposta	▪ Exposição escrita da informação ▪ Sugestões/opiniões ▪ Análise de casos reais

Quadro 4 – Descrição dos sites “PILADO” e “RU THINKING ABOUT IT?”

Nome Endereço do Site	SEXUAL HEALTH (Sexual Health Network, USA) www.sexualhealth.com	TEEN WIRE (Planned Parenthood Federation of America) www.teenwire.com
Interface	▪ Não adequado a um público-alvo adolescente ▪ Navegação um pouco confusa ▪ Boa legibilidade ▪ Permite pesquisa ▪ Linguagem técnica ▪ Muita publicidade externa	▪ Adequado a um público-alvo jovem ▪ Inclui imagens, gráficos e várias ferramentas multimédia ▪ Design muito dinâmico, um pouco confuso ▪ Legibilidade razoável ▪ Linguagem adequada ▪ Permite pesquisa ▪ Navegação confusa ▪ Hipertexto presente
Conteúdo	▪ Informação técnica e pormenorizada sobre saúde sexual e comportamentos sexuais	▪ Informação diversa na área da sexualidade ▪ Sexualidade na adolescência ▪ Saúde sexual ▪ Relacionamentos e ▪ Contraceção ▪ Conteúdos disponíveis em 2 línguas (inglês e espanhol)
Metodologias	▪ Pergunta/resposta ▪ Exposição escrita da informação	▪ Jogos interactivos ▪ Humor ▪ Filmes ▪ Glossário interactivo ▪ Rádio on-line ▪ Diário fictício de uma adolescente ▪ Hipertexto ▪ Quizz's ▪ Debates/comentários assíncronos ▪ Debates/conversas síncronos

Quadro 5 – Descrição dos sites "SEXUAL HEALTH" e "TEEN WIRE"

Nome Endereço do Site	I WANNA KNOW (American Social Health Association) www.iwannaknow.org	CJASM (Centro Joven de Anticoncepción y Sexualidad de Madrid) www.bandin.com/cjas/
Interface	▪ Navegação fácil e intuitiva ▪ Design simples, sóbrio ▪ Linguagem adequada ▪ Boa legibilidade ▪ Existe mapa do site	▪ Adequado a um público-alvo jovem ▪ Design dinâmico, original ▪ Navegação confusa ▪ Legibilidade, por vezes, fraca ▪ Com animações ▪ Permite pesquisa
Conteúdo	▪ Sentimentos e comportamentos sexuais ▪ DST's ▪ Puberdade	▪ Aspectos fisiológicos da sexualidade ▪ DST's ▪ Gravidez não desejada ▪ Contraceção
Metodologias	▪ Pergunta/resposta ▪ Conversa síncrona on-line (<i>chats</i>) ▪ Glossário ▪ Exposição escrita da informação	▪ Jogos (palavras cruzadas) ▪ Pergunta/resposta ▪ Consulta em linha ▪ Sugestões/comentários ▪ Questionários

Quadro 6 – Descrição dos sites “I WANNA KNOW” e “CJASM”

Anexo 2

**Autorização da *Fundação Schering Lusitana* para a utilização de
animações na construção do protótipo**

Autorização da *Fundação Schering Lusitana*

Após várias tentativas de contacto com a *Fundação Schering Lusitana*, conseguimos obter a seguinte resposta relativamente à autorização de utilização das animações em Flash existentes num CD-ROM da mesma, no nosso protótipo, dado que este é considerado um trabalho de investigação.

Página Web 1 de 1

De Help_Desk.Portugal@SCHERING.PT
Data Quarta-Feira, 19 de Abril de 2006, 11:47
Para marisavieirasilva@iol.pt
Assunto Re: tese de mestrado

Exma. Sra. Profª. Rosa Silva,
Agradecemos o seu contacto e informamos que, dado o objectivo científico do trabalho, temos todo o gosto em autorizar a utilização das animações que pretende para a sua tese de mestrado, com a habitual referência à fonte.
Com os melhores cumprimentos,
Schering Lusitana Lda.

<http://webmail.iol.pt/frame.html?rtfPossible=true&lang=pt>

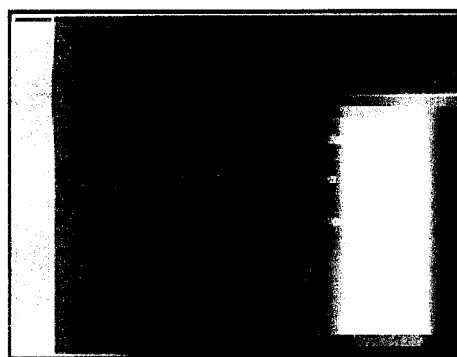
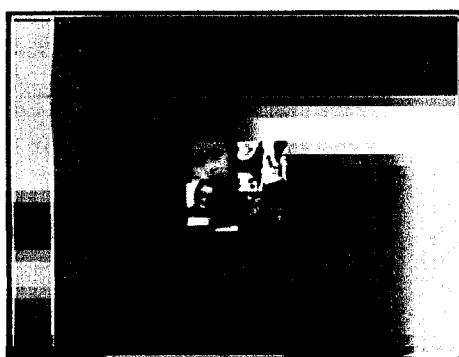
19-04-2006

Anexo 3

Guia de Utilização do Protótipo produzido

Guia de Utilização do Protótipo

O CD apresenta inicialmente a possibilidade do utilizador instalar no seu computador os programas do QuickTime, Shockwave e Hot Potatoes, caso não os possua e, que são necessários para a correcta visualização do CD. Depois seguem-se duas páginas introdutórias que permitem inferir que o mesmo foi construído como sendo um trabalho de investigação e onde também lhe será dada a oportunidade de saltar a animação e passar directamente à página inicial (figuras 35 a 37).



Figuras 35 e 36 – Páginas introdutórias do CD



Figura 37 – Página Inicial

Para explorar o conteúdo do CD, clicar no botão "entrar" (figura 38) que se encontra no canto inferior direito da página inicial e passamos para o menu principal.



Figura 38 – Botão para entrar

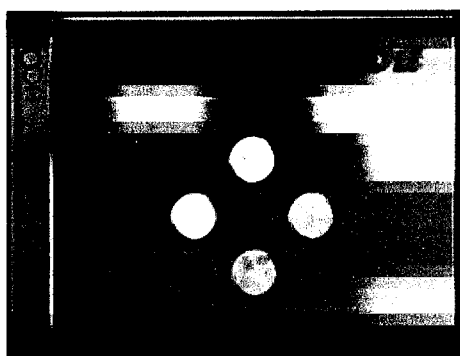


Figura 39 – Menu Principal

No menu principal são disponibilizados 4 temas distintos relativos às várias dimensões da sexualidade. Cada tema tem uma cor específica e um ícone associado, com intuito de os podermos distinguir e fornecer um efeito visual mais atractivo.

-  Tema 1 – Corpo em crescimento – cor amarela
-  Tema 2 – Expressões da sexualidade – cor laranja
-  Tema 3 – Relações interpessoais – cor rosa
-  Tema 4 – Saúde sexual e reprodutiva – cor verde

Ainda no menu principal existe um botão para voltar ao início do CD (figura 40) que se encontra no lado superior esquerdo da página.



Figura 40 – Botão para voltar início do CD

No menu principal, assim como em todas as páginas do CD, podemos encontrar um botão de “som”, para ouvir o som que se encontra disponível (figura 41), se clicar sobre o mesmo, este muda para a forma de botão “sem som” (figura 42).



Figuras 41 e 42 – Botão de “som” e botão “sem som”

Para sair do menu principal existe um botão com a forma de mão (figura 43) que se encontra no parte inferior esquerda da página que nos leva à página de saída.



Figura 43 – Botão para sair

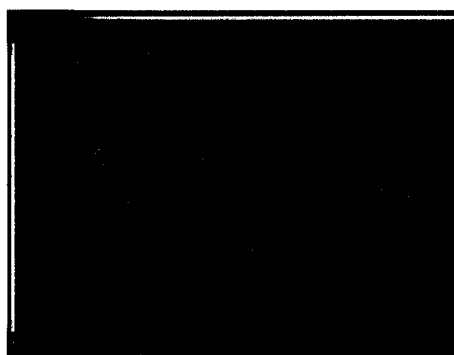


Figura 44 – Página de saída

Na página de saída clicar no botão “Sim”, para sair do protótipo, ou clicar no botão denominado “Não”, para voltar ao menu principal.

Novamente no menu principal para seleccionarmos o tema que queremos explorar, passar o cursor por cima do ícone que se encontra associado ao tema. Por

exemplo se quisermos seleccionar o tema 1 – “Corpo em Crescimento”, este automaticamente ficará destacado em relação aos restantes temas.

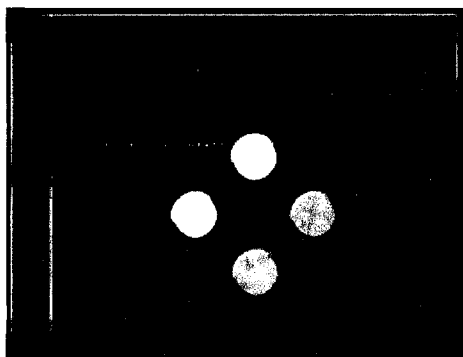


Figura 45 – Menu principal com o tema 1
“Corpo em Crescimento” seleccionado

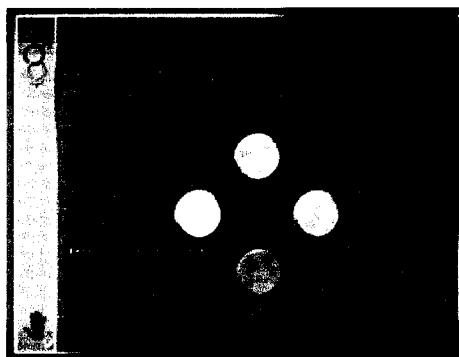


Figura 46 – Menu principal com o tema 2
“Expressões da Sexualidade” seleccionado

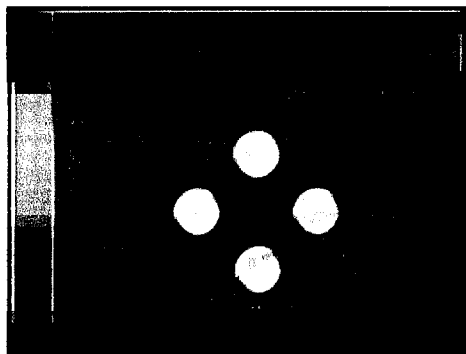


Figura 47 – Menu principal com o tema 3
“Relações Interpessoais” seleccionado

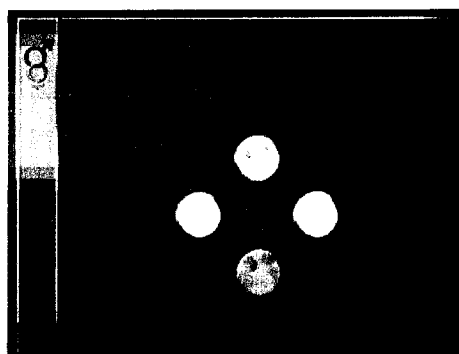


Figura 48 – Menu principal com o tema 4
“Saúde Sexual e Reprodutiva” seleccionado

Por uma questão de organização, os temas encontram-se ordenados de 1 a 4 como modo de facilitar a sua explicação neste guia de utilização, o que não indica, aquando da exploração deste CD pelo utilizador, que o mesmo tenha que necessariamente seguir esta ordem.

Ao clicar em cada um dos temas passamos para o menu de cada um deles.

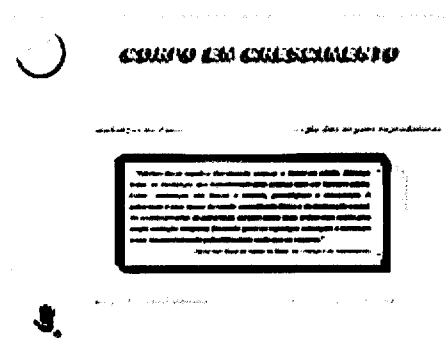


Figura 49 – Menu do tema “Corpo em Crescimento”

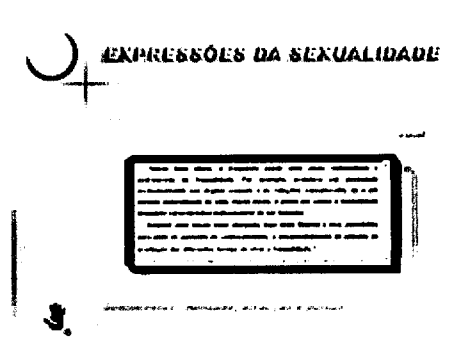


Figura 50 – Menu do tema “Expressões da Sexualidade”

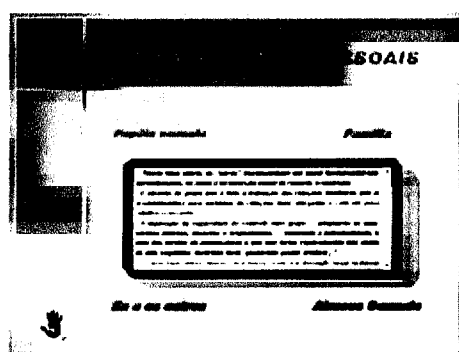


Figura 51 – Menu do tema “Relações Interpessoais”

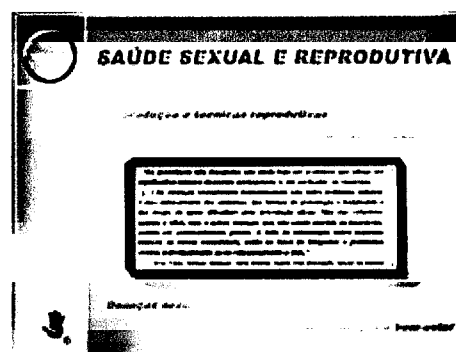


Figura 52 – Menu do tema “Saúde Sexual e Reprodutiva”

O menu de cada tema encontra-se dividido em sub-temas e apresenta uma introdução geral ao mesmo, assim como os objectivos que se pretendem alcançar com a sua exploração. Em cada menu, é também dada a possibilidade ao utilizador de ouvir a introdução se o mesmo clicar no botão de audição adicional.

Para explorar outro tema regressámos ao menu principal clicando no ícone que se encontra no canto superior esquerdo da página principal de cada tema que, quando seleccionado, exhibe o botão “Menu”.

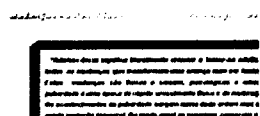
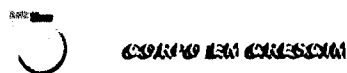


Figura 53 – Botão para voltar ao menu principal

Ao clicar num dos sub-temas de qualquer tema encontramos uma página inicial com uma sugestão de abordagem sobre o mesmo.

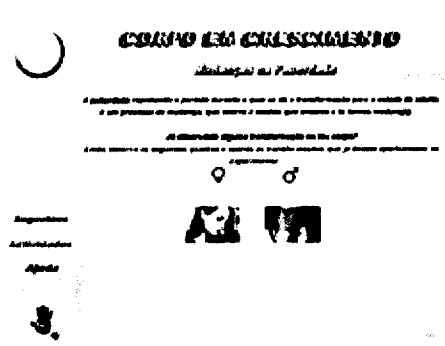


Figura 54 – Página inicial do sub-tema "Mudanças na Puberdade"

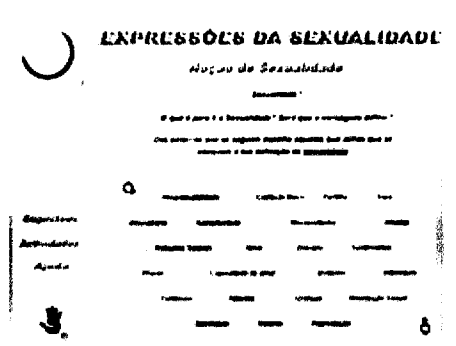


Figura 55 – Página inicial do sub-tema "Noção de Sexualidade"

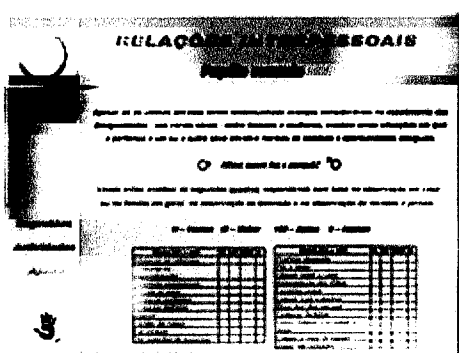


Figura 56 – Página inicial do sub-tema "Papéis Sexuais"

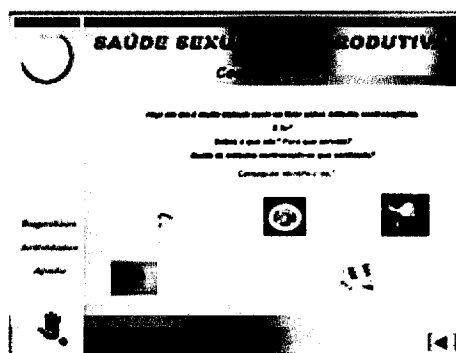


Figura 57 – Página inicial do sub-tema "Contraceção"

Com o intuito de nos situarmos no CD, todas as páginas dos sub-temas encontram-se devidamente identificadas no cabeçalho com o nome do tema e do sub-tema que nos encontramos a explorar.

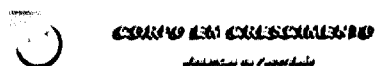


Figura 58 – Cabeçalho da página do sub-tema Mudanças na Puberdade

Na página inicial de cada sub-tema podemos encontrar também uma barra lateral situada no lado esquerdo, que contém botões para as páginas de “Sugestões”, “Actividades” e “Ajuda”, sobre a abordagem do mesmo.

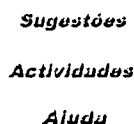
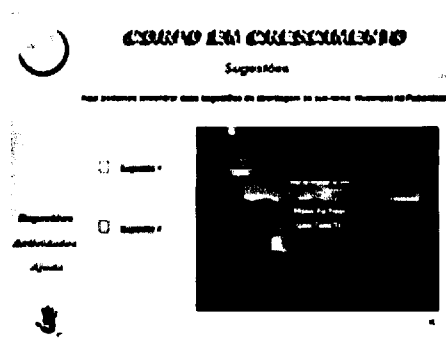
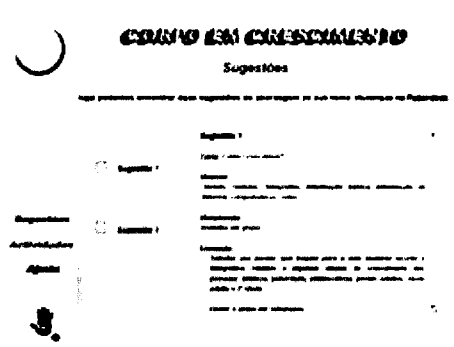
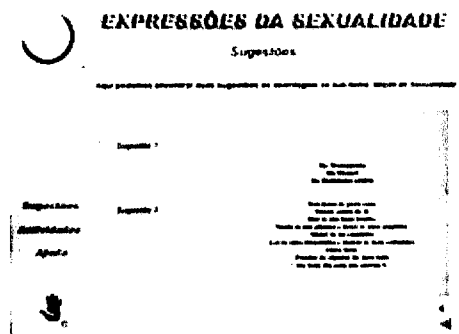
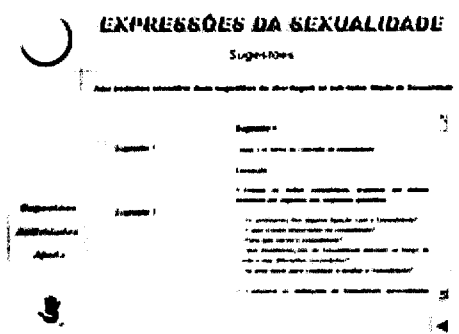


Figura 59 – Barra lateral da página

Ao clicar no botão das “Sugestões” encontramos uma página com outras sugestões de abordagem ao sub-tema, o que permitirá uma discussão mais alargada do mesmo. Na página das sugestões (devidamente identificada no cabeçalho) ao clicar em sugestão 1, esta aparecerá dentro de uma moldura no lado direito da página.



Figuras 60 e 61 – Páginas das sugestões 1 e 2 do sub-tema “Mudanças na Puberdade”



Figuras 62 e 63 – Páginas das sugestões 1 e 2 do sub-tema “Noção de Sexualidade”

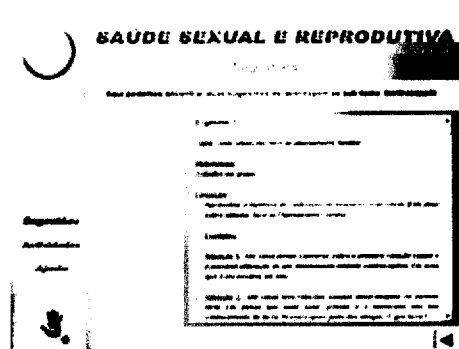
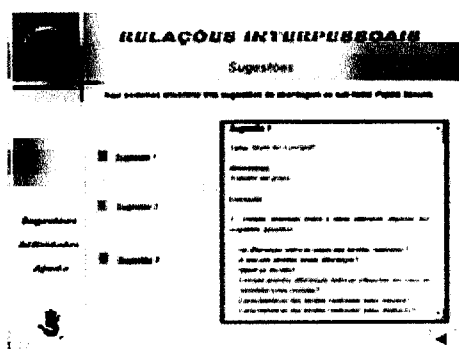
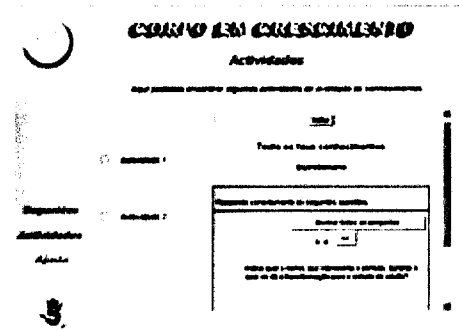
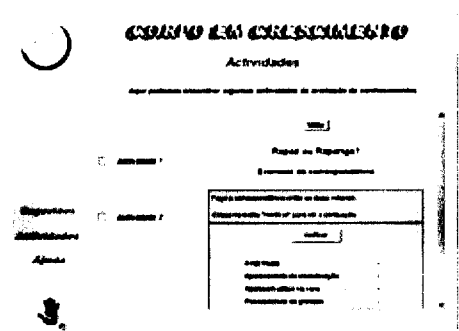


Figura 64 – Página da sugestão 1 do sub-tema “Papéis Sexuais”

Figura 65 – Página da sugestão 1 do sub-tema “Contraceção”

Para explorar a página das actividades, clicar no botão “Actividades” e automaticamente passamos para a mesma.

Nesta página que se encontra devidamente identificada no cabeçalho, podemos encontrar algumas actividades onde o utilizador pode testar alguns conhecimentos adquiridos durante a abordagem do sub-tema.



Figuras 66 e 67 – Páginas das actividades 1 e 2 do sub-tema “Mudanças na Puberdade”

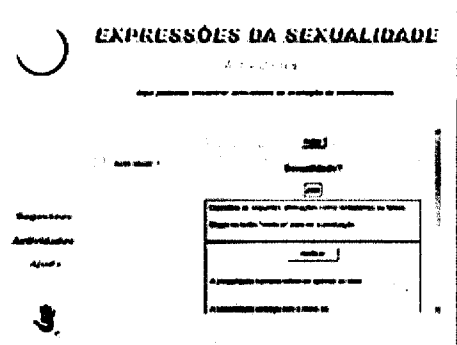


Figura 68 – Página da actividade 1 do sub-tema “Noção de Sexualidade”

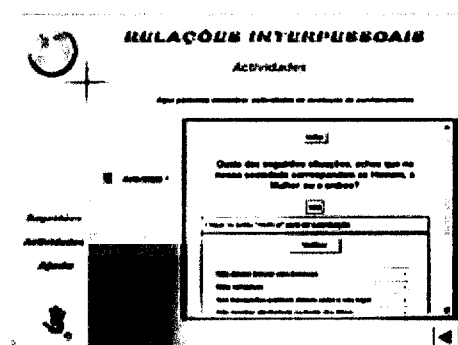
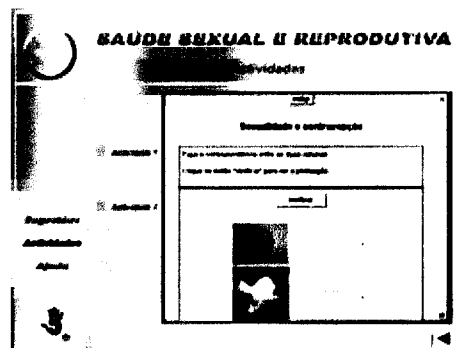
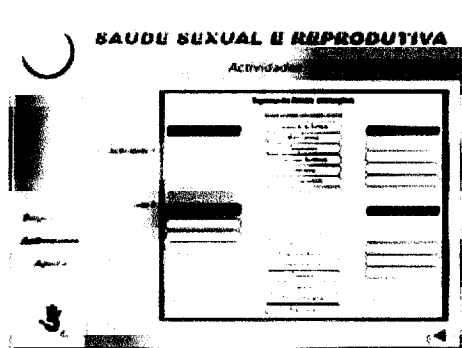


Figura 69 – Página da actividade 1 do sub-tema “Papéis Sexuais”



Figuras 70 e 71 – Páginas das actividades 1 e 2 do sub-tema “Contraceção”

Se for necessária ajuda para a exploração do tema ou para a realização das actividades, clicar no botão “Ajuda”. Esta página serve de complemento ao sub-tema que se encontra em abordagem no caso de haver dúvidas sobre o mesmo.

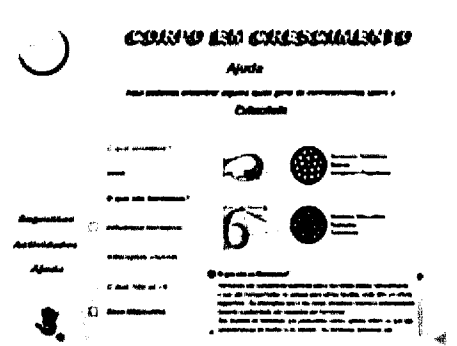


Figura 72 – Página da ajuda do sub-tema “Mudanças na Puberdade”

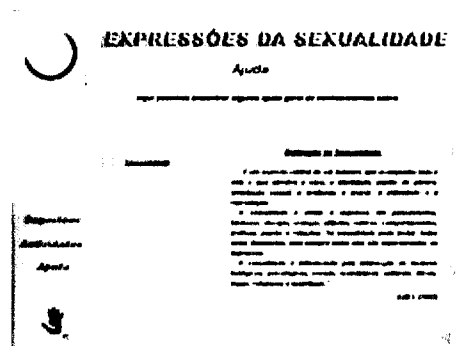


Figura 73 – Página da ajuda do sub-tema “Noção de Sexualidade”

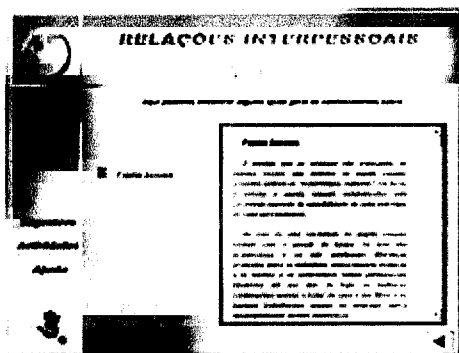


Figura 74 – Página da ajuda do sub-tema "Papéis sexuais"

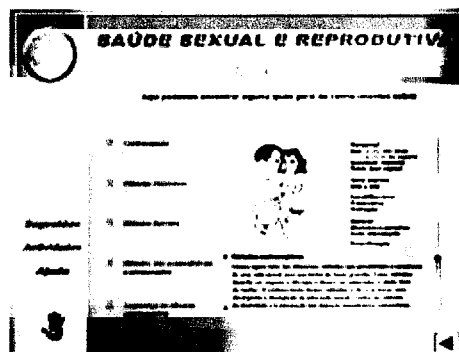


Figura 75 – Página da ajuda do sub-tema "Contracepção"

Para voltar à página inicial de cada sub-tema clicar no botão de retroceder.



Figura 76 – Botão para voltar à página inicial do sub-tema 1 "Mudanças na Puberdade" (por exemplo)

Para voltar ao menu de cada tema, clicar no ícone que se encontra no canto superior esquerdo da página que, quando seleccionado, exhibe o botão "Voltar".



Figura 77 – Botão para voltar ao menu do tema 1 "Corpo em Crescimento" (por exemplo)

Para sair do CD, de qualquer página, seleccionar o botão de saída e clicar no mesmo, passando para a página de saída do CD.



Figura 78 – Botão para sair

Anexo 4

Caracterização da Amostra

Caracterização da amostra	
Total	24
1. Idade	
Menos de 25 anos	0
De 25 a 30 anos	3
De 31 a 40 anos	14
De 41 a 50 anos	5
Mais de 50 anos	2
2. Sexo	
Feminino	19
Masculino	5
3. Categoria Profissional	
Professor de QND	15
Professor de QNP	0
Professor de QZP	1
Não profissionalizado com Habilitação Profissional	2
Contratado(a)	6
Estagiário(a)	0
Outra	0
4. Grupo Disciplinar/ Disciplina	
4ºA / Física e Química	2
8ºA / Língua Portuguesa	5
8ºB / Francês	2
9º / Inglês	2
10ºA / História	2
11º / Matemática	4
11ºA / Geografia	1
11ºB / Ciências Naturais	1
Educação Física	2
Expressões/Educação artística	1
Educação Tecnológica	2

Quadro 7 - Caracterização da amostra

Anexo 5

Questionário

Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Trabalho de Investigação de Mestrado em Educação Multimédia

As questões que se seguem neste questionário destinam-se a uma investigação promovida, no âmbito do Mestrado em Educação Multimédia, sobre a análise dos conhecimentos e opiniões dos Professores face ao tema da Sexualidade e a relação entre essas opiniões e o modo de abordagem do tema aos alunos.

As respostas dadas a este questionário são confidenciais.

Desde já agradecemos a sua colaboração.

Parte I – Caracterização do respondente.

Assinale com uma cruz “x” a situação que lhe corresponde ou responda no espaço disponível.

1. Idade

- | | |
|------------------|----------------------------|
| Menos de 25 anos | 1 ☐ |
| De 25 a 30 anos | 2 ☐ |
| De 31 a 40 anos | 3 ☐ |
| De 41 a 50 anos | 4 ☐ |
| Mais de 50 anos | 5 ☐ |

2. Sexo 1 F ☐ 2 M ☐

3. Categoria profissional

- | | |
|---|----------------------------|
| Professor de Quadro de Nomeação Definitiva | 1 ☐ |
| Professor de Quadro de Nomeação Provisória | 2 ☐ |
| Professor de Quadro de Zona Pedagógica | 3 ☐ |
| Não profissionalizado com Habilitação Própria | 4 ☐ |
| Contratado(a) | 5 ☐ |
| Estagiário(a) | 6 ☐ |
| Outra | 7 ☐ |
| Qual? _____ | |

4. Grupo disciplinar a que pertence _____

5. Disciplina (s) que lecciona _____

6. Níveis que lecciona _____

Parte II – Conhecimentos e opiniões relacionadas com a sexualidade

Assinale com uma cruz “X” a situação que lhe corresponde ou responda no espaço disponível. Nas questões que exigem desenvolvimento da resposta se não for suficiente o espaço atribuído, identifique-a e responda no verso da folha.

1. Considera importante a abordagem do tema da Sexualidade nas Escolas?

Sim	Não
1 ☐	2 ☐

2. A abordagem da sexualidade deveria ser introduzido no Ensino Básico ou no Ensino Secundário?

E.B.	E.S.
1 ☐	2 ☐

3. Considera-se uma pessoa com conhecimentos sobre o tema da sexualidade?

Nada ou muito pouco	Pouco	Razoavelmente	Bastante ou muito
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐

4. Tem conhecimento de algum tipo de materiais educativos utilizados no ensino da sexualidade?

Sim	Não
1 ☐	2 ☐

4.1 Se respondeu sim, indique quais?

5. Tem conhecimento de algum tipo de estratégias que sejam utilizadas pelos professores no ensino da sexualidade?

Sim	Não
1 ☐	2 ☐

5.1 Se respondeu sim, indique quais?

6. Considera-se uma pessoa com interesse pelo tema da sexualidade?

Nada ou muito pouco	Pouco	Razoavelmente	Bastante ou muito
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐

7. Considera-se suficientemente à vontade para falar sobre a sexualidade com os alunos?

Nada ou muito pouco	Pouco	Razoavelmente	Bastante ou muito
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐

8. Acha que possui informação suficiente para falar de sexualidade com os alunos?

Nada ou muito pouco

1 ☐

Pouco

2 ☐

Razoavelmente

3 ☐

Bastante ou muito

4 ☐

9. O que acha mais importante um professor possuir para falar de sexualidade?

10. Já frequentou acções de formação relacionadas com o tema da sexualidade?

Sim

1 ☐

Não

2 ☐

10.1 Se respondeu sim, indique quais?

10.2 Se respondeu não, como acha que pode ter formação sobre o tema?

11. O que acha que é mais importante falar na sexualidade?

12. Quais os “sub-temas” do tema sexualidade que acha que são mais difíceis de abordar?

Corpo em crescimento

1 ☐

Relações interpessoais

2 ☐

Expressões da Sexualidade

3 ☐

Saúde sexual e reprodutiva

4 ☐

12.1 Porquê?

13. E os mais fáceis?

Corpo em crescimento

1 ☐

Relações interpessoais

2 ☐

Expressões da Sexualidade

3 ☐

Saúde sexual e reprodutiva

4 ☐

13.1 Porquê?

14. Acha que todos os professores deviam falar com os alunos sobre o tema da sexualidade?

	Sim	Não
1	☐	☐

14.1 Se respondeu não, indique porquê?

15. Acha que a “Educação Sexual” ou a “Educação para a Sexualidade” devia ser uma disciplina autónoma das restantes?

	Sim	Não
1	☐	☐

15.1 Justifique a sua resposta.

16. Qual o perfil que acha que um professor deve ter numa aula sobre o tema da sexualidade?

17. Já alguma vez abordou o tema da sexualidade em alguma aula com os seus alunos?

	Sim	Não
1	☐	☐

17.1 Se respondeu sim, em qual?

17.2 Qual foi a motivação dos alunos?

Nada ou muito pouco	Pouco	Razoavelmente	Bastante ou muito
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐

18. Acha que o uso da multimédia seria motivador para os alunos no ensino do tema da sexualidade?

Nada ou muito pouco	Pouco	Razoavelmente	Bastante ou muito
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐

Parte III – Apreciação do software educativo – “Protótipo de CD-ROM sobre a Sexualidade”.

Assinale com uma cruz “X” a situação que lhe corresponde ou responda no espaço disponível. Nas questões que exigem desenvolvimento da resposta se não for suficiente o espaço atribuído, identifique-a e responda no verso da folha.

1. Considera a linguagem do protótipo, clara, explícita e acessível aos alunos?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

2. Considera o aspecto visual do protótipo, motivador e agradável para os alunos?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

3. Acha que a quantidade de informação inserida no protótipo, é explícita e acessível aos alunos?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

4. Considera as estratégias utilizadas no protótipo adequadas a cada sub - tema da sexualidade?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

5. Considera os recursos utilizados no protótipo adequados a cada sub - tema da sexualidade?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

6. Considera como realistas os recursos utilizados no protótipo?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

7. Considera que o protótipo aborda o essencial de cada um dos sub-temas da sexualidade?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

8. Considera coerente a construção do protótipo ao nível das imagens, som e texto?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

9. Considera favorável a utilização da multimédia na abordagem do tema da sexualidade?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

10. Considera que este protótipo possa apenas ser explorado por professores?

Sim	Não
1 ☐	2 ☐

10.1 Se respondeu não, indique porquê?

11. Considera este protótipo como uma ferramenta de ajuda à introdução dos temas da sexualidade?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

12. Considera que com esta ferramenta seja mais fácil introduzir o tema da sexualidade?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

12.1 Se respondeu Discordo, indique porquê?

13. Pensa que com esta ferramenta os professores se iriam sentir mais à vontade para falar sobre a sexualidade com os alunos?

Sim	Não
1 ☐	2 ☐

13.1 Se respondeu não, indique porquê?

14. Serão os alunos mais motivados para o tema da sexualidade, pelo facto de ser utilizada a multimédia?

Discordo plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo plenamente
1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐

15. Acha que fará alguma diferença introduzir o tema através da multimédia?

Sim	Não
1 ☐	2 ☐

15.1 Se respondeu não, indique porquê?

Muito obrigada pela sua colaboração

Marisa Silva
